

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ARQUIVOS DO MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL

VOLUME I

BELO HORIZONTE / MG / 1974



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MINAS GERAIS

**ARQUIVOS DO
MUSEU DE
HISTÓRIA NATURAL**

VOLUME I
BELO HORIZONTE/MG/1971



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MINAS GERAIS

ARQUIVOS DO
MUSEU DE
HISTÓRIA NATURAL

VOLUME I
BELLO HORIZONTE / MG / 1971

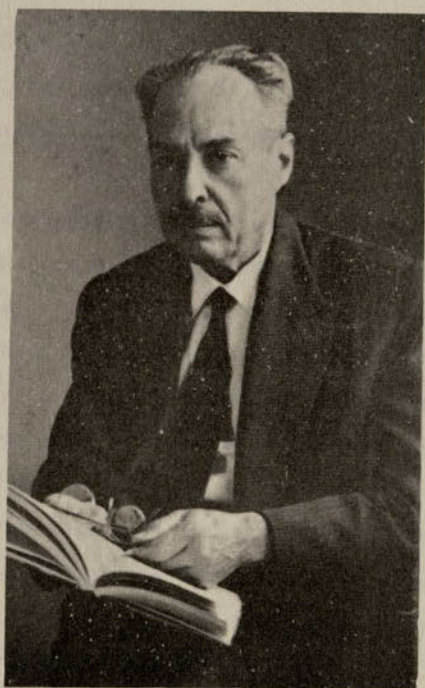


Com a presente publicação o MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL da Universidade Federal de Minas Gerais inaugura a sua série "ARQUIVOS", com a qual pretende lançar um novo elemento de divulgação dos resultados da pesquisa científica nas várias áreas das Ciências Biológicas.

Assim sendo, com mais esta iniciativa do seu mais novo órgão, a Universidade procura, juntamente com outras atividades desenvolvidas, se colocar ao lado das Instituições que promovem o ensino e a pesquisa.

Sérgio Ypiranga Pinto

EDITOR



LAURO TRAVASSOS
1890 - 1970

LAURO TRAVASSOS

LAURO PEREIRA TRAVASSOS nasceu a 2 de julho de 1890, em Angra dos Reis Estado do Rio de Janeiro. Foi seu pai o Sr. João de Mattos Travassos, coronel da Guarda Nacional e fazendeiro naquela cidade, e sua mãe Da. Laura Pereira Travassos.

Fez seu curso secundário no tradicional Colégio Alfredo Gomes, no Rio de Janeiro, formando-se médico pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Ainda estudante, fez o curso do Instituto Oswaldo Cruz, dedicando-se muito cedo ao estudo dos vermes. Obteve o grau de Doutor em 1913, defendendo tese sobre Helminologia, assunto, então, quase desconhecido em nosso meio.

Toda a sua carreira de pesquisador incansável foi feita no Instituto Oswaldo Cruz, tendo sido aluno e grande admirador do inesquecível mestre Oswaldo Cruz, fundador de Manguinhos. Foi aluno do curso, assistente, Chefe de Serviço e Diretor da Divisão de Zoologia Médica daquele Instituto, cargo em que o atingiu a aposentadoria por idade, aos 70 anos, poucos meses depois de ter também completado 50 anos de efetivo exercício.

Foi professor catedrático, por concurso, da cadeira de Parasitologia da Escola Nacional de Veterinária, Professor de Zoologia da Escola de Ciências da Universidade do Distrito Federal (Rio de Janeiro), Professor de Parasitologia da Faculdade de Medicina de São Paulo (1926-1928), cargo que deixou para ir, por um ano, 1929, ministrar o Curso de Helminologia, aceitando convite do Instituto de Medicina Tropical de Hamburgo, e Professor de Helminologia no Curso de Especialização do Instituto Oswaldo Cruz.

Foi examinador nos concursos para cátedras de Biologia, Higiene, Parasitologia e de vários cargos médicos. Foi Diretor da Escola Nacional de Veterinária, Presidente e sócio da Sociedade de Biologia do Brasil, da Sociedade En-

II

tomológica do Brasil, Socio Honorário da Sociedade Brasileira de Entomologia, Presidente de Honra da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, Membro Efetivo da Academia Brasileira de Ciências, Membro Honorário da Academia Nacional de Expedições Artísticas e Científicas, do Helminthological Society de Washington, Zoological Society de Londres, da Academia Nazionale dei Lincei em Roma e da Lepidopterist Society nos Estados Unidos; o maior explorador da Zoolo-
gia continental, tendo escrito a mais vasta contribuição científica em nosso meio, raramente igualada no estrangeiro.

Mestre de mestres, LAURO PEREIRA TRAVASSOS criou discípulos por toda parte e sua escola zoológica é das melhores do mundo pelo padrão científico de seus trabalhos, sempre merecendo no estrangeiro uma grande admiração, e considerado como o herdeiro e continuador de Oswaldo Cruz pela sua capacidade de fazer discípulos e criar escolas. Pelo seu notável e acolhedor laboratório de Manginhos passaram muitas personalidades do mundo científico nacional e estrangeiro.

Ajudava a todos os que revelavam capacidade e desejo de se tornarem biólogos. Fornecia material de estudo, estímulo e amparo, não raramente lhes escrevendo o primeiro trabalho que fazia publicar omitindo a sua própria colaboração. O fruto dessa dedicação constante pode se medir pelo número de discípulos e seguidores que deixou, dos quais pelo menos 36 publicaram ou ainda publicam os resultados de suas próprias pesquisas e observações, entre eles três de seus filhos.

Todas as instituições zoológicas nacionais lhe devem muito. Quase todos os zoólogos do país ou foram seus discípulos ou pertencem ao seu círculo. É pois, com razão, que seus discípulos e admiradores o consideravam mais do que um grande zoólogo, pois foi o "Apóstolo da Zoologia" no Brasil.

Foi casado com Da. Odette Pereira Travassos, a companheira que sempre o compreendeu e estimulou. Deixou quatro filhos: Heraldo Pereira Travassos, dedicado a profissão liberal; Odete Pereira Travassos, Biologista do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Haroldo Pereira Travassos, Médico, Professor titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Cientista-Chefe do Programa de Pesquisa e Desenvolvimento Pesqueiro do Brasil - FAO; e Lauro Pereira Travassos Filho, Médico., Ex-Biologista e ex-Chefe do Serviço de Invertebrados do Departamen-

to de Zoologia da Secretaria da Agricultura, atual Chefe da Seção de Parasitologia e Diretor da Divisão de Extensão Cultural, cargos do Instituto Butantan da Secretaria da Saúde de São Paulo.

Em março de 1960, enquanto se achava autopsiando búfalos vítimas de verminose em São Paulo de Olivença, Amazonas, completou 50 reais anos de serviço público federal, pois não computavam em seu favor períodos de licença-prêmio ou férias e, ao completar os 70 anos, em 2 de julho desse mesmo ano, não se considerou dispensado pela compulsória de idade, das obrigações de dedicado funcionário público, continuando com as mesmas atividades de pesquisador emérito e invulgar exemplo de dedicação à ciência zoológica, posto em que permaneceu até outubro de 1968, quando foi acometido de doença cardíaca; vencida a crise, mudou-se para o hospital de Manguinhos, onde continuou a colaborar nas pesquisas que vinha realizando.

No início da Segunda Grande Guerra, foi convocado face aos seus conhecimentos parasitológicos, para a Reserva do Exército Nacional, no posto de Tenente - Coronel Médico.

Em 1959, o Presidente da República, em Decreto do Ministério da Saúde, pelos "relevantes serviços prestados à Medicina Nacional", nomeou LAURO TRAVASSOS para a "Ordem do Mérito Médico" no grau de Comendador.

Em 1968, as seguintes palavras iniciaram homenagem que lhe foi muito significativa: "Ao Prof. Lauro Travassos um dos maiores colaboradores de Oswaldo Cruz grande e respeitadíssimo Mestre da Helminologia, autor de aproximadamente 400 publicações, sobretudo atinentes a nematoides e lepidópteros, a Lauro Travassos atribui-lhe esta venerável Academia Nacional de Medicina a Lãurea "Alfred Jurzykowski", pela extraordinária obra cumprida e pelo renome universal que grangeou, no campo da procura científica, para a Ciência Brasileira".

Até julho de 1960, data da simbólica "aposentadoria pela idade de 70 anos", publicara LAURO TRAVASSOS 364 trabalhos entre pequenas notas, monografias, discursos e memórias, num total de cerca de 4.235 páginas ilustradas com 5.197 desenhos, a grande maioria confeccionados por ele próprio, desenhando em câmara - clara os originais, copiando ele mesmo as figuras de outros autores que desejava citar, sempre com as devidas indicações bibliográficas.

IV

De julho de 1960 a novembro de 1970 foram publicados mais de 76 trabalhos seus, a maioria em colaboração com os seus assistentes mais chegados, num total de 1.380 páginas ilustradas com 1.078 figuras, num total geral impressionante de 5.615 páginas ilustradas com 6.275 figuras.

É provável que ainda surjam trabalhos com o nome de LAURO TRAVASSOS, face ao cabedal imenso que deixou, em colaboração com os seus assistentes, em notas, desenhos a lápis (os "calungas" como ele os chamava) e indicações em suas próprias separatas.

Sua fisionomia se iluminou quando, em começo de 1970, lhe foi apresentado o volume impresso da obra que muito queria ver em letra de forma: Trematódeos do Brasil, em colaboração com dois de seus mais próximos companheiros de laboratório, com 887 páginas e 557 figuras.

A última homenagem que lhe foi prestada em vida foi a concessão, em outubro de 1968, do título de "Cidadão do Estado da Guanabara".

Faleceu no dia 20 de novembro de 1970, no Hospital Evandro Chagas do Instituto Oswaldo Cruz, em Manguinhos. LAURO TRAVASSOS dizia que "Só a morte vence o trabalho". Ele entrou para o Instituto quando era Diretor o próprio Fundador, o Dr. Oswaldo Cruz; por singular coincidência coube, em 1970, ao Dr. Oswaldo Cruz Filho, então Diretor do Instituto, dar as despedidas ao vencido apenas pela morte: LAURO TRAVASSOS.

I N D I C E

- Ocorrência de Haemoproteus columbae Kruse, 1890 em pombos domésticos e influência do vírus do epiteloma contagioso na parasitemia. JOSÉ OSWALDO COSTA & HÉLIO M. A. COSTA 1
- Contribuição ao estudo da Formação Areado. ROBERTO CARDOSO 7
- Peixes de água doce do estado da Guanabara. SÉRGIO YPIRANGA PINTO 49
- A quetotaxia do campo genital e a taxinomia em pseudoscorpiones. JOSÉ LACERDA DE ARAUJO FEIO 127
- Ocorrências de Excorallana subtilis (Hansen), Excorallana oculata (Hansen), Excorallana warmingii (Hansen) e descrição de uma espécie nova Excorallana bicornis do litoral norte do Brasil. ALCEU LEMOS DE CASTRO & IDALINA MARIA BRASIL LIMA 135
- Ictiofauna de Minas Gerais. VI - Duas novas ocorrências de cipriniformes em águas mineiras (Actinopterygii). VITÓRIA BRANT & SÉRGIO YPIRANGA PINTO ...143
- Ictiofauna de Minas Gerais. VII - Um novo serrasalmídeo do estado de Minas Gerais, Brasil (Actinopterygii, Cypriniformes). VITÓRIA BRANT 147

OCORRÊNCIA DE HAEMOPROTEUS COLUMBAE KRUSE, 1890 EM POMBOS DOMÉSTICOS E INFLUÊNCIA DO VIRUS DO EPITELIOMA CONTAGIOSO NA PARASITEMIA.

(com 2 figuras)

José Oswaldo Costa & Hélio M.A. Costa*
Depto. de Zoologia e Parasitologia
ICB - UFMG

Compulsando a bibliografia especializada, verifica-se a ausência de registro de Haemoproteus columbae em pombos domésticos (Columba livia domestica) de Minas Gerais, apesar da crença generalizada de que o mencionado esporozoário o corresse neste Estado.

Ao que parece, no Brasil, ARAGÃO (1907) foi o primeiro a estudar a biologia do parasita, no Rio de Janeiro. LUTZ & MEYER (1908) assinalaram Haemoproteus sp. em diversas aves brasileiras, inclusive em pombos domésticos capturados em São Paulo. CARINI & MACIEL (1916) referem-se ao achado do parasita em diferentes aves selvagens. DI PRIMIO (1934) assinala Haemoproteus columbae no Rio Grande do Sul. GIOVANNONI (1946) estudou a prevalência da infecção na cidade de Curitiba, Paraense (1949), ao estudar a ocorrência do Plasmodium juxtanucleare Versiani & Gomes, 1941 em aves silvestres de Minas Gerais, encontrou exemplares parasitados com Haemoproteus sp.

Recentemente, LEVINE & KANTOR (1959) fizeram uma revisão sobre parasitos sanguíneos em aves da Ordem Columbiformis e registraram dados existentes até aquela época sobre a prevalência de Haemoproteus em diversas áreas do Globo.

* Bolsista do Conselho Nacional de Pesquisas.

2/ Costa, J.O. & Costa, H.M.A. - Ocorrência de H. columbae Kruse, 1890 em pombos...

No presente trabalho, os autores assinalam o grau de prevalência de Haemoproteus columbae em dois municípios de Minas Gerais e relatam os resultados obtidos com a inoculação experimental do vírus do epiteloma contagioso em pombos, salientando particularmente a influência sobre a intensidade da infecção.

MATERIAL E MÉTODOS - Para a determinação da prevalência de infecção pelo H. columbae foram utilizados 231 pombos domésticos sendo 93 procedentes do município de Formiga e 138 de Belo Horizonte. De cada uma dessas aves tomaram-se dois esfregaços de sangue colhido de um ramo da veia axilar, os quais corados pelo método Giemsa. Para a determinação da negatividade do parasito percorriam-se extensivamente dois esfregaços.

Para a verificação da influência do vírus do epiteloma contagioso das aves (Bouba) sobre a parasitemia, foram utilizados duas amostras de vírus isolados de galinha: a 1a. com mais de sessenta passagens em pombos e a 2a. mantida em embrião de galinha. Para o estudo do comportamento de cada amostra foram utilizados 10 pombos positivos para H. columbae, os quais foram separados, por sorteio, em dois lotes: I - testemunhas e II - inoculados. A inoculação foi feita depenando-se a região do peito dos pombos e friccionando-se o material virulento. Dos pombos inoculados e testemunhas foram feitos esfregaços diários 8 dias antes e 8 após a inoculação, sempre entre 4-6 horas da tarde, corando-se pelo método Giemsa. A verificação da intensidade parasitária era feita por determinação da percentagem de hemátias parasitadas em aproximadamente 1.500 eritrócitos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO - I) Prevalência - Os exames de sangue revelaram a presença do hematozoário com a prevalência de 36,5% nos pombos procedentes de Formiga e 81% nos pombos de Belo Horizonte. Do total das aves examinadas (231) foram encontrados 63,2% parasitadas pelo hemoprotozoário. A grande diferença observada entre os pombos procedentes de Formiga e de Belo Horizonte, talvez possa ser explicada pelo fato dos pombos de Formiga terem sido obtidos de apenas dois pombais enquanto que os de Belo Horizonte eram de variadas origens. Acredita-se que isto realmente tenha influenciado, pois em duas amostras procedentes de Belo Horizonte a percentagem de infecção estava em torno de 50%. No cômputo geral o resultado es -

tã próximo do obtido por GIOVANNONI (1946) que encontrou um percentual de 57,7 entre 159 pombos examinados na cidade de Curitiba.

Devemos salientar que, embora o Haemoproteus seja considerado um protozoário de pouca importância patogênica, existem referências de diversos casos fatais, com parasitemia acentuada, como assinalaram GIOVANNONI (1946) e COATNEY (1933). No presente estudo não se procurou verificar a presença de sintomas clínicos.

II) Influência do vírus do epiteloma contagioso.

II-1 - Amostra mantida em pombos - Examinando-se os resultados obtidos nos pombos inoculados e testemunhas, verifica-se que a parasitemia manteve-se em nível relativamente constante nos pombos testemunhas. A média de gametócitos neste grupo foi de 2,26 para cada hematias; sendo 2,25 nos oito primeiros dias e 2,27 nos oito últimos dias; a amplitude de variação em torno da média foi normalmente baixa, exceto no terceiro dia das observações. Enquanto isto, entre os pombos inoculados (lote II) registrou-se a média geral de 5,30 gametócitos para cada 1.000 hemátias contadas, sendo que nos oito dias que antecederam à inoculação do vírus a média foi de 6,02 e nos dias que sucederam à inoculação, a média baixou para 4,58. Nota-se, também, que nos oito dias que antecederam à inoculação, somente no primeiro e quinto dias a média de gametócitos por 1.000 hemátias esteve um pouco abaixo da média geral; enquanto isto, do quarto dia em diante, após a inoculação notou-se uma tendência a decréscimo, sensivelmente abaixo da média geral do lote, ou do período (Gráfico I).

Os dados obtidos foram diferentes dos separados, pois a idéia inicial era de que a inoculação do vírus ocasionaria uma quebra de resistência e esperava-se, com isto, o aumento do número de gametócitos. Como tal não ocorreu, pensou-se na possibilidade de que a fraca reação ocasionada pelo vírus não tivesse sido suficiente para causar uma recaída na parasitemia pelo Haemoproteus columbae. Resolveu-se, então, repetir o experimento utilizando uma amostra mais virulenta, mantida em embrião de galinha.

II- 2- Amostra mantida em embrião de galinha - Os resultados mostram que com esta amostra de vírus houve uma recaída na parasitemia dos animais inoculados em comparação com os testemunhas (Gráfico II). A média geral do número

4/ Costa, J.O. & Costa, H.M.A. - Ocorrência de H. columbae Kruse, 1890 em pombos...

de hematias parasitadas nos pombos testemunhas (lote I) durante oito dias foi de 34. Para o mesmo lote a média nos oito dias seguintes foi de 28,78. Simultaneamente o lote II (inoculado) apresentou uma média de 16,72 hematias parasitadas nos dias que antecederam a inoculação; nos oito dias posteriores à inoculação esta média elevou-se para 93,32, pelo que se admite que o vírus tenha influenciado o curso da parasitemia por H. columbae.

Revendo-se o trabalho de COATNEY (1933), verifica-se que ele não conseguiu induzir recaídas, artificialmente, utilizando adrenalina, soro normal de cavalo, luz ultravioleta e fome. Entretanto, o próprio COATNEY (1933) admitiu a possibilidade de as recaídas estarem ligadas ao mecanismo de resistência. Se isto é verdade, pode-se admitir que, em casos de inoculação, como neste experimento, com excelente e duradoura reação ocasionada pelo vírus do epiteloma, levando as aves a um enfraquecimento progressivo que culmina com casos de morte, sobretudo a partir do oitavo dia da inoculação, resultaria a quebra de resistência e, consequentemente, a recaída registrada.

RESUMO

I - Para a determinação da prevalência de infecção por Haemoproteus columbae foram utilizados 231 pombos domésticos, sendo 93 procedentes do município de Formiga e 138 de Belo Horizonte. Os exames de sangue revelaram prevalência de H. columbae em 36,5 e 81% dos pombos procedentes de Formiga e Belo Horizonte, respectivamente. Do total de aves examinadas, 63,2% foram encontradas parasitadas pelo hematozoário.

II- Procurou-se ainda verificar a influência do vírus do epiteloma contagioso das aves sobre a parasitemia pelo H. columbae. Para tal dois grupos de pombos foram inoculados com duas amostras diferentes de vírus de bouba isolados de galinha; a primeira mantida por passagens sucessivas em pombos e a segunda adaptada a embrião de galinha. Com a primeira amostra não foi observada nenhuma mudança significativa no curso da parasitemia. Com a segunda amostra, os pombos inoculados tiveram um aumento, altamente significativo, do número de gametócitos na corrente sanguínea, pelo que se admite, em princípio, que o vírus tenha in-

fluenciado o curso da infecção pelo hematozoário.

SUMMARY

I - The prevalence of Haemoproteus columbae infection was determined among 231 domestic pigeons, 93 from Formiga County and 138 from Belo Horizonte County. Stained blood smears examined in microscope under oil immersion, revealed H. columbae infection in 36,5 and 81% of the birds from Formiga and Belo Horizonte, respectively. From the total number of birds examined (231) 63,2% were found parasitized with H. columbae.

II- Another experiment was performed to verify the influence of the fowl-pox virus in the natural course of H. columbae infection. Two strains of fowl pox virus were used for this purpose. The first one was adapted thru passages in the domestic pigeon and the second one was adapted to chicken embryo. Apparently - the first strain did not cause any effect in the course of the parasitemia. On the other hand, the second strain (Kept thru passages in chicken embryo), caused a relapse in the H. columbae infection of the pigeon.

It was concluded that the virus infection could have been the cause for this relapse phenomenon.

fluenciado o curso da infecção pelo hematozoário.

SUMMARY

I - The prevalence of Haemoproteus columbae infection was determined among 231 domestic pigeons, 93 from Formiga County and 138 from Belo Horizonte County. Stained blood smears examined in microscope under oil immersion, revealed H. columbae infection in 36,5 and 81% of the birds from Formiga and Belo Horizonte, respectively. From the total number of birds examined (231) 63,2% were found parasitized with H. columbae.

II- Another experiment was performed to verify the influence of the fowl-pox virus in the natural course of H. columbae infection. Two strains of fowl pox virus were used for this purpose. The first one was adapted thru passages in the domestic pigeon and the second one was adapted to chicken embryo. Apparently - the first strain did not cause any effect in the course of the parasitemia. On the other hand, the second strain (Kept thru passages in chicken embryo), caused a relapse in the H. columbae infection of the pigeon.

It was concluded that the virus infection could have been the cause for this relapse phenomenon.

6/ Costa, J.O. & Costa, H.M.A. - Ocorrência de H. columbae Kruse, 1890 em pombos...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAGÃO, H.B.

- 1907 Sobre o ciclo evolutivo do halterídio do pombo. Brasil Médico, 21 (141) : 301.

CARINI, A. & Maciel J.

- 1916 Quelques hémoparasites du Brésil. Bull Soc.Path.Exot., 9: 247-265

COATNEY, G.R.

- 1933 Relapse and associated phenomena in the Haemoproteus infection of the pigeon. Amer.J.Hyg., 18:133-160.

DI PRIMIO, R.

- 1934 Sobre a presença de Haemoproteus columbae no Rio Grande do Sul. Arq. Riograndense Med., 2: 80-81

GIOVANNONI, M.

- 1946 Fauna parasitológica paranaense. I- Haemoproteus columbae Celli & Sanfelice, 1891 em Columba livia domestica nos pombais de Curitiba. Arq. Biol. Tecnol. 1 (2): 19-24

LEVINE, N.D. & Kantor, S.

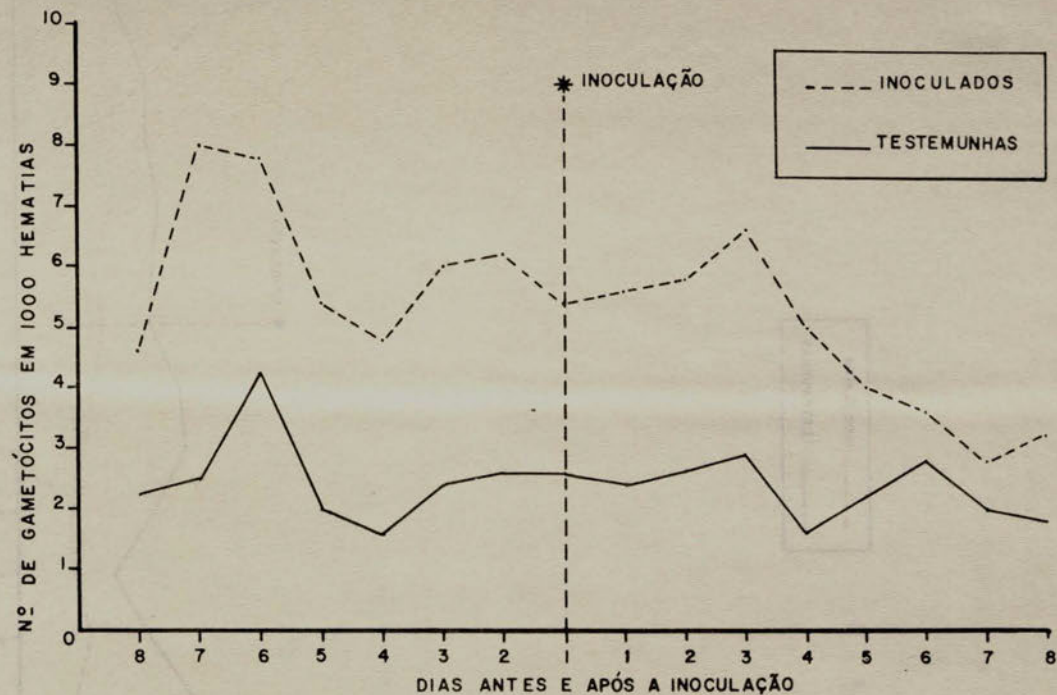
- 1959 Check-list of blood parasites of birds of the order Columbiformis. Wildl. Dis., 1:38 pp.

LUTZ A., & Meyer, C.

- 1908 Hematozoários endoglobulares. Rev. Med., São Paulo, 1908:177-183

PARAENSE, W.L.

- 1949 Um inquérito sobre a ocorrência de Plasmodium juxtannucleare em Bambuí (Estado de Minas Gerais) Mem. Inst. Oswaldo Cruz, 47(3/4):355-359.



- GRÁFICO I - INFLUÊNCIA DO VIRUS DO EPTELIOMA CONTAGIOSO DAS AVES (AMOSTRA MANTIDAS EM POMBOS) SÔBRE O NÚMERO MÉDIO DIÁRIO DE GAMETÓCITOS DE H. columbae POR 1000 HEMATIAS.

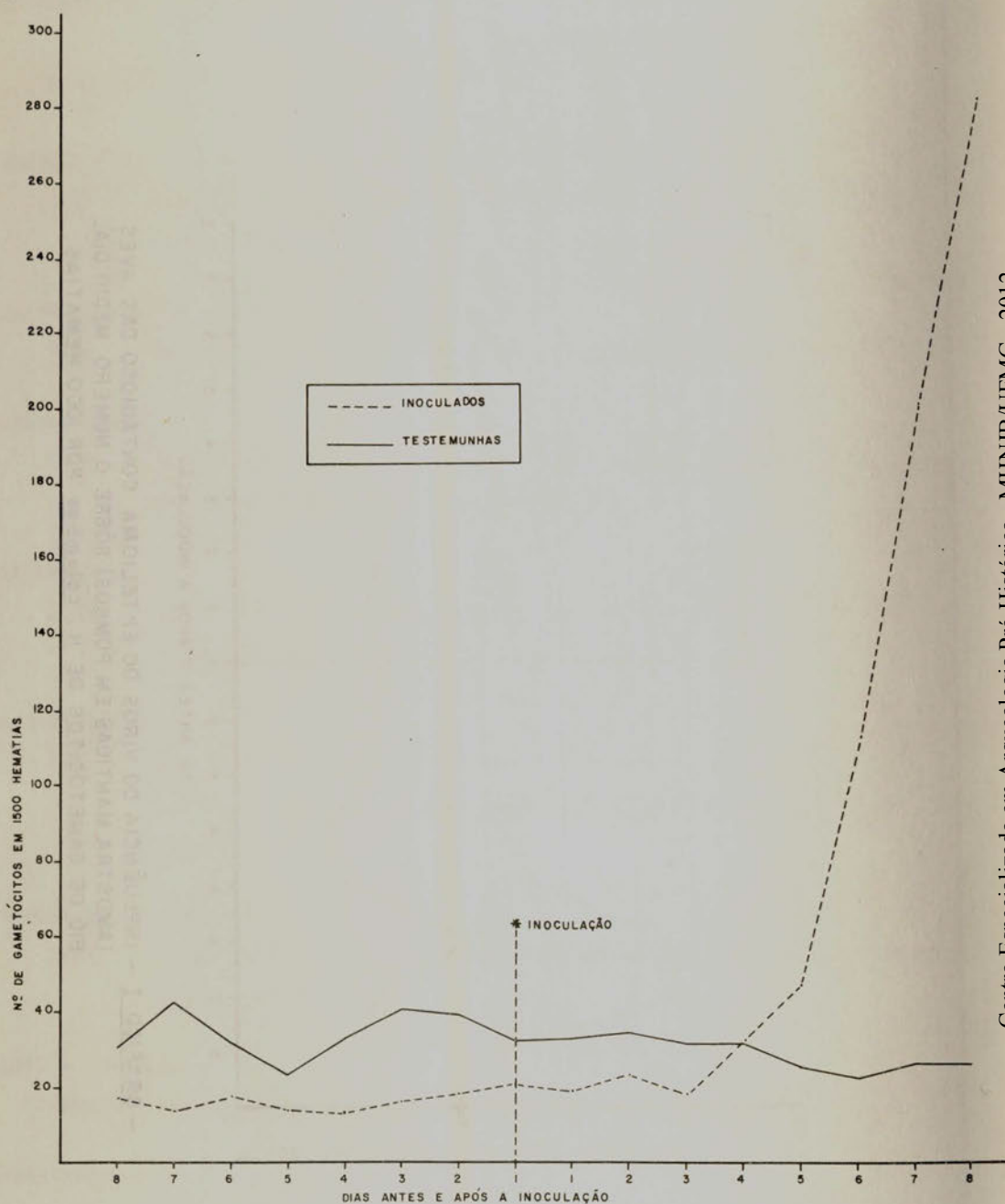


GRÁFICO II - INFLUÊNCIA DO VÍRUS DO EPITELIOMA CONTAGIOSO DAS AVES (AMOSTRA MANTIDA EM EMBRIÃO DE GALINHA) SOBRE O NÚMERO MÉDIO DIÁRIO DE GAMETÓCITOS DE *H. columbae* POR 1500 HEMATIAS.

CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DA FORMAÇÃO AREADO : ESTRATIGRAFIA E
DESCRIÇÃO DOS FILÓPODOS FÓSSEIS

R . N. Cardoso (1)

(1) Instituto de Geociencias, UFMG.

Trabalho realizado sob os auspícios do CNPq.

CONTEÚDO

Resumo

Summary

I - Introdução

II - Trabalhos prévios

III - Embasamento e áreas de ocorrência da Formação Areado

IV - Tectônica implicando a Formação Areado

V - Estratigrafia

1 - Posição da Formação Areado

2 - Nomenclatura estratigráfica

3 - Caracterização das unidades

4 - Relacionamento das unidades

5 - Seções geológicas

6 - Conteúdo paleontológico

7 - Relação das ocorrências fossilíferas

VI - Paleoecologia

VII- Idade da Formação Areado

VIII- Outras correlações

IX- Descrições Sistemáticas

X- Bibliografia

SUMMARY

The present paper deals with the stratigraphy of the Areado Formation, western Minas Gerais, as well the description of the fossil conchostraca

The stratigraphic division of the Areado Formation proposed by O. Barbosa (1965) who recognized three members (Abaetê, Quiricô and Três Barras) is adopted but with facies meaning.

Several conchostraca faunula are studied. The following taxa are described:

Palaeolimnadiopsis freibergi Cardoso sp.n.

Pteriograptia cf. reali Teixeira, 1960

Pseudestheria abaetensis Cardoso sp.n.

Pseudograptia cf. barbosai (Almeida), 1950

Stratigraphic and paleontological data support a Lower Cretaceous age for the Areado Formation.

SUMÁRIO

O presente trabalho versa sobre a estratigrafia da Formação Areado, oeste de Minas Gerais, bem como cuida da descrição dos conchostráceos fósseis nela encontrados.

Adotamos a divisão da Formação Areado proposta por O. Barbosa (1965), que reconheceu três unidades (membros Abaetê, Quiricô e Três Barras), mas com o significado de facies.

São estudados vários jazigos de conchostráceos. As determinações atingidas foram:

Palaeolimnadiopsis freibergi Cardoso sp.n.

Pteriograptia cf. reali Teixeira, 1960

Pseudestheria abaetensis Cardoso sp.n.

Pseudograptia cf. barbosai (Almeida), 1950

Os dados estratigráficos e paleontológicos reforçam a suposição da idade Cretáceo inferior para a Formação Areado.

I - INTRODUÇÃO

Visa o presente trabalho contribuir ao conhecimento da Formação Areado, que apresenta considerável importância na coluna do mesozóico continental do Estado de Minas Gerais.

A subdivisão da Formação Areado em três membros, proposta por O. BARBOSA (1965) é aceita, mas com o significado de fácies. Isto permitiu-nos particularizar a ambiência daquelas unidades.

Os conglomerados arenosos e arenitos conglomeráticos da Fácies Abaeté interpretamos como pedimentos que se distribuem esparsamente nas bordas da bacia; a Fácies Quiricó consideramos sedimentos lacustres internos; finalmente a Fácies Três Barras como fluviodeltática, predominante.

Os fósseis estudados são filópodos conchostráceos, sempre relacionados ao litofácies Quiricó. Mostraram-se úteis à correlação local. Uma das fâunulas mostra semelhança muito estreita com espécie originária do Grupo São Bento, Estado de São Paulo. Outra parece corresponder a uma espécie proveniente de Angola.

A Formação estudada consideramos vinculada à Bacia do São Francisco, não apresentando continuidade com a sedimentação cretácica da Bacia do Paraná.

O embasamento onde se assentam os estratos Areado, é constituído de rochas Bambuí. É capeada pela Formação Mata da Corda, constituída de tufos, lavas e material cinerítico.

A idade da Formação Areado é presumida como Cretáceo inferior mais nova. Contudo esta cronologia não pode ser considerada como definitiva.

O professor O. BARBOSA assistiu-nos com a melhor boa vontade, permitindo-nos acompanhá-lo em trabalho de campo, fornecendo-nos material fóssil e esclarecendo muitas das nossas dúvidas. Do professor RUBENS da S. SANTOS obtivemos franca colaboração, tendo-nos fornecido uma das fâunulas descritas e a documentação fotográfica da mesma. Ao colega JOÃO HENRIQUE G. SAD somos gratos pelas proveitosas informações relativas ao cretáceo em Minas Gerais, bem como por facultar a utilização dos esboços geológicos anexos. Àqueles pesquisadores

deixamos nossos sinceros agradecimentos. Também ao CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS, que através de auxílio financeiro possibilitou o desenvolvimento do presente trabalho.

II - TRABALHOS PRÉVIOS

Sobre as referências geológicas dos sedimentos que constituem a Formação Areado, reportamo-nos, primeiramente, aquelas relacionadas por B.V.FREYBERG (1932, p. 129): E. HUSSAC comparou aqueles sedimentos com o Arenito Botucatu de São Paulo; FLORENCE e PACHECO descreveram o que consideraram o mesmo arenito no Rio Grande nos limites de Minas e São Paulo; E. RIMMAN empregou a designação Arenito Areado para incluir os arenitos subjacentes ou posteriores as efusivas básicas.

Devemos a FREYBERG (op. cit.) o primeiro estudo sistemático deste conjunto de sedimentos que foram incluídos em sua chamada "Série Gondwana".

O. BARBOSA (1965) revalida a designação Areado, atribuindo-lhe status de formação, dividindo-a em três membros: Abaeté, Quiricô e Três Barras.

E.P. SCORZA (1955) estuda sequência próxima de Varjão, que indubitavelmente pertence à Formação Areado, correlacionando-a ao Bauru. R.S.SANTOS, na mesma publicação, estuda a faunula de peixes ocorrentes próximo a base daquela sequência e define a espécie Dastilbe moraesii, sugerindo idade Cretácica.

J.H.G. SAD e M.T. COSTA (1968)⁽¹⁾ desenvolvem a idéia original da separação das bacias cretácicas do São Francisco e Paraná, definindo um alto estrutural que denominam "Anticlise do Alto Paranaíba".

E.A. LADEIRA e O.E.A.BRITO (1968) apresentam trabalho versando sobre a Geologia do Planalto da Mata da Corda, onde a sucessão Areado é estudada, bem como suas relações com as rochas sobrejacentes.

Y.HASUI (1969) reconhece a individualidade da Formação Areado, chamando atenção para o fato da não existência de ligação dos arenitos a ela per

(1) Comunicação apresentada durante o XXII Congresso Brasileiro de Geologia..... (1968). Inédito.

tencentes com a Formação Botucatu.

O. BRAUN (1970) fornece excelente contribuição ao estudo da Formação Areado. Com base em reconhecimento regional sistemático, define ocorrência do Areado desde o oeste de Minas até o Maranhão. Endossa a idéia da individualidade da Bacia Areado, tectonicamente separada da Bacia do Paraná.

III - EMBASAMENTO E ÁREAS DE OCORRÊNCIA DA FORMAÇÃO AREADO

Na área investigada o embasamento é constituído exclusivamente de rochas pertencentes ao Grupo Bambuí. A litologia dominante é a de folhelhos ar dosianos que devem ser relacionados a Formação Rio Paraopeba (Teixeira e Branco, 1961). Mostram-se intensamente perturbados, pois que o limite ocidental da área de deformação do craton São Francisco estende-se até as proximidades de Três Marias (GROSSI SAD e LADEIRA, 1968). A perturbação é atribuída aos empurrões da borda da bacia Bambuí, cujos esforços transmitidos à calha preenchida por material pelítico, determinaram dobramento intenso e contínuo - holomórfico no sentido de belou sov - acompanhado de intenso amarrotamento. Os processos erosivos que atuaram sô bre o embasamento expuseram tais estruturas em amplos afloramentos.

As camadas Areado depositaram-se sobre superfície que talvez possa ser relacionada ao ciclo de denudação gondwana (King, p. 162, 1957). As irregularidades daquela superfície foram consideradas por O. BARBOSA (1965, p. 8) como canais de oueds e a manadnocks de rochas Bambuí.

Na área investigada a Formação Areado ocorre conspicuamente nos vales drenados pelos rios Abaeté, Areado, Quiricó, Três Barras, Borrachudos etc., todos tributários do São Francisco (Fig. 1). Estende-se muito a norte, mas geralmente encontra-se sepultadas por sedimentos mais novos.

O limite sul da bacia do Areado já se encontrava definido, pelo menos desde o Cretáceo, através de um alto estrutural que coincide grosso modo, com a atual área do Alto Paranaíba e Canastra. GROSSI SAD e NALDO TORRES (1968) denominaram-na Antéclise do Alto Paranaíba. As relações desta antéclise com as sinéclises do Paraná e São Francisco foram discutidas em trabalho recente (SAD, CARDOSO e TEIXEIRA, 1970). Para o norte Braun (1970) define ocorrências do Areado até

o Maranhão. Considera que a Formação Areado preenche depressões de um antigo vale de enorme extensão, que teria sofrido erosão durante toda a época Botucatu e Sampaíba.

Os processos de abatimento que permitiram sua deposição devem ter sido mais intensos na área investigada. O máximo desenvolvimento da Formação Areado ocorre nas cabeceiras do Prata, onde atinge 200 m (BARBOSA, 1965). As seções a partir do topo da Serra das Almas à cabeceira do Santo Antônio e a São Gonçalo Abaetê, mostram espessuras superiores a 150 m. A partir das áreas citadas a espessura da Formação Areado diminui rapidamente, em qualquer direção.

IV - TECTÔNICA IMPLICANDO A FORMAÇÃO AREADO

Os processos de abatimento que propiciaram a sedimentação Areado foram essencialmente de caráter epirogênico, certamente acompanhados de falhamentos. Tais processos devem relacionar-se a reativação wealdeniana (ALMEIDA, 1967, p. 25), pois que as camadas Areado datam do Cretáceo inferior. ALMEIDA (op.cit.) admite que a reativação perdurou durante todo o cretáceo.

As curvas representativas da superfície pré-cretácica, delineadas por GROSSI SAD e LADEIRA (1968) em seus mapa tectônico, mostram truncamento bem definidos segundo direções SO - NE. O mais evidente coincide com o eixo do Rio Indaiá.

AMARAL (1968, p. 19) relaciona o alinhamento da maioria das ocorrências de rochas alcalinas da região, oeste de Minas, a sistema de falhamento segundo direção NE e SW, bem marcado, segundo aquele autor, pelo alinhamento dos rios Indaiá, Abaetê, Borrachudos e tributários.

Tais dados implicam, necessariamente, na existência de processos tectônicos que certamente atingiram os sedimentos Areado. Todavia não se registram indícios mais diretos de falhamentos, expostos em afloramentos.

Deformações penecontemporâneas são comuns no topo da sequência Areado, invariavelmente no contato com os tufos da Formação Mata da Corda (Foto nº 4). BARBOSA (1965, p. 11) admitiu estivessem associadas à reativação de falhas do bedrock Bambuí. Posteriormente o mesmo autor (BARBOSA, 1970, p. 35) considerou-as

relacionadas diretamente com o vulcanismo dos tufos sobrejascentes, o qual originado na maioria em condições subaquáticas, teria promovido correntes de turvação devido aos terremotos e derrames associados. Não há dúvida que a segunda hipótese é a mais atrativa. As deformações registradas, portanto, devem ser consideradas penecontemporâneas e de caráter atectônico.

As camadas da Formação Areado apresentam posição sub horizontal. Aparentemente o mergulho regional é para N-NE, coincidindo com a inclinação do embasamento.

V - ESTRATIGRAFIA

1. Posição da Formação - A sedimentação Cretácica em Minas relaciona-se a duas bacias distintas: Paranã e São Francisco.

As relações entre as duas sequências foi discutida recentemente (BRAUN, 1970; GROSSI SAD e colaboradores, 1970).

O quadro abaixo é uma tentativa de posicionar a Formação Areado:

BACIA DO PARANÃ			BACIA SANFRANCISCANA		
	F. Uberaba			F. Urucua	
Formação	F. Calcárea	Cretáceo	Formação Mata	F. Capacete	Cretáceo
		sup.			
Bauru	F. Detrítica	(Cenoniano)	da Corda	F. Patos	sup.
					(Turoniano?)
----- disc-----					
	Arenito Bo-		Formação A-	F. Três	
Grupo S.	tucatu	Cretáceo	reado	Barras	Cretáceo
Bento	Basaltos	inf.-		F. Quirico	inf.
	S. Geral	Jurássico		F. Abaeté	(Aptiano
		sup.			Albiano?)

A Formação Areado relaciona-se a Bacia Sanfranciscana. O. BARBOSA (1955) admitiu contemporaneidade da sedimentação Areado e Botucatu, mas regis

trou (comunicação escrita) que aquelas duas unidades não ocorrem juntas, esclarecendo portanto a autonomia da sedimentação Areado e Botucatu. HASUI (1969) reconheceu também aquela individualidade, chamando a atenção para o fato da não existência de ligação dos arenitos a ela pertencentes com os da Formação Botuca - tu.

O limite superior da sedimentação Areado é faciológico, não se registrando discordância regional que a separe da formação sobreposta, Mata da Corda. Esta começou a depositar-se quando ainda se processava a sedimentação A - reado.

O mapa geológico anexo (Fig. 2) fornece uma idéia da distribuição das rochas cretácicas no oeste de Minas. Os limites estabelecidos apenas indicam a predominância de cada unidade definida.

2. Nomenclatura estratigráfica - Devemos a FREYBERG (1932) o primeiro estudo sistemático deste conjunto de sedimentos que foram incluídos em sua chamada "Serie Gondwana". Definiu através de várias seções geológicas, quatro unidades que chamou horizontes, assim distribuídos de baixo para cima: 1. conglomerático, 2. arenitos friáveis vermelhos e brancos e arenitos argilosos, 3. arenito compacto vermelho; 4. arenito friável. Vinculou a designação Arenito Areado aos horizontes 2 e 3. Quanto ao horizonte 4 sugeriu possível correlação com a Formação Uberaba (1).

BARBOSA (1955) propõe a subdivisão da Formação Areado em Três membros: Abaeté, Quiricó e Três Barras, os quais em linhas gerais correspondem as unidades 1, 2 e 3 definidas por FREYBERG.

A classificação proposta por O. BARBOSA é perfeitamente aceitável, mas sugerimos que as designações dadas a cada membro o sejam com o significado de fácies, implicando comportamento espacial variável.

(1) O horizonte 4 de FREYBERG constitui parte da Formação Mata da Corda, não tendo sido provado continuidade com rochas semelhantes ocorrentes no Triângulo, definidas por HUSSAC como Formação Uberaba.

3. Caracterização das unidades - As observações registradas restringem-se a região oeste de Minas, Zona do Alto Paranaíba. Convém lembrar que as ocorrências do Areado estendem-se muito a norte (ver mapa da fig.2). Além disso BRAUN (1970, op. cit.) define ocorrências do Areado até dentro dos limites do Maranhão.

A caracterização litológica das unidades foi estabelecida por O. BARBOSA (1965, op. cit.). LADEIRA e BRITO (1968) também se ocuparam do assunto.

Facies Abaeté. Sua expressão litológica corresponde a conglomerados arenosos e arenitos conglomeráticos, que incluem em várias localidades ventifatos, estudados pela primeira vez por ARROJADO LISBOA. Embora se registre trabalho eólico, trata-se de um conglomerado subaquático onde os ventifatos ocorrem esporadicamente e, em muitos, o adoçamento das arestas indica rolamento posterior. A espessura máxima registrada é da ordem de 8 metros.

Nas áreas mais elevadas da bacia apresenta pequena contribuição arenosa. É o que caracteriza os conglomerados próximos a Canoeiros, onde os seixos podem atingir diâmetros superiores a 30 centímetros. Distalmente o tamanho dos seixos decresce, aumentando a contribuição arenosa. Ao ingressarmos nas partes mais baixas da bacia os conglomerados geralmente faltam, indicando que o relevo era mais modesto insuficiente para o transporte de material grosseiro.

O registro de trabalho eólico sugere que o litofacies Abaeté apresenta testemunhos de pedimentos que provavelmente constituíram extensos "glacis de sédimentation", relacionados as áreas de maior relevo. Distalmente as depressões eram palco de sedimentação fluvio-lacustre, que viriam a constituir as facies Quiricó e Três Barras.

Facies Quiricó. Sua localidade tipo é o vale do rio homônimo. Corresponde a uma sucessão de arenitos com argilitos e siltitos intercalados. Na base aquelas litologias se alternam ritmicamente, ao passo que no topo são comuns arenitos em banco. Os siltitos e argilitos assumem cores variegadas, destacando-se o róseo, verde e amarelo. Nestes, fósseis de ostracóides e conchostráceos são comuns. Troncos de Araucarioxylon foram referidos por FREYBERG (1932, op. cit.) também por O. BARBOSA (1965, op. cit.), em jazigo na fazenda São Lomber-

to, cabeceira do Prata. A seção na fazenda São José, entre Varjão e o córrego Santo Antônio inclui próximo a base uma intercalação de folhelho oleífero, contendo restos de Dastilbe, descritos por R.S.SANTOS (1955) e folhas de coníferas. As litologias referidas mostram estratificação plano paralela dominante e quando cruzada as dimensões são reduzidas.

Segundo O. BARBOSA (1965, op.cit.) a espessura máxima é verificada no ribeirão Quiricô, onde atinge 100 metros.

Restringimos a designação Facies Quiricô para expressar a sedimentação central, originada em condições que a energia mecânica era muito menos efetiva. Distingue-se prontamente da sedimentação Três Barras caracterizada por estratificação cruzada de corrente, com "foresets" muito mais amplos.

Facies Três Barras. A localidade tipo situa-se no vale do ribeirão Três Barras. Característica mais marcante é a estratificação em bancos e a frequência de estratificação cruzada. Sua maior espessura foi registrada no ribeirão Três Barras, onde atinge 140 metros. As estratificações cruzadas revelam-se em amplos "foresets" com ângulos superiores a 30 graus. É comum o truncamento dos "foresets" por camadas horizontais ou "topsets". (Fotos 1 e 2).

Os arenitos Três Barras já foram considerados de origem eólica por alguns autores, mas tal ambiência não condiz com suas características litológicas. A matriz siltítica é abundante, a presença de nódulos calcítics, seixos esporádicos centimétricos, são elementos indicativos de sedimentação subaquática.

O. BARBOSA (1965, op.cit.) evidenciou o extremo arredondamento dos grãos e uniformidade da granulação. Mas concluiu que a presença de seixos nos "foresets" e o conteúdo de argilas é inadequado à classificação pneumática.

Ensaio granulométrico de seis amostras revelaram distribuição de 0,05 a 0,70 milímetros. Classes dominantes situam-se entre 0,50 e 0,20 milímetros. Tais valores estão próximos daqueles registrados por O. BARBOSA (1965, op.cit.).

O litótipo Três Barras pode ser definido como um arenito médio com cimento siltico dominante.

Côr dominante é vermelho pálido. Silificação é comum no contato com os tufos da Formação Mata da Corda.

Deformações penecontemporâneas foram primeiramente registradas por R. PFLUG (1961) e BARBOSA (1965) em duas localidades distintas. Observamos - constituírem característica comum do litofacies Três Barras, ocorrendo no contato com os tufos (Foto nº 4).

O Facies Três Barras deve corresponder a ambiência flúviolacustre, com participação deltaica importante. Provavelmente representa o entulhamento da bacia a partir de rios que drenavam uma vasta planície em expansão. Distalmente a contribuição deltaica é substituída pela sedimentação lacustre central que o Facies Quiricó. A progressiva expansão da sedimentação deltáica resultou na cobertura dos sedimentos Quiricó, mas como ambas se processavam simultaneamente, resultaram interdigitações, prevalecendo nas seções superiores a primeira.

4. Relacionamento das unidades faciológicas - O. BRAUN 9 1970) propôs um quadro paleogeográfico sugestivo para explicar a sedimentação Areado. Admite que os sedimentos Areado preencheram depressões de um imenso vale árido que teria sofrido erosão durante a duração dos desertos Botucatu e Sambaíba.

As relações das facies Abaeté, Quiricó e Três Barras parece-nos corresponder aos estágios sucessivos da evolução de uma bacia fluvio-lacustre. Os conglomerados Abaeté representariam a sedimentação periférica, constituindo pedimentos, gerados em condições de clima semi-árido ou mesmo desértico, o que é indicado pela presença de ventifatos; a facies Três Barras o domínio da sedimentação fluvio-deltaica; finalmente a Facies Quiricó sedimentação lacustre inferior. A redução do lago processou-se com a coalescência dos deltas.

A sedimentação Areado distingue-se da Formação Mata da Corda pela ausência de contribuição vulcânica. Pelo menos até então não está comprovada a existência de material daquela natureza nos sedimentos Areado.

Antes que findasse a sedimentação Areado iniciou-se o vulcanismo Mata da Corda. Próximo a área vulcânica há predomínio de lavas para os quais foi proposto a denominação Facies Patos. Distalmente a contribuição vulcânica diminui cedendo lugar aos arenitos e conglomerados que constituem a facies Capaceté. Finalmente os testemunhos mais distais do vulcanismo Mata da Corda representam a Facies Urucuia. (Ver Fig. nº 3 e mapa da Fig. nº 2).

O contato é prontamente definido quando o Areado é capeado pelo litofacies Patos ou Capacete. A distinção é menos evidente quando intervem o Urucuaia, mas a matriz deste último é mais argilosa, inclui acessórios herdados do vulcanismo ultrabásico e mostra-se mais friável.

5. Seções Geológicas - As seções da Formação Areado em que se expõe todas as suas unidades podem ser feitas nas vertentes da Serra das Almas, Serra Grande, Mata da Corda etc... O acesso é feito a partir de Canoeiros em direção a Patos de Minas, através da rodovia MG 51 (Patos de Minas - Pirapora).

Seção Canoeiros - Patos de Minas (Fig.3). Esta seção permite estabelecer as relações entre a Formação Areado e Mata da Corda, bem como definir o comportamento das unidades integrantes daquelas duas unidades. Nos primeiros quilômetros a partir de Canoeiros ocorrem arenitos que consideramos pertencentes ao Areado. Próximo daquela localidade encontram-se amplos afloramentos de conglomerados grosseiros, descansando sobre o embasamento Bambui. Constituem os conglomerados Abaeté. No Km 18 expõem-se cerca de 20 metros de rochas do Areado. Próximo ao entrocamento para São Gonçalo do Abaeté passa a ocorrer a Formação Mata da Corda, capeando a sequência Areado. Os tufos daquela unidade só irão ocorrer próximo ao Km 80, já em pleno planalto da Mata da Corda e se continuam até próximo a Patos de Minas.

Seção quilômetro 18 da rodovia Patos de Minas - Pirapora (Fig.4).

No Km 18 a partir de Canoeiros em direção a Patos, expõem-se cerca de 20 metros de sedimentos Areado. Na base ocorrem conglomerados arenosos com ventifatos, capeados por arenitos com estratificação cruzada, fácies Três Barras. Seguem-se os arenitos Quiricó. Tais sedimentos encontram-se na parte alta da bacia, a uma altitude de aproximadamente 800 metros.

Seção Varjão - Córrego Santo Antônio (Fig.5).

A partir de Varjão, tópo da serra até o Ribeirão Meloso, afluente do Santo Antônio, expõem-se pelos menos 160 metros de sedimentos cretácicos. A sequência Quiricó inclui nesta seção' camada de folhelho oleífero que contém a conhecida fauna de Dastilbe. Sua espessura é cerca de duas vezes inferior ao Três Barras. Esta como é usual domina no tópo mas recorre abaixo dos folhelhos com Dastilbe.

Acima destes ocorre nível de argilito com Pteriograpt. A Formação Mata da Corda capeia o conjunto Areado e atinge cerca de 40 metros.

Observação: Seção correspondente a esta pode ser feita na vertente oriental da mesma serra, em São Gonçalo do Abaeté. Os estratos Quiricó, nesta seção, incluem vários níveis de conchostráceos, tendo sido definidos: Pseudestheria abaetensis, Pteriograpt cf. reali e Palaeolimnadiopsis. Esta seção foi excluída por já estar representada (consulte LADEIRA e BRITO, 1968).

Seção Patos - Fazenda Sertãozinho (Fig.6). Mostra domínio quase absoluto de tufos, estando a Formação Areado representada apenas pela facies Três Barras.

6. Conteúdo paleontológico. Flora fóssil. FREYBERG (1932) e posteriormente BARBOSA (1965) citam a ocorrência de troncos de Araucalioxylon, em jazigo da Fazenda São Lomberto, cabeceira do Prata. O segundo autor cita também ocorrências de oogônios de algas carófitas. Lélia Duarte (1968) refere-se a ocorrências de Gymnospermas Podozamites e monocotiledones, associadas aos folhelhos oleíferos que contêm restos de Dastilbe.

Fauna fóssil. Peixes referidos a Dastilbe foram os primeiros fósseis classificados (SANTOS, 1955), procedentes de jazigo próximo a Varjão, fácies Quiricó. BRAUN (in BARBOSA e colab., 1970, p. 34) refere-se aos gêneros Eocyproides, Heterocypris, Candonopsis e Darwinulla, todos, segundo aquele autor, do mesmo grupo faunístico da Formação Santana, nordeste do Brasil. Conchostráceos são comuns no litofácies Quiricó, tendo sido definidos quatro espécies: Palaeolimnadiopsis freybergi, Pteriograpt cf. reali, Pseudestheria abaetensis e Pseudestheria cf. barbosai (ALMEIDA) (ver descrições sistemáticas). Restos de Arthropodos não classificáveis foram estudados por MARCHESINI SANTOS (1968).

7. Relação das ocorrências Fossilíferas - 1. Fazenda São Lomberto, cabeceira do Prata. Troncos de Araucariorylon (FREYBERG, 1932; BARBOSA, 1965)

2. Fazenda São José, margem do Córrego Santo Antônio, cerca de 2 km de Varjão. Folhelho oleífero com Dastilbe moraesi e folhas de gymnospermas Podozamites e monocotiledoneas.

3. Mesma localidade. Acima dos folhelhos oleíferos. Argilito com Pteriograpt cf. reali.

4. Idem. Restos de arthropodos não classificáveis "incertae sedis" (ver MARCHESINI SANTOS, 1968).

5. Rodovia MG-51 (Patos de Minas -Pirapora), km 40 a partir de Canoeiros em direção a Patos de Minas. Intercalação de argilitos em arenitos com Palaeolimnadiopsis freybergi.

6. São Gonçalo do Abaeté, cêrca de 1 km desta localidade à margem da estrada de rodagem que vai ter a rodovia MG-51(Patos Pirapora). Vários nêveis fossilíferos de conchostráceos. Predominância quase absoluta de Pseudestheria abaetensis. Ocorrem associados Paleolimnadiopsis freybergi e Pteriograpt cf. reali.

7. Estrada Quintinos - Carmo do Paranaíba, a 20 km da primeira localidade. Siltito com impressões de Pseudograpt cf. barbosai (ALMEIDA)-

VI - PALEOECOLOGIA

Os paleobiota da Formação Areado atestam ambiência continental, indicando deposição em condição predominantemente subaquática.

TASCH e ZIMMERMAN (1961) proveram interessantes informações sobre a ecologia do grupo, estudando populações recentes de Cyzicus mexicanus em áreas de Kansas e Oklahoma. Verificaram preferência por lagoas rasas, concentrando-se o maior número de espécimes nas porções marginais (0,125 a 5 cm de profundidade). Os corpos d'água, sem exceção, eram temporários, secando e enchendo mais de uma vez por ano. Registraram ocorrência de gerações múltiplas durante o verão, esclarecendo que o número de gerações relaciona-se ao tempo de duração dos corpos d'água. Verificaram alta especificidade das populações, sendo quase invariavelmente representadas por uma única espécie.

Ovos de conchostráceos têm capacidade para resistir à condições de seca, restando dormentes na vasa após total desaparecimento da água. Experiências conduzidas por nós em situação artificial, possibilitaram obter recorrência de gerações. Após evaporação do meio de cultura com o que se obtinham ovos dor -

mentes, bastava reproduzir as condições iniciais para se obter nova geração.

A disseminação dos ovos de conchostráceos, dentro de certos limites, não encontra barreira geográfica. Faz-se principalmente através do vento. Desta forma é fácil compreender que conchostráceos podem invadir corpos d'água isolados e atingir distribuição horizontal considerável.

No caso da Formação Areado as ocorrências de conchostráceos iva riavelmente relacionam-se ao litofacies Quiricô. Observamos nítida delimitação na distribuição. Verticalmente restringem-se a espessuras de poucos centímetros, às vezes milímetros, mais comumente distribuídos em planos separados por lâminas es tereis. Horizontalmente as ocorrências são descontínuas, nunca persistindo, ao que parece, por mais que uma dezena de metros.

Delimitação vertical e horizontal parecem indicar intermitência dos corpos d'água. Tal fato reforça a suposição de que a deposição do Areado assi tiu a condições de clima sêco, sujeito a estiagem prolongada, condicionando a de seminação de lagos temporários. Todavia existiram corpos d'água perenes, estando registrados em sedimentos de caráter betuminoso, de que é exemplo as camadas de onde provêm a fâunula de Dastilbe.

Os jazigos estudados mostram predominância absoluta ou quase ab soluta de uma espécie.

Os fósseis estão representados por moldes ou casts de valvas, ge ralmente bem preservados, possibilitando estudo minucioso das características. En contram-se comumente valvas justapostas indicando condições de deposição.

VII - IDADE DA FORMAÇÃO AREADO

FREYBERG (1932, p. 153) admitiu provável idade triásica para o Areado, considerando-o correlacionável ao Botucatu.

BARBOSA (1955) com base na distribuição de Dastilbe, concluiu que a idade do Areado poderia, provisoriamente, situar-se no intervalo Jurássico-Cretáceo inferior. Por outro lado expressou que o ambiente de sedimentação da Formação Areado induzia correlacioná-la ao Botucatu, até então considerado Rético. Argumentou que a cronologia do Botucatu fôra estabelecida por simples comparação

de semelhança com a forma descrita por ALMEIDA (1950), proveniente do município de Rio Claro(SP), Grupo São Bento. A definição sistemática do material de Quintinos não pode ser considerada definitiva, pois apresenta fossilização precária. Nos achados poderão esclarecer a possível correlação. Convém ainda referir que Pseudograptia inclui 4 espécies do Jurássico superior e duas formas brasileiras procedentes do Grupo Bahia - Formação Ilhas e Candeias - portanto Cretáceo inferior mais antigo (WEALDIAN).

Palaeolimnadiopsis inclui formas paleozóicas e mesozóicas. A posição mais alta atingida no mesozóico foi registrada no Grupo Bahia, Formação Ilhas (WEALDIAN). Palaeolimnadiopsis freybergi viria construir a primeira exceção

Pseudestheria é um gênero com ampla distribuição, ocorrendo desde o paleozóico até o mesozóico. Entre as formas mesozóicas registram-se espécies até o Cretáceo inferior mais novo (WEALDIAN). Neste caso P. abaetensis constituiria, igualmente, outra exceção. Assume ainda caráter interessante a presença de Pteriograptia cf. reali TEIXEIRA, em sedimentos da Formação Areado. Originalmente procede de estratos que se encontram recobertos pela Formação Calonda, sendo esta equivalente à Série Kwango, Congo Belga, de idade Cretácea. A suposição é de que os estratos fossilíferos correspondam a uma formação correlacionável à Série Lualaba, que é considerada como tendo sido depositada entre o Jurássico superior e Cretáceo inferior (ver TEIXEIRA, 1960, p. 94).

As datações K/Ar dos tufos que capeiam a Formação Areado, situam-se em torno de 80 m.a. (HASUI e CORDANI op.cit.). Aquelas sequências não se separaram por discordância e os dados de campo indicam que os vulcanitos depositaram-se quando ainda se processava a sedimentação Areado. Desde de que confirmada a datação, o topo da sequência Areado estaria estabelecido cronologicamente. Todavia os autores registram que as amostras utilizadas apresentavam estágio incipiente de alteração e que o valor atingido poderia ser devido a perda de argônio, consequentemente a idade real pode ser mais antiga.

Conclui-se que a cronologia proposta para o Areado (Aptiano-Albiano), embora considerada a mais sugestiva, não pode ser estabelecida como definitiva.

Desta forma a hipótese da contemporaneidade entre o Areado e o

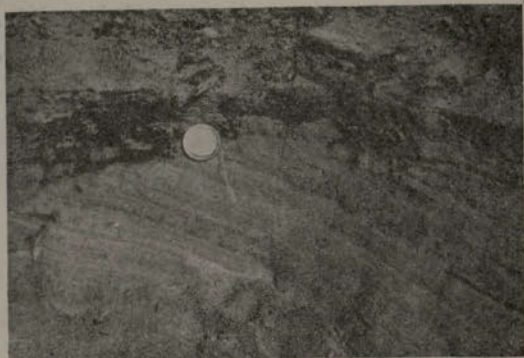


Foto 1 Magnífica exposição de arenitos com estratificação cruzada, em corte da rodovia BR-040 (Belo Horizonte - Brasília), à margem esquerda do Rio Abaeté. Formação Areado, Facies Três Barras.

Foto 2 Detalhe da estratificação cruzada em que intervêm arenito na base e folhelho no topo. O arenito representa a fácies Três Barras, o folhelho a fácies Quiricó. Proximidades de São Gonçalo do Abaeté, MG.

Foto 3 Aspecto do conglomerado ocorrente no km 18 a partir de Canoeiros da rodovia MG-51. Formação Areado, Fácies Abaeté.



Foto 4 Deformação penecontemporânea em arenitos Três Barras, no contacto com os tufos da Formação Mata da Corda. km 60 a partir de Patos de Minas, Rodovia MG-51.

Foto 5 Ampla exposição de tufos, os quais mostram intercalações de argilas bentoníticas. Formação Mata da Corda, Fácies Patos. km 50 a partir de Patos Rodovia MG-51.

Foto 6 Aspecto do Planalto da Mata da Corda, que constitui exemplo típico das chapadas, constituídas por rochas cretácicas. Em primeiro plano superfície esculpida em rochas Bambui. O topo das chapadas é coroado por tufos. Foto olhando para SO, a partir de ponto situado no trajeto Presidente Olegário - Vazantes.

	C	A	A/C	BD	ZC
Holótipo 1A	17	12	0,70	15,6	41
Parátipo 1B	18,5	10,4	0,56	16,5	40
Parátipo 2	fragmento da região dorsal				
Parátipo 3	17,5	11,2	0,64	----	65
Parátipo 4	18,1	----	----	17,7	45
Parátipo 5	15,5	9,7	0,66	13,4	31
Parátipo 6	fragmento mostrando detalhe da escultura				

Comprimento = C; Altura = A; Borda dorsal = BD; Zonas de crescimentos = ZC. Medidas em milímetros.

O nome da espécie é uma homenagem ao geólogo B.V. FREYBERG, um dos pioneiros dos estudos geológicos do oeste de Minas Gerais, a quem devemos o primeiro estudo sistemático da Formação Areado.

Discussão. Registram-se na literatura pelo menos nove espécies paleozóicas e duas mesozóicas estrangeiras, prontamente distinguíveis da presente forma.

As espécies brasileiras conhecidas são as seguintes: P. linoi Cardoso, 1966, Grupo Bahia, Formação Ilhas (Cretáceo inferior); P. barbosai Cardoso, 1966, Grupo Bahia, Formação Aliança (Jur. sup.); P. subalata (Reed), Formação Estrada Nova (P. sup.) e P. pauloi (Beurlen), Formação Motuca (Tr. sup.). Qualquer destas espécies não podem ser confundidas com P. freybergi.

Idade Geológica. P. freybergi não contraria frontalmente a presente distribuição geológica estabelecida para o gênero, visto que ocorre espécie, entre as brasileiras, no Cretáceo inferior (v.g. P. linoi, Formação Ilhas, Cretáceo Inferior, Neocomiano). Todavia a idade da Formação Areado é julgado um tanto mais nova, isto é, Aptiana-Albiana. Desde de que confirmada, P. Freybergi virá constituir a forma mais recente do gênero.

Situação. Os tipos provêm do km 40 da rodovia MG-51 (Patos de Minas - Pirapora), a partir de Canoeiros. O jazigo situa-se em intercalação argilosa, em arenitos vermelhos, à margem direita da estrada de quem vai para Patos, 15 m acima de um vale situado aproximadamente ao se atingir o referido km 40. Os

fósseis espalham-se em uma fina camada de argila com 15 cm de espessura. São representados por moldes, frequentemente impregnados de material negro, que no espectrograma revelou a presença de Fe e Mn na relação 3:1.

A descoberta do jazigo devemos ao geólogo EDUARDO ANTONIO LADEIRA, que nos trouxe os primeiros espécimes. Posteriormente, em companhia do mesmo geólogo obtivemos novas coleções. Àquele pesquisador registramos nossos sinceros agradecimentos.

Parátipos foram encontrados no jazigo próximo a São Gonçalo do Abaeté (Ver Relação das Ocorrências).

Família ASMUSSIDAE Kobayashi, 1954

(= Asmussinae Kobayashi, 1954, pars; Asmussinae Novojilov, 1954, pars; Poligraptinae Novojilov, 1954, pars; As -
mussidae Tasch, pars)

Gênero PTERIOGRAPTA Novojilov, 1954

(Fig. 9 ; Est. I : fig. 1, 2 e 3)

Contorno oblongo, cujo comprimento é cerca de duas vezes superior à altura. Charneira reta, pouco inferior ao comprimento, ocupando toda a extensão da borda dorsal.

Valva embrionária pequena, situada entre a porção média e anterior da margem dorsal. A porção postero-dorsal tem valor três vezes maior que a correspondente anterior.

Zonas de crescimento terminam recurvadas para trás, sendo o recurvamento mais intenso na porção dorsal posterior. Consequentemente, ambos os bordos, anterior e posterior, revelam pequena concavidade nas partes superiores. Analogamente o segundo tem a concavidade referida mais acentuada.

Zonas de crescimento em número pequeno, cerca de 16 no exemplar de maiores dimensões.

Escultura constituída de hachuras ou bastonetes, que se estendem por todo intervalo das zonas de crescimento. Apresentam aspecto dicotômico,

uns ligado-se aos outros. Em certos casos, e em determinadas regiões das valvas, a anastomose entre os bastonetes origina um princípio de organização de escultura alveolar. Nos espécimes examinados a preservação da escultura mostra-se melhor nas regiões umbonal e intermediária. Uma das formas revelou média de 13 bastonetes por mm.

Encontram-se registrados no catálogo de invertebrados fósseis da Divisão de Geologia e Mineralogia os espécimes abaixo relacionados:

Espécimes	C	A	A/C	B/D	ZC
4627 a	33	18	0,54	—	16
b	27	15	0,55	23	10
c	23	12	0,52	21	14
d	fragmento mostrando detalhe da escultura				
e	18	10	0,55	----	----

Discussão - As maiores dimensões estabelecidas entre os espécimes tipos foram de 26 mm de comprimento e 18 mm de altura (seg. TEIXEIRA, op.cit.). Portanto, as formas procedentes da Formação Areado, ultrapassam sensivelmente as dimensões máximas registradas para os tipos da coleção que serviram à definição da espécie. Chamamos atenção para o fato de que só pudemos obter uns poucos e - xemplares, sendo lícito admitir que estes não incluam a forma que realmente re - apresenta o tamanho máximo da espécie.

A correlação pôde ser estabelecida graças à excelente e farta documentação que acompanha o texto da descrição original. Não nos foi possível estabelecer qualquer diferença que possibilitasse diferenciação específica. O caráter tamanho não pode ser levado em conta, visto que algumas das formas do Area do têm dimensões inferiores que aquelas registradas por TEIXEIRA.

Pteriograpt cf. reali Teixeira pode ser considerada uma forma gigante. Entre as viventes, a que atinge maiores dimensões (segundo KOBAYASHI, 1954) é Eoleptestheria ticinensis, 20 mm de comprimento e 13 mm de altura. A literatura parece registrar somente uma forma fóssil com dimensões maiores, Palaeolimnadiopsis carpenteri, 20,0 mm de comprimento e 28,0 mm de altura.

A concha descrita, devido a presença de escultura radial, não

pode situar-se junto aos Limnadiopseidae (seg. Novojilov, 1954, 1958), embora apresente recurvamento para trás, das zonas de crescimento. O autor referido reúne os conchostráceos com escultura radial em três famílias: Asmussidae, Bairdetheridae e Afrograptidae. Os Asmussidae distinguem-se pelo desenvolvimento do bordo dorsal, tanto anterior como posteriormente, no que se enquadra o fóssil estudado.

TEIXEIRA (1960) originalmente referiu-o a Palaeolimnadiopsis. Posteriormente o mesmo autor (1961) precisou a classificação, referindo-o a Pteriograpt.

Idade geológica. Pteriograpt reali Teixeira, originalmente, procede de sedimentos cuja idade o autor admite não ser fácil comprovação. O depósito fossilífero é recoberto pela Formação Calonda, sendo esta equivalente à Série Kwango, Congo Belga, de idade Cretácea. A suposição é de que os estratos fossilíferos correspondam a uma formação correlacionável à Série Lualaba, que é considerada como tendo sido depositada entre o Jurássico superior e Cretáceo inferior (ver TEIXEIRA, p. 94, 1960).

Situação. Pteriograpt cf. reali procede da fazenda São José, próximo à localidade de Varjão, que fica à margem da rodovia MG-51 (Patos - Pira-pora). O horizonte fossilífero encontra-se acima da camada que encerra a fáunula de Dastilbe. Ocorre também no jazigo próximo a São Gonçalo do Abaeté (ver relação das ocorrências).

Família LIOESTHERIDAE Raymond, 1946

Gênero PSEUDESTHERIA Raymond, 1946

Pseudestheria abaetensis Cardoso, sp. n.

(Fig. de texto 8 ; Est. I , fig. 4)

Valvas de contorno oblongo mostrando curvatura do bordo anterior menor que o correspondente posterior. Charneira reta, sempre superior em extensão à altura, formando ângulo definido com a margem posterior.

Umbo em posição extrema, não ultrapassando o limite superior da

margem dorsal.

Altura maior passa pelo meio da concha; altura anterior e posterior equivalem-se.

Zonas de crescimento em número máximo de 23 são nítidas; em alguns espécimes é possível identificar-se a presença de escultura microalveolar, em aumento de 80 vezes.

Encontram-se formas com dimensões reduzidas, representando estágios iniciais de crescimento, sendo que entre as estudadas a menor revelou 2,6 mm de comprimento e 1,6 mm de altura. As maiores medidas obtidas foram 10,5 e 5,5 milímetros, respectivamente, para comprimento e altura.

Baseando a descrição em uma série de exemplares. Encontram-se registrados na coleção de invertebrados fósseis do MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL DA UFMG sob os números abaixo relacionados:

Sintipos	C	A	A/C	Ch	ZC
	7,5	4,2	0,56	5,5	14
	6,6	3,3	0,50	4,2	14
	8,8	4,6	0,52	5,9	23
	8,8	4,4	0,50	5,5	--
	9,5	5,3	0,55	5,5	--
	8,6	4,4	0,51	5,5	--

Discussão. RAYMOND (1946) inclui em Pseudestheria 39 espécies, a maioria paleozóica, com contornos e posições do umbo variáveis. NOVOJILOV (1954) admite ser necessário revisar, nas fontes originais, a maioria daquelas espécies. Este último autor conserva a aceção original do gênero acatando a diagnose de RAYMOND que escolheu para gênero tipo P. brevis. Consequentemente, esquadram-se em Pseudestheria formas de contorno suboval, com charneira reta, aberta, com umbo em posição extrema e com escultura microalveolar, referida por RAYMOND como pontuada.

Entre as formas descritas por RAYMOND, são consideradas pertencentes a Pseudestheria (seg. NOVOJILOV, op. cit.) as seguintes:

te, a documentação fotográfica fornecida por JONES, permite distinguir uma forma com valva alongada, outra curta. Para a primeira NOVOJILOV conservou a designação original, ao passo que à segunda atribuiu novo nome, isto é, P. discoidalis, que segundo o mesmo autor ocorre também no Jurássico superior da Mongólia.

Relativamente às formas mesozóicas estrangeiras, deve ainda ser comparada P. spsviciensis (Mitchel), procedente da Austrália, Denmark Hill, Sps - wich, de camadas do Triássico superior. Recorremos a MITCHEL (1927) e pudemos verificar tratar-se de uma espécie cujas dimensões são muito inferiores e a relação altura-comprimento, muito distante daquela registrada para P. abaetensis.

Resta-nos ainda comparar as espécies brasileiras P. iphygenioi e P. pricei. Ambas apresentam valvas curtas e borda dorsal relativamente muito mais extensa, se comparadas a P. abaetensis.

Idade geológica. Verificamos que, consoante RAYMOND, o gênero Pseudestheria tem distribuição ampla (Devoniano inferior ao Jurássico), mas a aceção do gênero é tomada em sentido muito mais amplo.

Quanto às espécies relacionadas por NOVOJILOV (op.cit., 1954), mostram distribuição menor (Permiano inferior ao Cretáceo). Entre as formas mesozóicas há predominância de ocorrências no Jurássico.

Das espécies brasileiras uma relaciona-se igualmente ao Jurássico superior, outra ao Cretáceo inferior (WEALDIAN), constituindo a única forma Cretácica.

Desta forma o gênero Pseudestheria não suporta a idade atribuída à Formação Areado, isto é, Cretáceo inferior mais nova ou Aptiana-Albiana.

Família BAIRDESTHERIDAE Novojilov, 1954

(= Poligraptinae Novojilov, 1954, pars)

Gênero PSEUDOGRAPTA Novojilov, 1954

Pseudograptia cf. barbosai (Almeida), 1950

(Fig. de texto 11 ; Est. II, fig. 3 e 4)

Valvas de contorno subelíptico, truncado pela charneira retilínea. Limite entre margem dorsal e bordo posterior bem definidos, formando ângulo aproximado de 140 graus. Altura anterior menor que a posterior. Valvas embrionárias situadas anteriormente, relativamente grandes, com umbo saliente, não ultrapassando a margem dorsal.

Zonas de crescimento em número máximo de 45, com escultura constituída por crenulações salientes à suas margens. A contagem acusou 56 crenulações por milímetro.

O estudo foi baseado em oito espécimes. Aham-se registrados na coleção de invertebrados fósseis do MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL DA UFMG os números abaixo relacionados:

Espécimes	C	A	A/C	Ch	ZC
	3,9	2,5	0,64	1,8	--
	3,9	2,8	0,71	1,8	--
	3,9	2,9	0,74	1,9	45
	3,7	2,4	0,64	--	44
	3,1	2,1	0,67	1,8	--

fragmento mostrando detalhes da escultura

Discussão. Esta fâunula mostra grande semelhança com aquela descrita por ALMEIDA(1950), proveniente do município de Rio Claro, ocorrendo esta última em sedimentos do Grupo São Bento. Trata-se da espécie referida originalmente a Bairdestheria barbosai Almeida.

Os espécimes da formação Areado mostram fossilização precária, o que não nos permitiu estabelecer correlação definitiva.

Manuseamos topótipos de Rio Claro, o que nos permitiu mais acuradamente, estabelecer a possível identidade.

Registrou-se dois tipos de esculturas nas conchas do Grupo São Bento. Segundo ALMEIDA um primeiro tipo é radial, próprio dos bairdestheridae, presente nas áreas externas (refere-se às áreas intermediária e ventral), outro tipo na área umbonal, representado por finas corrugações anastomosadas.

A presença de escultura mista, foi verificado por NOVOJILOV ... (1954), tratar-se de característica própria de certos gêneros mesozóicos, da referida família.

O gráfico da figura 7 mostra serem as duas fânulas representadas por formas de dimensões análogas. Quanto ao contorno, número de zonas de crescimento, posição do umbo e certos detalhes da escultura parece haver coincidência.

Quanto a sistemática baseamo-nos em NOVOJILOV, que discutiu detalhadamente a posição do cochostráceos portadores de esculturas radiais (NOVOJILOV, 1954, 1958). Presentemente reúne-os em duas famílias: Asmussidae e Bairdestheridae. Nos representantes da primeira o bordo dorsal desenvolve-se tanto anterior como posteriormente, isto é o umbo dispõe-se entre o meio e a extremidade do bordo dorsal, na segunda o bordo dorsal desenvolve-se só posteriormente, isto é, o umbo é anguloso.

Dentre os vários gêneros referidos aos Bairdestheridae reconhecemos Pseudograptia Novojilov, 1954, como o gênero cuja diagnose permite situar a espécie descrita por ALMEIDA: "Bairdestheridae com valvas alongadas, de contorno quase regular, com o umbo entre o meio e a extremidade do bordo dorsal, dotados de ornamentação residual de hachuras, costelas desenvolvidas somente sobre a metade inferior das zonas de crescimento".

O gênero-tipo escolhido é Estheria muchisoniae Jones, 1892. Ora, ALMEIDA (op.cit., p. 27) reconheceu existir maior semelhança com a espécie por ele descrita, justamente com o gênero tipo escolhido ... "das formas fósseis B. muchisoniae (Jones) lembra a nossa. A figura 7 e 11, Est. III da monografia de JONES (1862) poderiam perfeitamente se aplicar a B. barbosai, mudada a escala. A nossa concha porém é mais ovalada, não possuindo as outras ornamentações da es -

pécie inglesa".

Idade geológica. O gênero conta com quatro espécies do Jurássico superior provenientes da Escócia, Mongólia e China, e de duas espécies do Cretáceo inferior (WEALDIAN) do Brasil.

As espécies estrangeiras relacionadas por NOVOJILOV (1954, 1956 op. cit.) são as seguintes:

P. munchisoniae (Jones), 1862, Escócia (Oxfordiano), Mongólia e China; P. andrewisi (Jones), 1862, WARDOUR, Inglaterra (Purbechiano) e Mongólia, acompanhado de P. munchisoniae; P. orientalis (Eichwald), 1869, bacia do Rio Torga, tributário do Onon, Mongólia; P. olonchurensis Novojilov, 1956, mesma procedência que P. orientalis.

As espécies brasileiras foram referidas a P. brauni e P. erichseni (Cardoso, 1966). A primeira procede da Formação Candeias, Grupo Bahia, Cretáceo Inferior (WEALDIAN); a segunda da Formação Ilhas, mesmo Grupo e mesma idade geológica.

Situação. A forma descrita procede de jazigo situado na estrada de rodagem Quintinos - Carmo do Paranaíba, a 20 km da primeira localidade (ver relação das ocorrências).

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, F.F.M. de

1950

- Uma fâunula de crustáceos bivalvos do arenito Botucatu no Estado de São Paulo. Bol. Dep. Nac. Prod. Miner. (134) : 1- 36, est. I - IV.

ALMEIDA, F.F.M. de

1967

- Origem e Evolução da Plataforma Brasileira. Bol. Dep. Nac. Prod. Miner. (241): 1 - 35, mapa.

AMARAL, G.

1968

- Contribuição ao conhecimento dos depósitos de

Zn - Pb - Cu - Ag da Serra do Poço Verde, Vazantes, Estado de Minas Gerais. An. XXII Cong. Soc. Bras. Geol.: 14 - 31.

BARBOSA, O.

1965

- Geologia economica e aplicada a uma parte do Planalto Central Brasileiro. An. XIX Cong. Soc. Bras. Geol. (in Simposio das Formações Eo - Paleozóicas do Brasil).

BARBOSA, O., Braun, O., Dyer, R.C. & Cunha, C.A.B.R.

1970

- Geologia da região do Triângulo Mineiro. Div. Fom. Prod. Min., D.N.P.M. Bot. Dep. Nac. Prod. Min. (136): 1 - 140, 55 fotos, 25 aerofotos, mapas.

BEURLEN, K.

1954

- Um novo gênero de conchostráceo da família Limnadidae. Notas Preliminares Div. Geol. Miner. D. N.P.M. (83): 7, 1 est.

BRAUN, O.

1970

- A Formação Areado e a Formação Serra Negra. Rev. Esc. de Minas 28 (3): 100-106.

CARDOSO, R.N.

1963

- Alguns conchostráceos mesozóicos do Brasil. Bol. Soc. Bras. Geol. 11 (2): 21-38, 1 est.

CARDOSO, R.N.

1966

- Conchostráceos do Grupo Bahia. Bol. Inst. Geol., Esc. Fed. Minas Ouro Preto 1(2): 43-89, 4 est.

CAMPBELL, D.F., Almeida, L.A. & Silva, S.O.

1949

- Relatório preliminar sobre a geologia da Bacia

/40 Cardoso, R.N. - Contribuição ao estudo da formação Areado.

do Maranhão. Bol. Cons. Nac. Petrol. (1).

COSTA, M.T. e Branco, J.J.R.

1961

- Roteiro para a excursão Belo Horizonte - Brasília. Instituto de Pesquisas Radioativas, Esc. Eng. Univ. Fed. Minas Gerais. An. XIV Cong. Bras. Geol. (15) : 1 - 115.

DEFRETIN, S.

1958

- Remarques à propos de la note de N.I. Novojilov sur quelques conchostracées chinois et africains. Soc. Geol. du Nord. (62): 244-260, p. 18.

DUARTE, L.

1968

- Restos vegetais fósseis da Formação Areado. An. XXII Cong. Bras. Geol.: 68.

FREYBERG, B.B.

1932

- Ergebnisse geologischer Forschungen in Minas Gerais, Brasilien (trad. J.M. Campos, para o Simposio das Formações Eo-Paleozoicas). An. XIX Cong. Bras. Geol.

GUIMARÃES, D.

1955

- Contribuição ao estudo dos tufos vulcânicos da Mata da Corda. Bol. Inst. Tecnol. Ind. (18): 1-27, 4 est.

HASUI, Y

1969

- O Cretáceo do Oeste Mineiro. Bol. Soc. Bras. Geol. 18 (1): 39-56.

JONES, T.R

1897

- On some fossil Entomostraca from South America. Geol. Mag. (New Series) (Decade) 4.

KING, L.C.

- 1956 - A geomorfologia do Brasil Oriental. Rev. Bras. Geog. (2): 148-265.

KOBAYASHI, T.

- 1954 - Fossil Estherians and allied fossils. J. Fac. Sci., Univ. of Tokio, (2) 9 (1): 1-192.

LADEIRA, E.A. e Brito, O.E.A.

- 1968 - Contribuição à Geologia do Planalto da Mata da Mata da Corda. An. XXII Cong. Bras. Geol.: 181 - 199.

LISBOA, M.A.

- 1906 - Ocorrência de seixos facetados no Planalto Central do Brasil. An. Esc. de Minas (8).

MENDES, J.C.

- 1960 - Nota sobre conchostráceos brasileiros da família Limnadiidae. An. Acad. Bras. Cienc. 32 (1): 75-78, 1 est.

MITCHEL, J.

- 1927 - The fossil Estheridae of Australia. Proc. Lin. Soc., New South Wales.

NOVOJILOV, N.

- 1958 - Conchostraca de la superfamilia des Limnadiopseidae, superfamilia nov. An. Serv. Inf. Geol. BRGGM (26): 95-127.

NOVOJILOV, N.

- 1960 - Sous-ordre Conchostraca Sars, 1946, Phylloporodes bivalves. In Onnovy Paleontologii, Chlenistomogie ...

/42 Cardoso, R.N. - Contribuição ao estudo da formação Areado

Chernysheva. Moscou, Gosgeoltekhizhat: 220-252,
fig. 455-586, pls 13-15 (trad. Mme.Stretovitch).

NOVOJILOV, N.

1954

- Crustacés Phyllopodes du Jurassique Superieur e du Crétace de Mongolie. Inst. Paleont. Acad. Sci. U.R.S.S. (48):1-124, 75 fig. (trad. n. 1561 du Serv. Inf. Geol. du B.R.G.M., Paris)

RAYMOND, P.

1946

- The genera of fossil conchostraca, an order of bivalved Crustacea. Bul. Mus. Comp. Zool. 96(3): 218-307, pls. 1-6.

REED, F.R.

1929

- Novos Phyllopodos fósseis do Brasil. Bol. Serv. Geol. Miner. (34): 1-19, 1 est., mapa.

SANTOS, R.S. e Scorza, E.P.

1955

- Ocorrência de folhelho fossilífero cretácico no município de Presidente Olegário, Minas Gerais. Bol. Div. Geol. Miner. DNPM (155): 1-27, ests. I-III.

SANTOS, M.E.M.

1968

- Um novo artropodo da Formação Areado, Estado de Minas Gerais. An. XXII Cong. Bras. Geol.:68.

SAD, J.H.G. e Torres, N.

1968

- Complexos alcalinos da região do Alto Paranaíba. Relatório Anual de Serviços, DNPM (inédito).

SAD, J.H.G., Cardoso, R.N. e Costa, M.T.

1970

- Formações Cretácidas em Minas Gerais: uma revisão. Rev. Bras. Geociênc. 1 (1): 2-13.

TASCH, P. e Zimmerman, A.

1961

- Comparative ecology of living and fossil conchotraca in a seven county area of Kansas and Oklahoma. Bul. Univ. Wichita (47): 1 - 14.

TASCH, P.

1963

- Evolution of Branchiopoda in Phylogeny and Evolution of Crustacea. Bul. Mus. Comp. Zool. (Special Publication).

TEIXEIRA, C.

1960

- Sur quelques fossiles du Karroo de la Luanda, Angola. Cia. de Diamantes de Angola, Lisboa, Serv. Culturais: 81-116, est. I- XVI.

TEIXEIRA, C.

1961

- Paleontological notes on the Karroo of Luanda, Angola. Separata de Garcia de Orta, Junta de Investigações do Ultramar 9 (2).

ESTAMPA I

- Fig. 1 Pteriograpta cf. reali Teixeira, 1960. Valva direita, X 2 (aprox.). A região antero-dorsal apresenta-se fragmentada. Fazenda São José, margem do Córrego Meloso, próximo a Varjão, MG. Coleção D.G.M. n. 4627
- Fig. 2 Idem. Valva esquerda, X 2,5 (aprox.). São Gonçalo do Abaeté, MG. Coleção DGM 4627
- Fig. 3 Idem. Detalhe da escultura mostrando porção de uma zona de crescimento com bastonetes anastomosados. X 30 (aprox.).
- Fig. 4 Pseudestheria abaetensis Cardoso, sp. n. Valva esquerda, X 10 (aprox) . São Gonçalo do Abaeté, MG. Col. MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL UFMG Nº 005 .



ESTAMPA II

- Fig. 1 Palaeolimnadiopsis freybergi Cardoso, sp. n. Valva direita X 4,2. Rodovia Patos - Pirapora, 40 km a partir de Canoeiros. Sítio tipo, Coleção MUSEU HISTÓRIA NATURAL UFMG Nº 001
- Fig. 2 Idem. Fragmento mostrando várias impressões. Mesmo jazigo. X 1,2 (aprox) Coleção MUSEU HISTÓRIA NATURAL UFMG Nº 002
- Fig. 3 Pseudograptia cf. barbosai (Almeida). Rodovia Quintinos a Carmo do Paranaíba, MG. Col. MUSEU HISTÓRIA NATURAL UFMG Nº 003
- Fig. 4 Idem. Valva esquerda, X 14. Col. MUSEU HISTÓRIA NATURAL UFMG Nº 004



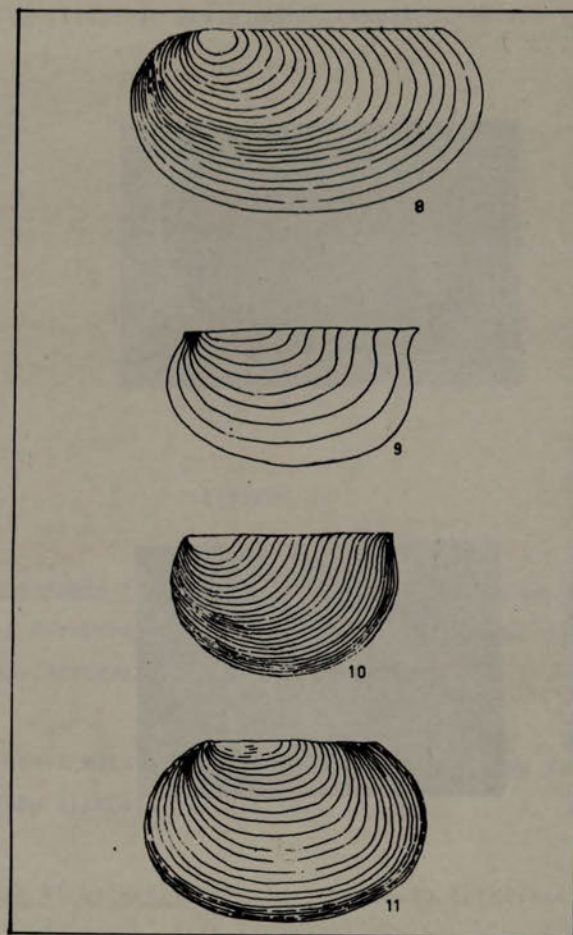


Fig. 8 Pseudestheria abaetensis Cardoso, sp. n. Valva esquerda, X 10(aprox.). São Gonçalo do Abaeté, MG.

Fig. 9 Pteriograptia cf. reali Teixeira, 1950. Valva esquerda, X 1,4. Fazenda São José, margem do córrego meloso, próximo a Varjão, MG.

Fig. 10 Palaelimnadiopsis freybergi Cardoso, sp. n. Valva esquerda, X 2,5. Estrada de rodagem Patos - Pirapora, km 40, Minas Gerais.

Fig. 11 Pseudograptia cf. barbosai (Almeida), 1950. Valva esquerda, X 14. Estrada , X 14. Estrada Quintinos a Carmo do Paranaíba, MG.

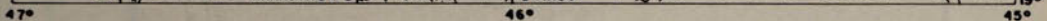


FIG.1. ESBOÇO GEOLÓGICO DA ÁREA ESTUDADA

ESCALA 1:1.000.000

- | | | | |
|---|------------------------------|---|---------------------------|
|  | FORMAÇÃO MATA DA GORDA |  | JAZIGOS FÓSSEIS ESTUDADOS |
|  | FORMAÇÃO AREADO |  | ESTRADA PAVIMENTADA |
|  | ULTRABÁSICAS COM CARBONATITO |  | ESTRADA SEM PAVIMENTO |
|  | GRUPO BAMBUÍ |  | ESTRADA MUNICIPAL |

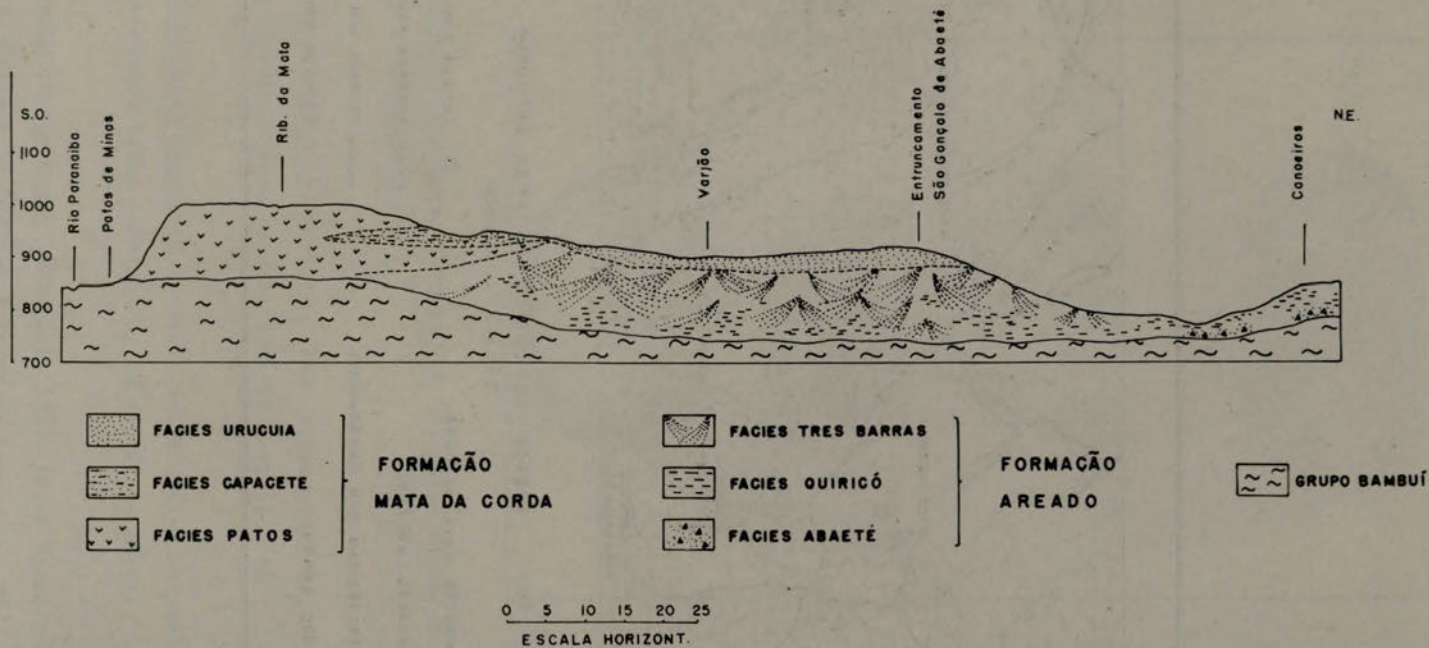


FIG.3 SEÇÃO PATOS DE MINAS - CANOEIROS, MOSTRANDO A FACIOLOGIA DAS FORMAÇÕES AREADO E MATA DA CORDA.

MAPA MOSTRANDO A DISTRIBUIÇÃO DAS SEQUÊNCIAS CRETÁCIAS NO ESTADO DE MINAS GERAIS, BRASIL

por: J.H. Grossi Sod, R.N. Cardoso e M.T. da Costa
1970

BACIA SANFRANCISCANA

-  Facies Urucua (Inclui a Formação Areado)
-  Facies Capacete e Urucua (Inclui a Formação Areado)
-  Facies Capacete
-  Facies Potos

FORMAÇÃO MATA DA
CORDA

FORMAÇÃO AREADO

-  Facies Abaelé Quiricó e Tres Barras

BACIA PARANAENSE

-  Facies Itaqueri e Mairi
-  Facies Uberaba

FORMAÇÃO BAURU

GRUPO SÃO BENTO

-  Arenito Botucatu
-  Vulcanitos Serra Geral

-  Complexos silicocarbonatíticos e carbonatíticos



FIG. 2

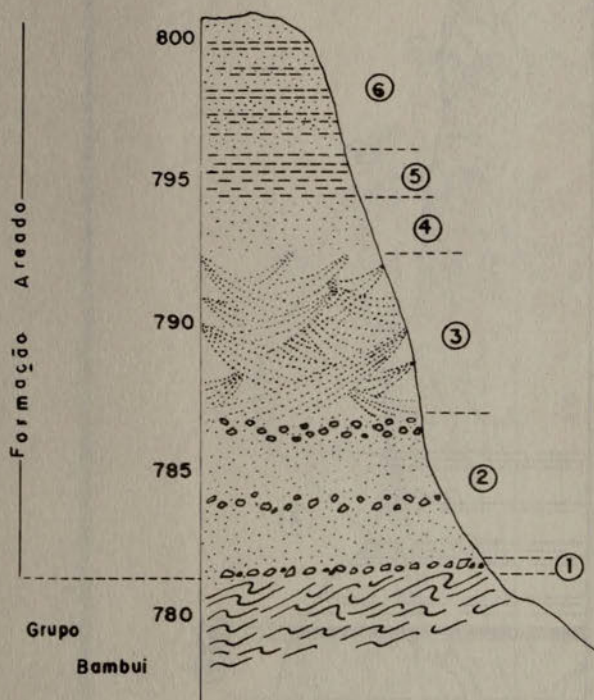
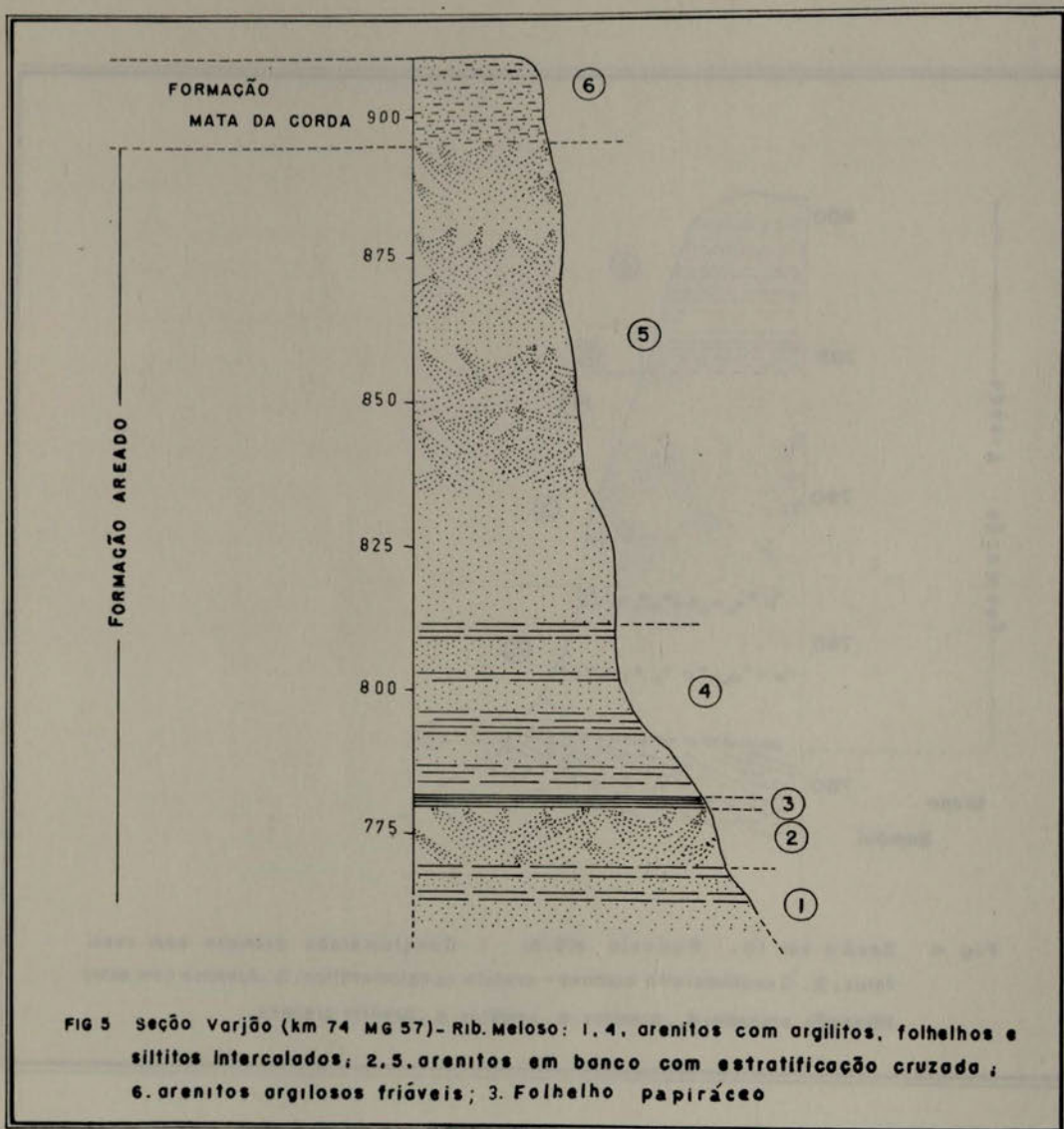


Fig 4 Secão km 18- Rodovia MG-51: 1.-Conglomerado arenoso com ventifaros; 2.-Conglomerado arenoso-arenito conglomerádico; 3.-Arenitos com estratificação cruzada; 4.-Arenitos; 5.-Argilitos; 6.-Arenito argiloso.



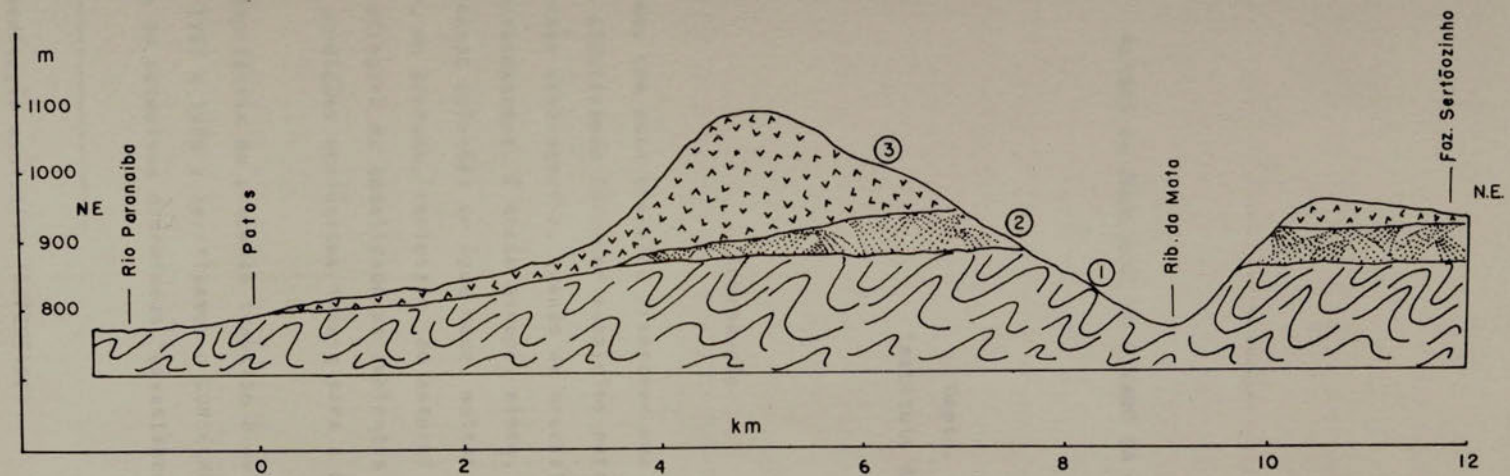


FIG. 6 Seção Patos-Fazenda Sertãozinho : 1, siltitos e folhelhos sericíticos predominantes (Grupo Bambui); 2, arenitos com estratificação cruzada (Formação Areado, Facies Tres Barras); tufos e lavas ultrabásicas (Formação Mata da Corda, Facies Patos).

PEIXES DE ÁGUA DOCE DO ESTADO DA GUANABARA

Sérgio Ypiranga Pinto *

Depto. de Zoologia e Parasitologia

Instituto de Ciências Biológicas, UFMG

Introdução

Visamos com este trabalho preencher uma lacuna na literatura ictiológica brasileira, objetivando fornecer subsídios para aliviar a cansativa tarefa de percorrer extensa bibliografia, quando da necessidade de coligir determinados dados, que ora apresentamos. É nosso escopo, ainda, documentar a ocorrência de tais formas em nossas coleções de água doce, muitas das quais no futuro poderão não mais existir, em virtude, inclusive, do natural desenvolvimento do Estado, o qual fatalmente atingirá na totalidade os ambientes naturais, modificando ou destruindo aquelas condições ecológicas ideais para a permanência das formas ora existentes.

A importância do presente trabalho é evidenciada, quando nos reportamos aos anos de 1957 e 1958 e verificamos o CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS patrocinando um plano de pesquisas denominado "Levantamento Faunístico do Distrito Fe

* Em regime de dedicação exclusiva (COPERTIDE)

deral e arredores", visando com o mesmo fazer, entre outras pesquisas, as listas das espécies zoológicas ocorrentes no atual estado da Guanabara. Entendendo o precioso objetivo de tal planejamento é que, face ainda não ter sido elaborado um rol ictiológico da região, concluímos o presente catálogo que cuida dos peixes dulcícolas de ocorrência no Estado, incluindo aqueles que podem habitar as águas salobras e, eventualmente, penetram em ambiente estritamente doce; arrolamos, também, as espécies estrangeiras introduzidas em nossas coleções de água doce pelos serviços oficiais e por aquaristas.

Num Estado em que a sua ictiofauna é deficientemente conhecida sob o aspecto científico, o presente ganha o cunho de uma tentativa pioneira de recenseamento das espécies aí ocorrentes, cujo caráter de primeiro trabalho específico global sobre os peixes que existem na área geográfica da Guanabara, complementará aquele estudo abrangendo as regiões vizinhas, o que se faz necessário, a fim de que se tenha uma idéia e se tente reconstituir toda a fauna ictiológica primitiva da região.

Acresça-se à deficiência de conhecimento o fato de que as águas interiores do Estado, devido ao grande progresso industrial e ao aumento populacional, vêm cada dia que passa se tornando mais e mais poluídas, o que exige, dentro do mais breve, estudos e medidas que visem preservar vivas as espécies que ainda as habitam; quando os ambientes ecológicos naturais, face tal poluição e outros fatores vêm modificando ou sendo destruídos, sem se contar as perturbações causadas pela introdução de espécies alienígenas nacionais ou estrangeiras.

Além do material ictiológico constante das coleções do MUSEU NACIONAL, UFRJ, e dos nossos apontamentos, assim como aqueles existentes em seus fichários, contribuíram para a execução do presente como obras de consulta, principalmente, os trabalhos de RIBEIRO, A.M. (1911 e 1915), EIGENMANN (1921), GOSLINE (1945) e FOWLER (1954), os quais procuraram, como nós também o fazemos, contribuir para o melhor conhecimento do meio que nos cerca, em especial os peixes, que ocupam um lugar de real importância na economia moderna, inclusive como uma das principais fontes de proteína animal.

Fizemos constar para cada espécie aqui tratada a sua distribuição geográfica em todo o território brasileiro, a sua sinonímia científica, os seus no-

mes vulgares sempre que possível, além da bibliografia básica, assim como a relação de parte do material ictiológico fichado existente nas coleções do MUSEU NACIONAL.

Para a coleta do material foi utilizada a pesca com anzol, covos, rês de arrasto, rês de espera, tarrafa, peneira ou rotenona, dependendo o método de captura a ser aplicado, única e exclusivamente dos hábitos da espécie e das condições apresentadas pela região a ser explorada. A preservação dos exemplares coletados foi feita imediatamente à sua apreensão com a fixação em solução de formol a 5% e, posteriormente, passados para solução de álcool a 70%, quando incorporados às coleções ictiológicas.

/52 Pinto, S.Y. - Peixes de água doce do estado da Guanabara.

Classe TELEOSTOMI

Subclasse ACTINOPTERYGII

Ordem CYPRINIFORMES

Subordem CHARACOIDEI

Família Anostomatidae

Gênero Leporinus Agassiz, 1 829

Tipo: Leporinus nosenfasciatus Spix, 1 829

Leporinus Agassiz, 1 829: 58 e 65 desc.

Leporinus, Müller & Troschel, 1 844 10 (1): 86 desc.

Leporinus, Müller & Troschel, 1 845: 10 desc.

Leporinus, Eigenmann, 1 910 3 (4): 426 sin. tip.

Leporinus, Borodin, 1 929 50 (3) : 269 desc. ch.

Leporinus, Schultz, 1 944 95 (3 152): 267 cit.

Leporinus, Campos, 1 945 5: 141 desc. ch.

Leporinus, Campos, 1 945 4 (11): 443 desc.

Leporinus, Pozzi, 1 945 7 (2): 258 cit.

Leporinus, Fowler, 1 950 6 (2): 228 sin.

Leporinus, Travassos, 1 952 3 (2): 150 cit.

Leporinus conirostris Steindachner, 1 875

Leporinus conirostris Steindachner, 1 875 71 (3): 233 desc. fig.

Leporinus conirostris, Eigenmann & Kennedy, 1 903: 512 cit.

Leporinus conirostris, Borodin, 1 929 50 (3): 285 cit. fig.

Leporinus conirostris, Campos, 1 945 5: 147 desc.

Leporinus conirostris, Fowler, 1 950 6 (2): 229 sin. fig. dist.

Leporinus fasciatus (non Bloch) Fowler, 1 906: 328 desc.

Distribuição geográfica: Espírito Santo, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo.

Nome vulgar: boga, piapara, piaba.

Leporinus copelandii Steindachner, 1 875

Leporinus copelandii Steindachner, 1 875 7 (1): 236 desc.

Leporinus copelandii, Eigenmann & Norris, 1 900 (4): 357 cit.

Leporinus copelandii, Fowler, 1 950 6 (2): 230 sin. dist. fig.

Leporinus copelãdi Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 51 cit.

Leporinus copelandi, Campos, 1 945 5 (16): 146 cit. fig.

Leporinus copelandi, Campos, 1 945 4 (11): 444 cit.

Distribuição geográfica: Espírito Santo, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo.

O autor desta espécie assinala-a para a localidade de Santa Cruz, no estado da Guanabara.

Leporinus macrolepidotus Peters, 1 868

Leporinus macrolepidotus Peters, 1 868: 455 desc.

Leporinus macrolepidotus, Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 51 cit.

Leporinus macrolepidotus, Eigenmann, 1 910 3 (4): 426 cit.

Leporinus macrolepidotus, Fowler, 1 950 6 (2): 236 sin. dist.

Distribuição geográfica: Rio de Janeiro, Guanabara.

Esta espécie foi descrita tendo como localidade-tipo Rio de Janeiro.

Leporinus maculatus Müller & Troschel, 1 844

Leporinus maculatus Müller & Troschel, 1 844 10 (1): 86 desc.

Leporinus maculatus, Valenciennes in Cuvier & Valenciennes, 1 849 22: 31 desc.

Leporinus maculatus, Castelnau, 1 855 3: 58 desc. fig.

Leporinus maculatus, Günther, 1 864 5: 309 desc.

Leporinus maculatus, Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 51 cit.

Leporinus maculatus, Eigenmann, 1 910 3 (4): 427 cit.

Leporinus maculatus, Starks, 1 913: 15 cit.

Leporinus maculatus, Steindachner, 1 917 93: 28 cit.

Leporinus maculatus, Fowler, 1 932: 347 cit. fig.

Leporinus maculatus, Campos, 1 945 5 (16): 152 cit. fig.

Leporinus megalepis Günther, 1 863 (3) 12: 443 desc.

Leporinus megalepis Günther, 1 864 5: 307 cit.

Leporinus megalepis, Cope, 1 872: 259 desc.

Leporinus megalepis, Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 51 cit.

Leporinus megalepis, Boulenger, 1 892 (6) 10: 12 cit.

Leporinus megalepis, Fowler, 1 942 (6) (21): 216 cit.

/54 Pinto, S.Y. - Peixes de água doce do estado da Guanabara.

Leporinus marcgravi Reinhardt in Lütken, 1 875 12: 202 desc. fig.

Distribuição geográfica: Amazonas, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo.

Nome vulgar: timborê pichô.

Família Curimatidae

Gênero Curimata Walbaum, 1 792

Tipo: Salmo (Curimata) marcgravi Walbaum, 1 792 = Charax n° 379 Gronovius ,
1 763 = Salmo edentulus Bloch, 1 797 = Salmo cyprinoides
Linnaeus, 1 758 = Curimata cyprinoides (Linnaeus, 1 758) Wal-
baum, 1 792.

Curimata Walbaum, 1 792 3 ed. 2: 80 desc.

Curimata Gronovius, 1 763 1: 224 desc.

Les Curimates Cuvier, 1 815 1: 109 desc.

Les Curimates Cuvier, 1 817 2: 165 desc.

Curimata, Cloquet, 1 818 12: 240 desc.

Curimatus, Gill, 1 858 6: 421 desc.

Curimatus, Günther, 1 864 5: 288 desc.

Curimatus, Steindachner, 1 874 70 (1): 527 cit.

Curimatus, Günther, 1 880: 607 desc.

Curimatus, Eigenmann & Eigenmann, 1 889 4 (2): 7 desc. sin. tip.

Curimata , Gill, 1 895 18: 202-203 desc.

Curimatus, Gill, 1 903 26: 966 cit.

Curimata, Fowler, 1 906 : 301 desc.

Cyphocarax Fowler, 1 906 : 297 desc. tip.

Steindachnerina Fowler, 1 906 : 298 desc. tip.

Peltapleura Fowler, 1 906 : 300 desc. tip.

Curimatus, Regan, 1 908 3: 166, 174 ch. sin.

Curimatus, Boulenger, 1 910 7: 576 cit.

Curimatus, Eigenmann, 1 910 3 (4): 421 sin. tip.

Curimatus, Eigenmann, 1 912 5: 263 sin. tip.

- Xyrocharax Fowler, 1 913: 673 desc. tip.
- Curimatus, Meek & Hildebrand, 1 916 (705) 10 (15): 269 desc. tip.
- Curimata, Jordan & Evermann, 1 917 1: 50 desc. tip.
- Curimatus, Eigenmann, 1 922 9: 100 desc.
- Hemicurimata Myers, 1 929 (10) 3: 620 desc. tip.
- Curimata, Jordan, Evermann & Clark, 1 930 2: 107 sin. tip.
- Curimatus, Gregory & Conrad, 1 938 23: 324 desc.
- Curimatus, Hildebrand, 1 938 22: 247 desc.
- Curimata, Fowler, 1 939: 253 desc. tip.
- Curimatus, Fowler, 1 939 3 (10): 68 desc.
- Curimata, Nieve, 1 939 1: 906 cit.
- Curimata, Eigenmann & Allen, 1 942: 229 sin. tip.
- Curimata, Schultz, 1 944 95: 249 tip.
- Curimata, Campos, 1 945 4(11): 459 sin. desc.
- Curimatus, Pozzi, 1 945 7 (4): 258 cit.
- Curimata, Fowler, 1 950 6 (2): 277 sin. tip.
- Curimata, Travassos, 1 951 2 (5): 248 desc.
- Curimata gilbert gilbert Quoy & Gaimard, 1 824
- Curimata gilbert Quoy & Gaimard, 1 824 2: 219 desc. tip. fig.
- Curimata gilbert, Fowler, 1 906: 300 desc.
- Curimata gilbert, Fowler, 1 940: 98 cit.
- Curimatus gilberti Valenciennes in Cuvier & Valenciennes, 1 849 22: 16 desc.
- Curimatus gilberti, Steindachner, 1 874 70 (1): 527 cit.
- Curimatus gilberti, Eigenmann & Eigenmann, 1 889 4: 424 cit.
- Curimatus gilberti, Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 421 cit.
- Curimatus gilberti, Eigenmann, 1 894 7: 633 cit.
- Curimatus gilberti, Eigenmann & Norris, 1 900 4: 355 cit.
- Curimatus gilberti, Eigenmann & Kennedy, 1 903: 511 desc.
- Curimatus gilberti, Eigenmann & Ogle, 1 907 33: 3 desc.
- Curimatus gilberti, Eigenmann, 1 910 3 (4): 421 cit.
- Curimatus gilberti, Bertoni, 1 914: 9 cit.

/56 Pinto, S.Y. - Peixes de água doce do estado da Guanabara.

Curimatus gilberti, Devincenzi & Teague, 1 942 (2) 5 (4): 59 desc. fig.

Curimatus gilbertii Cope, 1 894 33: 93 desc.

Curimatus alberti (error) Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 47 cit.

Curimata gilberti gilberti Bertoni, 1 939 4 (4): 54 desc.

Curimata gilberti Campos, 1 945 4 (11): 460 desc.

Curimatus voga Hensel, 1 869: 78 desc.

Curimatus albula Lütken, 1 874: 127 desc.

Curimata gilbert gilbert Fowler, 1 950 6 (2): 284 sin. dist. fig.

Distribuição geográfica: Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Guanabara.

Nome vulgar: curimbatã, papa-terra.

Curimata nagelii Steindachner, 1 881

Curimatus nagelii. Steindachner, 1 881: 98 desc.

Curimatus nagelii Steindachner, 1 882 44 (1): 11 cit.

Curimatus nagelii, Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 47 cit.

Curimatus nagelii, Eigenmann, 1 910 3 (4): 421 cit.

Curimata nagelii, Fowler, 1 950 6 (2): 288 sin. dist.

Distribuição geográfica: Rio de Janeiro, Guanabara.

Família Erythrinidae

Gênero Hoplerythrinus Gill, 1 895

Tipo: Erythrinus unitaeniatus Agassiz, 1 829

Hoplerythrinus Gill, 1 895 18: 208 desc.

Ophiocephalops Fowler, 1 906: 293 desc. tip.

Hoplerythrinus unitaeniatus (Spix, 1 829) Eigenmann & Kennedy, 1 903

Hoplerythrinus unitaeniatus Eigenmann & Kennedy, 1 903: 508 desc.

Erythrinus unitaeniatus Spix in Agassiz, 1 829: 42 desc.

Erythrinus unitaeniatus, Müller & Troschel, 1 844 (1): 82 cit.

Erythrinus unitaeniatus, Müller & Troschel, 1 845 (1-2): 5 desc. fig.

- Erythrinus unitaeniatus, Valenciennes in Cuvier & Valenciennes, 1 846 19:351 desc.
- Erythrinus unitaeniatus, Günther, 1 864 5: 283 desc.
- Erythrinus unitaeniatus, Steindachner, 1 874 70 (1): 526 desc.
- Erythrinus unitaeniatus, Steindachner, 1 883 46 (1): 11 cit.
- Erythrinus unitaeniatus, Eigenmann & Eigenmann, 1 889 (2) 2: 105 desc.
- Erythrinus unitaeniatus, Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 45 cit.
- Erythrinus unitaeniatus, Boulenger, 1 892 (6) 10: 12 cit.
- Erythrinus unitaeniatus, Boulenger, 1 897 (6) 20: 297 cit.
- Erythrinus unitaeniatus, Goeldi, 1 898 2: 481 cit.
- Erythrinus unitaeniatus, Regan, 1 905: 189 cit.
- Erythrinus unitaeniatus, Fowler, 1908: 294 cit.
- Erythrinus l-taeniatus Agassiz, 1 829: 19 fig.
- Erythrinus kessleri Steindachner, 1 876 74 (1): 596 desc.
- Erythrinus salmoneus Cope, 1 878 17: 694 desc.
- Erythrinus salvus Agassiz, 1 829: 41 desc.
- Erythrinus salvus, Müller & Troschel, 1 844 (1): 82 cit.
- Erythrinus vittatus Valenciennes in Cuvier & Valenciennes, 1 846 19:359 desc.fig.
- Erythrinus vittatus, Castelnau, 1 855 3: 56 cit.
- Hoplerythrinus unitaeniatus, Eigenmann & Bean, 1 907 31: 677 cit.
- Hoplerythrinus unitaeniatus, Eigenmann, Mc Atee & Ward, 1 907 4 (2): 124 cit.
- Hoplerythrinus unitaeniatus, Starks, 1 913: 21 cit.
- Hoplerythrinus unitaeniatus, Eigenmann, 1 910 3 (4): 448 cit.
- Hoplerythrinus unitaeniatus, Pearson, 1 924 11 (64): 49 cit.
- Hoplerythrinus unitaeniatus, La Monte, 1 935 (784): 8 cit.
- Hoplerythrinus unitaeniatus, Schindler, 1 938: 298 cit.
- Hoplerythrinus unitaeniatus, Fowler, 1 939: 275 cit.
- Hoplerythrinus unitaeniatus, Fowler, 1 940: 102 cit.
- Hoplerythrinus unitaeniatus, Fowler, 1 941: 195 cit.
- Hoplerythrinus unitaeniatus, Eigenmann & Allen, 1 942: 22 cit.
- Hoplerythrinus unitaeniatus, Fowler, 1 943 (7) (24-25): 111 cit.
- Hoplerythrinus unitaeniatus, Fowler, 1 945 97: 106 cit.
- Hoplerythrinus unitaeniatus, Fowler, 1 950 6 (2):360 sin.fig. dist. geog.

/58 Pinto, S.Y. - Peixes de água doce do estado da Guanabara.

Hoploerythrinus unitaeniatus (error), Fowler, 1 915: 531 cit.

Distribuição geográfica: Amazonas, Pará, Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo.

Nome vulgar: traíra.

Gênero Hoplias Gill, 1 903

Tipo: Esox malabaricus Bloch, 1 794 = Synodus malabaricus
Bloch & Schneider, 1 801 = Macrodon trahira Müller &
Troschel, 1 844 = Hoplias malabaricus (Bloch, 1 794)
Gill, 1 903.

Macrodon (non Schinz, 1 822) Müller, 1 842: 309 desc.

Macrodon, Müller & Troschel, 1 844 10 (1): 82 desc.

Macrodon, Müller & Troschel, 1 845: 6 desc.

Macrodon, Valenciennes in Cuvier & Valenciennes, 1 846 19: 363 desc.

Macrodon, Müller & Troschel, 1 848: 32 cit.

Macrodon, Gill, 1 858 6: 410 desc.

Macrodon, Günther, 1 880: 607 cit.

Macrodon, Jordan & Evermann, 1 896 47 (1): 330 desc. ch.

Hoplias Gill, 1 903 26 (1 349): 1 016 tip.

Hoplias, Regan, 1 908: 21 cit.

Hoplias, Regan, 1 908: 166 cit. ch. 167 desc. sin.

Hoplias, Regan, 1 910 3 (4): 447 desc. sin. tip.

Hoplias, Eigenmann, 1 912 5: 412 desc. sin.

Hoplias, Meek & Hildebrand, 1 916 10 (15) (zool. ser.): 303 desc. sin. ch. tip.

Macrodon, Jordan & Evermann, 1 917 1: 115 desc.

Macrodon, Jordan, 1 919 2: 216 tip.

Hoplias, Jordan, 1 920 4: 503 cit.

Hoplias, Eigenmann, 1 922 9: 169 ch.

Hoplias, Jordan, Evermann & Clark, 1 930: 99 sin. tip.

Hoplias, Gregory & Conrad, 1 938 23: 324 fig.

Hoplias, Hildebrand, 1 938 12: 289 desc.

Hoplias, Eigenmann & Allen, 1 942: 279 desc. sin. tip.

Hoplias, Schultz, 1 944 95: 308 cit.

Hoplias, Pozzi, 1 945 7 (2): 257 cit.

Hoplias, Fowler, 1 950 6 (2): 362 sin.

Hoplias malabaricus (Bloch, 1 794) Eigenmann & Kennedy, 1 903

Hoplias malabaricus Eigenmann & Kennedy, 1 903: 508 desc. n. comb.

Esox malabaricus Bloch, 1 794 8: 149 desc. fig.

Macrodon malabaricus Eigenmann & Eigenmann, 1 890 (2) 2: 102 desc.

Macrodon malabaricus, Eigenmann, 1 894 14. 45 cit.

Macrodon malabaricus, Ulrey, 1 895 8: 258 cit.

Macrodon malabaricus, Eigenmann & Norris, 1 900 4: 355 cit.

Macrodon brasiliensis Müller & Troschel, 1 844 (1): 82 desc.

Macrodon intermedius Günther, 1 864 5: 282 desc.

Macrodon intermedius, Boulenger, 1 897 (6) 20: 297 cit.

Macrodon intermedius, Goeldi, 1 898 2: 481 cit.

Macrodon tareira Valenciennes in Cuvier & Valenciennes, 1 846 19: 366 desc.

Macrodon trahira Müller & Troschel, 1 844 (1): 82 desc.

Macrodon trahira Müller & Troschel, 1 845 (1-2): 6 desc. fig.

Macrodon trahira, Günther, 1 864 5: 281 desc.

Macrodon trahira, Günther, 1 868: 239 cit.

Macrodon trahira, Cope, 1 870 11: 566 cit.

Macrodon trahira, Cope, 1 871: 257 cit.

Macrodon trahira, Steindachner, 1 874 70 (1): 524 cit.

Macrodon trahira, Cope, 1 878 17: 694 cit.

Macrodon trahira, Steindachner, 1 883 42 (1): 11 cit.

Macrodon trahira, Boulenger, 1 892 (6) 10: 12 cit.

Macrodon trahira, Boulenger, 1 895 10 (196): 2 cit.

Macrodon trahira, Boulenger, 1 897 (6) 20: 297 cit.

Macrodon trahira, Boulenger, 1 898 39: 127 cit.

/60 Pinto, S.Y. - Peixes de água doce do estado da Guanabara.

Macrodon trahira, Boulenger, 1 900 15 (370): 2 cit.

Macrodon trahira, Goeldi, 1 898 2: 481 cit.

Macrodon trahira, Regan, 1 905: 189 cit.

Macrodon trahira, Eigenmann & Bean, 1 907 31: 667 cit.

Erythrinus brasiliensis Spix in Agassiz, 1 829: 45 desc. fig.

Erythrinus brasiliensis, Castelnau, 1 855 3: 55 desc.

Erythrinus macrodon Agassiz, 1 829: 43 desc.

Erythrinus microcephalus, Agassiz, 1 829: 44 desc.

Erythrinus microcephalus, Müller & Troschel, 1 844 (1): 82 cit.

Erythrinus trahira Spix in Agassiz, 1 829: 44 cit. fig.

Erythrinus trahira, Castelnau, 1 855 3: 56 desc.

Hoplias malabaricus, Fowler, 1 906: 293 cit.

Hoplias malabaricus, Eigenmann, Mc Atee & Ward, 1 907 4 (2): 124 cit.

Hoplias malabaricus, Eigenmann & Ogle, 1 907 33: 36 cit

Hoplias malabaricus, Eigenmann, 1 910 3 (4): 447 cit.

Hoplias malabaricus, Starks, 1 913: 21 cit.

Hoplias malabaricus, Fowler, 1 915: 530 cit.

Hoplias malabaricus, Pearson, 1 924 11 (64): 49 cit.

Hoplias malabaricus, Schindler, 1 938: 297 cit.

Hoplias malabaricus, Fowler, 1 939: 275 cit.

Hoplias malabaricus, Fowler, 1 941: 195 cit.

Hoplias malabaricus, Devincenzi & Teague, 1 942 (2) 5 (4): 76 desc. fig.

Hoplias malabaricus, Eigenmann & Allen, 1942: 280 cit.

Hoplias malabaricus, Fowler, 1 943 95: 244 cit.

Hoplias malabaricus, Fowler, 1 943 (7) (24-25): 111 cit. fig.

Hoplias malabaricus, Campos, 1 945 4 (11): 459 desc.

Hoplias malabaricus, Fowler, 1 945 97: 106 cit.

Hoplias malabaricus malabaricus Fowler, 1 950 6 (2) 362 cit. sin. dist. geog.

Synodus palustris Schneider, 1 801: 398 desc.

Synodus tareira Schneider, 1 801: 398 desc. fig.

Distribuição geográfica: Amazonas, Parã, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Guanaba

ra, São Paulo.

Nome vulgar: traíra, dorme-dorme.

Família Hemiodontidae

Gênero Characidium Reinhardt, 1 866

Tipo: Characidium fasciatus Reinhardt, 1 866

Characidium Reinhardt, 1 866: 55 desc.

Characidium Reinhardt, 1 875 in Lütken, 1 875: 11 desc.

Characidium, Steindachner, 1 876 74: 559 cit.

Characidium, Eigenmann & Eigenmann, 1 892 14: 50 cit.

Chorimycterus Cope, 1 894 28 (325): 67 desc.

Nanognathus Boulenger, 1 895 10 (196): 2 desc.

Characidium, Ribeiro, 1 905 13: 171 desc.

Characidium, Fowler, 1 906 58: 323 desc.

Poecilosomatops Fowler, 1 906 58: 323 desc.

Poecilosomatops, Eigenmann, 1 907 41: 769 desc.

Nanognathus, Eigenmann, 1 907 41: 769 cit.

Characidium, Eigenmann, 1 909: 36 ch. desc.

Jobertina Pellegrin, 1 909 15: 151 desc.

Chorimycterus, Boulenger, 1 910: 576 cit.

Nanognathus, Boulenger, 1 910: 576 cit.

Characidium, Boulenger, 1 910: 576 cit.

Characidium, Eigenmann, 1 910 3 (4): 427 cit. sin. tip.

Characidium, Regan, 1 911 8 (8): 21 cit. ch.

Characidium, Eigenmann, 1 912 5 (1): 288 desc. sin. tip.

Characidium, Cockerell, 1 914 9: 98 desc.

Characidium, Rachow, 1 914: 1 desc. hab.

Characidium, Jordan, 1 919 3: 343 tip.

Chorimycterus, Jordan, 1 920 4: 464 tip.

Characidium, Eigenmann, 1 922: 121 cit. ch.

/62 Pinto, S.Y. - Peixes de água doce do estado da Guanabara.

Characidium, Jordan, Evermann & Clark, 1 930 2: 100 cit.

Characidium, Borodin, 1 931 72: 37 cit.

Characidium, Hildebrand, 1 938 10 (4): 247 desc.

Characidium, Eigenmann & Allen, 1 942: 288 cit.

Characidium, Devincenzi & Teague, 1 942: 58 cit.

Characidium, Myers, 1 943: 21 cit.

Characidium, Milles, 1 943: 49 cit.

Characidium, Myers, 1 943: 106 cit.

Characidium, Schultz, 1 944: 276 ch. dist. geog.

Characidium, Pozzi, 1 945 7: 248 cit.

Characidium, Campos, 1 945 4 (11): 457 desc. tip.

Characidium, Travassos, 1 947 1 (14): 254 desc. disc. sin. tip.

Characidium, Buen, 1 950 (2): 86 sin.

Characidium, Fowler, 1 950 6 (2): 253 cit. sin. tip.

Characidium grajahuensis Travassos, 1 944

Characidium grajahuensis Travassos, 1 944(30): 2 desc. fig.

Characidium grajahuensis, Fowler, 1950 6 (2): 256 cit. dist. geog.

Distribuição geográfica: Guanabara.

Gênero Jobertina Pellegrin, 1 909

Tipo: Jobertina interruptus Pellegrin, 1 909

Characidium (Jobertina) Pellegrin, 1 909 15: 151 desc. tip.

Jobertina, Jordan, 1 920 4: 533 tip.

Characidium (Jobertina), Travassos, 1 947 1 (4): 255 disc.

Jobertina interruptus Pellegrin, 1 909

Characidium (Jobertina) interruptus Pellegrin, 1 909 15: 151 desc.

Jobertina interrupta Eigenmann, 1 910 3 (4): 428 cit.

Characidium interruptum Fowler, 1 950 6 (2): 257 cit. sin. dist. geog.

Characidium (Jobertina) dubia Travassos, 1 952 (109): 8 desc. fig.

Distribuição geográfica: Rio de Janeiro, Guanabara.

Família Prochilodidae

Gênero Prochilodus Agassiz, 1 829

Tipo: Prochilodus argenteus Agassiz, 1829 (designado por Eigenmann, 1 910)

Prochilodus Agassiz, 1 829: 57 desc.

Pacu Spix, 1 829: 62 desc.

Prochilodus, Schomburgk, 1 838 39 (1): 257 desc.

Prochilodus, Müller & Troschel, 1 845: 8 desc.

Prochilodus, Steindachner, 1 874 70: 531 cit.

Prochilodus, Günther, 1 880: 607 cit.

Prochilodus, Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 48 sin.

Prochilodus, Eigenmann, 1 907: 768 desc. sin.

Prochilodus, Eigenmann, 1 910 3 (4): 424 sin. tip.

Prochilodus, Jordan & Evermann, 1 917: 132 tip.

Prochilodus, Eigenmann, 1 922 9: 122 desc. sin.

Prochilodus, Eigenmann & Allen, 1 942: 309 desc. tip.

Prochilodus, Schultz, 1 944 95: 261 ch. tip.

Prochilodus, Pozzi, 1 945 7 (2): 258 cit.

Prochilodus, Fowler, 1 950 6 (2): 215 cit. sin.

Prochilodus, Travassos, 1 952 3 (3): 225 diagn.

Prochilodus scrofa Steindachner, 1 882

Prochilodus scrofa Steindachner, 1 882 43 (1): 129 desc. fig.

Prochilodus scrofa, Ulrey, 1 895 8: 260 cit.

Prochilodus scrofa, Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 48 cit.

Prochilodus scrofa, Eigenmann & Norris, 1 900 4: 355 cit.

Prochilodus scrofa, Eigenmann & Kennedy, 1 903: 511 cit.

Prochilodus scrofa, Eigenmann, Mc Atee & Ward, 1 907 4 (2): 124 cit.

Prochilodus scrofa, Eigenmann, 1 910 3 (4): 424 cit.

Prochilodus scrofa, Campos, 1 945 4 (11): 451 desc.

Prochilodus scrofa, Fowler, 1 950 6 (2): 223 sin. dist. geog. fig.

/64 Pinto, S. Y. - Peixes de água doce do estado da Guanabara.

Distribuição geográfica: Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo.

Nome vulgar: curimatã.

Esta espécie foi descrita como sendo do estado da Guanabara, porém a sua localidade-tipo deve ser o Rio Paraíba. Entretanto, se não existia nos rios da área em foco, foi introduzida pela piscicultura, principalmente, na Baixada Fluminense.

Família Tetragonopteridae

Gênero Astyanax Baird & Girard, 1 854

Tipo: Astyanax argentatus Baird & Girard, 1 854 = Tetragonopterus mexicanus Filippi, 1 853 = Astyanax mexicanus (Filippi, 1 853) Baird & Girard, 1 854.

Astyanax Baird & Girard, 1 854 7: 26 diagn.

Astyanax, Eigenmann & Ogle, 1 907: 18 desc.

Astyanax, Eigenmann, 1 909 3 : 257 ch. diagn. tip. sin.

Astyanax, Eigenmann, 1 910 3(4): 432 sin. tip.

Astyanax, Eigenmann, 1 912 5: 350 desc. tip.

Astyanax, Jordan, 1 919 3: 255 tip.

Astyanax, Eigenmann, 1 921 43 (3): 227 desc. sin. tip.

Astyanax, Eigenmann, 1 922 9 (1): 141 ch.

Astyanax, Hildebrand, 1 925 41: 244 cit.

Astyanax, Jordan, Evermann & Clark, 1 930: 96 diagn. sin. tip.

Astyanax, Hildebrand, 1 938 22: 256 diagn.

Astyanax, Fowler, 1 939: 65 cit.

Astyanax, Regan, 1 939: 315 cit.

Astyanax, Eigenmann & Allen, 1 942: 219 cit. tip.

Astyanax, Schultz, 1 944 95: 353 ch. tip.

Astyanax, Campos, 1 945 4 (11): 434 diagn. sin. tip.

Astyanax, Pozzi, 1 945 7 (2): 255 cit.

Astyanax, Fowler, 1 948 6 (1): 35 cit. sin. tip.

Astyanax bimaculatus (Linnaeus, 1 758) Fowler, 1 906

Salmo bimaculatus Linnaeus, 1 758: 311 desc.

Astyanax bimaculatus Fowler, 1 906: 432 desc.

Astyanax bimaculatus, Eigenmann & Bean, 1 907 31: 667 desc.

Astyanax bimaculatus, Eigenmann & Ogle, 1 907 33: 27 cit.

Astyanax bimaculatus, Eigenmann, 1 910 3(4): 432 cit.

Astyanax bimaculatus, Eigenmann, 1 917 43 (1): 95 cit. fig.

Astyanax bimaculatus, Eigenmann, 1 921 43 (3): 62 cit. fig.

Astyanax bimaculatus, Pearson, 1 924 11 (64): 40 cit.

Astyanax bimaculatus Fowler, 1 926: 258 cit.

Astyanax bimaculatus Fowler, 1 939: 263 cit.

Astyanax bimaculatus Fowler, 1 940: 62 cit.

Astyanax bimaculatus, Pearson, 1 937 (4) 23 (7): 19 cit.

Astyanax bimaculatus Fowler, 1 942 (6) (22-23): 358 cit.

Astyanax bimaculatus, Eigenmann & Allen, 1 942: 240 cit.

Astyanax bimaculatus Fowler, 1 943 (120): 2 cit.

Astyanax bimaculatus Fowler, 1 943 95: 237 cit.

Astyanax bimaculatus, Campos, 1 944 4 (11): 172 desc.

Astyanax bimaculatus, Campos, 1 945 4 (2): 435 cit.

Astyanax bimaculatus bimaculatus Fowler, 1 948 6 (1): 38 cit. sin. dist. geog.

figs.

Astyanax (Poecilurichthys) maculatus Eigenmann, 1 921 43 (3): 249 desc.

Astyanax bartlettii Fowler, 1 906: 343 desc. fig.

Astyanax jacuhiensis Fowler, 1 906: 435 desc.

Astyanax lacustris Fowler, 1 906: 433 desc.

Astyanax orientalis Fowler, 1 906: 434 desc. fig.

Charax bimaculatus Gray, 1 854: 154 desc.

Tetragonopterus bartlettii Günther, 1 866 (3) 18: 30 desc.

Tetragonopterus bartlettii, Cope, 1 871: 260 desc.

Tetragonopterus bartlettii, Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 52 cit.

Tetragonopterus caudimaculatus (non Günther) Cope, 1 894 33: 107 desc.

Tetragonopterus jacuhiensis Cope, 1 894 33: 88 desc. fig.

Tetragonopterus lacustris (non Reinhardt) Boulenger, 1 892 (6) 10: 12 cit.

Tetragonopterus lacustris, Eigenmann & Norris, 1 900 4: 357 cit.

Tetragonopterus linnaei Valenciennes in Cuvier & Valenciennes, 1 848

22: 107 desc.

Tetragonopterus maculatus Müller & Troschel, 1 845 (1-2): 14 desc. figs.

Tetragonopterus maculatus, Günther, 1 864 5: 321 desc.

Tetragonopterus maculatus, Steindachner, 1 876 74 (1): 568 desc. fig.

Tetragonopterus maculatus, Boulenger, 1 887 (5) 19: 73 cit.

Tetragonopterus maculatus, Eigenmann, 1 910 3 (4): 432 cit.

Tetragonopterus maculatus, Boulenger, 1 897 (6) 20: 297 cit.

Tetragonopterus maculatus, Boulenger, 1 898 14: 426 cit.

Tetragonopterus maculatus, Goeldi, 1 898 2: 482 cit.

Tetragonopterus orientalis Cope, 1 879 11: 559 desc.

Tetragonopterus orientalis, Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 54 cit.

Distribuição geográfica: Brasil.

Nome vulgar: canivete.

Astyanax fasciatus parahybae Eigenmann, 1 908

Astyanax fasciatus parahybae Eigenmann, 1 908 52: 97 desc.

Astyanax fasciatus parahybae Eigenmann, 1 910 3 (4): 433 cit.

Astyanax fasciatus parahybae Eigenmann, 1 921 43 (3): 303 cit. fig.

Astyanax fasciatus parahybae, Fowler, 1 948 6 (1): 48 cit. sin. dist. geog..

Distribuição geográfica: Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo.

Astyanax hastatus Myers, 1 928

Astyanax hastatus Myers, 1 928 (10) 2: 87 desc.

Astyanax hastatus Myers in Eigenmann & Myers, 1 929 43 (5): 540 cit. tip.

Astyanax hastatus, Fowler, 1 948 6 (1): 51 cit. sin. dist. geog.

Distribuição geográfica: Guanabara e sudeste do Brasil.

Astyanax janeiroensis Eigenmann, 1 908

Astyanax janeiroensis Eigenmann, 1 908 52: 96 desc.

Astyanax janeiroensis Eigenmann, 1 910 3 (4): 433 cit.

Astyanax janeiroensis Eigenmann, 1 921 43 (3): 259 desc. dist. geog. fig.

Astyanax (Poecilurichthys) janeiroensis Eigenmann, 1 921 43 (3): 259 desc.
dist. geog. fig.

Astyanax janeiroensis, Fowler, 1 948 6 (1): 51 cit. sin. dist. geog. fig.

Distribuição geográfica: Rio de Janeiro, Guanabara, Rio Paranã.

Astyanax scabripinnis longirostris (Steindachner, 1 907) Eigenmann,
1 910

Tetragonopterus fasciatus longirostris Steindachner, 1 907 116 (1): 481 desc.

Astyanax scabripinnis longirostris Eigenmann, 1 910 3 (4): 433 desc.

Astyanax scabripinnis longirostris Eigenmann, 1 927 43 (4): 313 desc.

Astyanax scabripinnis longirostris, Fowler, 1 948 6 (1): 59 cit. sin. dist.
geog.

Distribuição geográfica: Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo. Santa Catarina.

Astyanax scabripinnis scabripinnis (Jenyns, 1 842) Fowler, 1 948

Tetragonopterus scabripinnis Jenyns, 1 842 (2): 125 desc. fig.

Tetragonopterus scabripinnis, Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 53 cit.

Tetragonopterus scabripinnis, Ribeiro, 1 908 (1): s/nº cit.

Tetragonopterus jenynsii Steindachner, 1 876 74 (1): 580 desc. fig.

Tetragonopterus jenynsii, Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 53 cit.

Astyanax scabripinnis Eigenmann, 1 910 3 (4): 433 cit.

Astyanax scabripinnis Eigenmann, 1 921 43 (3): 5 desc. fig.

Astyanax scabripinnis Eigenmann, 1 927 43 (4): 311 cit.

Astyanax scabripinnis, Fowler, 1 943 (120): 4 cit.

Astyanax scabripinnis scabripinnis Fowler, 1 948 6 (1): 60 cit. sin. dist.
geog. fig.

Distribuição geográfica: Rio de Janeiro, Guanabara.

Astyanax taeniatus (Jenyns, 1 842) Eigenmann, 1 910

Tetragonopterus taeniatus Jenyns, 1 842 (4): 126 desc.

Astyanax taeniatus Eigenmann, 1 910 3 (4): 434 desc.

Astyanax taeniatus Eigenmann, 1 921 43 (3): 308 desc. sin. dist. geog. fig.

/68 Pinto, S. Y. - Peixes de água doce do estado da Guanabara.

Astyanax taeniatus, Fowler, 1 948 6 (1): 62 cit. sin. dist. geog. fig.

Tetragonopterus fasciatus (non Cuvier) Steindachner, 1 876 74 (1): 578 desc.
fig.

Tetragonopterus rutilus (non Jenyns) Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 52 desc.

Distribuição geográfica: Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo.

Gênero Deuterodon Eigenmann, 1 907

Tipo: Deuterodon iguape Eigenmann, 1 907

Deuterodon Eigenmann in Eigenmann, Mc Atee & Ward, 1 907 4: 140 diagn.

Joinvillea Steindachner, 1 908 (5): 2 diagn.

Deuterodon Eigenmann, 1 912 5 : 363 diagn.

Deuterodon Eigenmann, 1 927 43 (4): 341 diagn.

Lobodeuterodon Fowler, 1 945 97: 100 diagn.

Deuterodon, Fowler, 1 948 6 (1): 88 sin. tip.

Deuterodon, Travassos, 1 957 29 (1): 74 diagn.

Deuterodon pedri Eigenmann, 1 908

Deuterodon pedri Eigenmann, 1 908 52: 98 desc.

Deuterodon pedri Eigenmann, 1 910 3 (4): 431 cit.

Deuterodon pedri Eigenmann, 1 927 43 (4): 348 cit.

Deuterodon pedri, Fowler, 1 948 6 (1): 90 cit. sin. dist. geog.

Deuterodon pedri, Travassos, 1 957 29 (1): 92 desc. fig.

Distribuição geográfica: Minas Gerais, Rio de Janeiro, Guanabara, sudeste do Brasil.

Nome vulgar: lambari.

Gênero Hollandichthys Eigenmann, 1 909

Tipo: Tetragonopterus multifasciatus Eigenmann & Norris, 1 900 =

Hollandichthys multifasciatus (Eigenmann & Norris, 1 900)

Eigenmann, 1 910 (designado por Eigenmann, 1 910)

- Hollandichthys Eigenmann, 1 909 3 (3): 257 diagn.
- Hollandichthys Eigenmann, 1 910 3 (4): 432 cit. tip.
- Hollandichthys Eigenmann, 1 921 43 (3): 225 diagn, sin, tip.
- Hollandichthys, Pozzi, 1 945 7 (2): 255 cit.
- Hollandichthys, Fowler, 1 948 6 (1): 113 cit. tip.
- Hollandichthys multifasciatus (Eigenmann & Norris, 1 900) Eigenmann, 1 910.
- Tetragonopterus multifasciatus Eigenmann & Norris, 1 900 4 : 358 desc.
- Pseudochalceus affinis Steindachner, 1 908 45: (5) 29 desc.
- Pseudochalceus affinis Steindachner, 1 909 46 (11): 197 cit.
- Pseudochalceus peristriatus Ribeiro, 1 908 (1): s/nº desc.
- Hollandichthys multifasciatus Eigenmann, 1 910 3 (4): 437 tip.
- Hollandichthys multifasciatus Eigenmann, 1 917 43 (1): 2 fig.
- Hollandichthys multifasciatus Eigenmann, 1 921 43 (3): 225 desc. fig.
- Hollandichthys multifasciatus, Fowler, 1 948 6 (1): 113 cit. sin.dist. geog. fig.

Distribuição geográfica: Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo, Santa Catarina.

Gênero Mimagoniates Regan, 1 907

Tipo: Mimagoniates barberi Regan, 1 907

- Mimagoniates Regan, 1 907 (7) 20: 402 diagn.
- Coelurichthys Ribeiro, 1 908 (1): s/nº diagn.
- Mimagoniates, Eigenmann & Myers, 1 929 43 (5): 490 tip.
- Mimagoniates, Fowler, 1 951 6 (3): 415 cit. sin. tip.

Mimagoniates microlepis (Steindachner, 1 876) Eigenmann, 1 927

- Paragoniates microlepis Steindachner, 1 876 74 (1): 591 desc.
- Paragoniates microlepis, Eigenmann & Eigenmann, 1 891 (14): 57 cit.
- Paragoniates microlepis, Eigenmann, 1 910 3 (4): 441 cit.
- Mimagoniates microlepis Eigenmann, 1 927 43 (4): 491 desc. fig.
- Mimagoniates microlepis, Eigenmann & Myers, 1 929 43 (5): 491 cit.
- Mimagoniates microlepis, Fowler, 1 951 6 (3): 416 cit. sin. dist. geog. fig.
- Coelurichthys iporangae Ribeiro, 1 908 (1): s/nº desc.

/70 Pinto, S.Y. - Peixes de água doce do estado da Guanabara.

Coelurichthys iporangae, Eigenmann, 1 910 3 (4): 428 cit.

Coelurichthys iporangae, Eigenmann, 1 914 12 (20): 42 cit.

Coelurichthys lateralis Nichols, 1 913 26: 151 desc.

Distribuição geográfica: Rio de Janeiro, Guanabara, sudeste do Brasil.

Nome vulgar: lambari azul.

Gênero Probolobus Eigenmann, 1 911

Tipo: Probolobus heterostomus Eigenmann, 1 911

Probolobus Eigenmann, 1 911 8 (1): 164 diagn.

Probolobus Eigenmann, 1 915 7 (1): 20 diagn. sin. tip.

Probolobus, Fowler, 1 948 6 (1): 204 cit. sin. tip.

Probolobus heterostomus Eigenmann, 1 911

Probolobus heterostomus Eigenmann, 1 911 8 (1): 164 desc. fig.

Probolobus heterostomus, Eigenmann, 1 915 7 (1): 21 desc. fig.

Probolobus heterostomus, Myers, 1 942 2 (4): 91 desc.

Probolobus heterostomus, Fowler, 1 948 6 (1): 204 cit. sin. dist. geog.

Distribuição geográfica: Espírito Santo, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo.

Gênero Spintherobolus Eigenmann, 1 911

Tipo: Spintherobolus papilliferus Eigenmann, 1 911

Spintherobolus Eigenmann, 1 911 8: 167 diagn. tip.

Spintherobolus, Eigenmann, 1 915 7 (1): 19 diagn. sin. tip.

Spintherobolus, Fowler, 1 948 6 (1): 204 cit. sin. tip.

Spintherobolus, Travassos, 1 952 3 (2): 174 cit. sin. tip.

Spintherobolus broccae Myers, 1 925

Spintherobolus broccae Myers, 1 925 16: 143 desc. fig.

Phoxonopsis typicus Innes, 1 938 (3a. ed.): 134 cit. fig. nec Regan

Phoxonopsis typicus, Myers, 1 944 12 (11): 186 cit.

Phoxonopsis typicus, Innes, 1 949 (10a. ed.): 156 cit. fig.

Distribuição geográfica: Rio de Janeiro, Guanabara.

Subordem GYMNOTOIDEI

Família Gymnotidae

Gênero Gymnotus Linnaeus, 1 758

Tipo: Gymnotus carapo Linnaeus, 1 758

Gymnotus Linnaeus, 1 758 (10a. ed.): 246 diagn

Gymnotes Gill, 1 864: 152 diagn.

Sternopygus Müller & Troschel, 1 849 (3): 13 diagn.

Giton Kaup in Duméril, 1 856 27: 201 diagn. tip.

Gymnotus carapo Linnaeus, 1 758

Gymnotus carapo Linnaeus, 1 758 (10a. ed.): 246 desc.

Gymnotus carapo, Bloch, 1 789 (11): 59 desc. fig.

Gymnotus carapo, Gmelin, 1 789 (1): 1 136 cit.

Gymnotus carapo, Lacépède, 1 800 2: 145 cit.

Gymnotus carapo, Eigenmann & Bean, 1 907 (31): 666 cit.

Gymnotus carapo, Eigenmann, 1 910 3 (4): 450 cit.

Gymnotus carapo, Ellis, 1 913 6 (3): 116 cit. fig.

Gymnotus carapo, Fowler, 1 915 (15): s/nº cit.

Gymnotus carapo, Pearson, 1 924 11 (64): 50 cit.

Gymnotus carapo, Fowler, 1 926: 259 cit.

Gymnotus carapo, Fowler, 1 932: 370 cit.

Gymnotus carapo, Fowler, 1 939: 288 cit.

Gymnotus carapo, Fowler, 1 940: 102 cit.

Gymnotus carapo, Eigenmann & Allen, 1 942: 329 cit.

Gymnotus carapo, Fowler, 1 943 (7) (24-25): 114 cit. fig.

Gymnotus carapo, Fowler, 1 945 (97): 108 cit.

Gymnotus carapo, Fowler, 1 951 6 (3): 420 cit. sin. dist. geog.

Gymnotus carapo pantherinus Eigenmann, 1 910 3 (4): 450 cit.

Gymnotus carapus Eigenmann & Ward, 1 905 7: 175 desc. fig.

Gymnotus carapus, Ihering, 1 907 7: 284 desc.

Gymnotus brachiurus Bloch, 1 787 (2): 61 desc. fig.

- Gymnotus fasciatus, Gmelin, 1 789 (1): 1 137 cit.
- Gymnotus fasciatus, Cuvier, 1 817 2: 237 desc.
- Gymnotus fasciatus, Schomburgk, 1 843 (2): 174 cit. fig.
- Gymnotus putaoi Lacépède, 1 800 2: 176 desc.
- Carapus fasciatus Castelnau, 1 855 3: 85 desc.
- Carapus fasciatus, Steindachner, 1 868 58 (1): 261 cit.
- Carapus fasciatus, Günther, 1 870 8: 9 desc.
- Carapus fasciatus, Hensel, 1 870: 89 cit.
- Carapus fasciatus, Cope, 1 870 11: 370 cit.
- Carapus fasciatus, Cope, 1 871: 257 cit.
- Carapus fasciatus, Cope, 1 878 17: 682 cit.
- Carapus fasciatus, Boulenger, 1 887: 282 cit.
- Carapus fasciatus, Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 62 cit.
- Carapus fasciatus, Eigenmann, 1 894 7: 626 cit.
- Carapus fasciatus, Cope, 1 894 33: 93 cit.
- Carapus fasciatus, Boulenger, 1 897 (6) 20: 298 cit.
- Carapus fasciatus, Goeldi, 1 898 2: 487 cit.
- Carapeus inaequilabiatus (error) Valenciennes, 1 847 5 (2): 11 desc.
- Carapus inaequilabiatus Valenciennes, 1 847 5 (2) pl. 14 fig.
- Giton fasciatus Eigenmann & Kennedy, 1 903: 530 desc.
- Giton fasciatus, Eigenmann & Ward, 1 905 7: 177 desc. fig.
- Giton fasciatus, Ihering, 1 907 7: 278 desc. fig.
- Giton fasciatus pantherinus Steindachner, 1 908 45 (9): 129 desc.
- Sternopygus carapo Lütken, 1 875 12: 247 desc.
- Sternopygus carapo, Steindachner, 1 882 43 (1): 144 cit.
- Sternopygus carapo, Steindachner, 1 879 39 (1): 70 cit. fig.
- Sternopygus carapo, Steindachner, 1 882 43 (1): 144 cit.
- Sternopygus carapo, Eigenmann, 1 894 7: 626 cit.
- Sternopygus carapus Günther, 1 870 8: 7 desc.
- Sternopygus carapus, Boulenger, 1 887: 282 cit.
- Sternopygus carapus, Boulenger, 1 896 14: 37 cit.

Sternopygus carapus, Goeldi, 1 898 2: 487 cit.

Distribuição geográfica: Brasil.

Nome vulgar: carapo.

Subordem CYPRINOIDEI

Família Cyprinidae

Gênero Cyprinus (Artedi) Linnaeus, 1 758

Tipo: Cyprinus carpio Linnaeus, 1 758

Cyprinus (Artedi) Linnaeus, 1 758 (10a. ed.): 320 diagn.

Cyprinus carpio Linnaeus, 1 758

Cyprinus carpio Linnaeus, 1 758 (10a. ed.): 320 desc.

Cyprinus carpio, Günther, 1 861 7: 25 cit.

Esta espécie é originária da Ásia Central e foi introduzida em nossas coleções de água doce através da piscicultura.

Subordem SILUROIDEI

Família Bunocephalidae

Gênero Bunocephalus Kner, 1 855

Tipo: Platystacus verrucosus Bloch, 1 862

Bunocephalus Kner, 1 855 17: 95 diagn.

Bunocephalichthys Bleeker, 1 858 1: 329 diagn

Dysichthys Cope, 1 874: 133 diagn.

Bunocephalus, Ribeiro, 1 911 16: 387 diagn. ch.

Bunocephalus (Bunocephalus), Gosline, 1 945 (33): 69 cit. sin. tip.

Bunocephalus, Fowler, 1 954 9 (4): 41 cit. sin. tip.

/74 Pinto, S. Y. - Peixes de água doce do estado da Guanabara.

Bunocephalus (Bunocephalus) salatheii Myers, 1 927

Bunocephalus salatheii Myers, 1 927 48: 125 desc. dist. geog.

Bunocephalus (Bunocephalus) salatheii, Gosline, 1 945 (33): 69 cit. dist. geog.

Bunocephalus salatheii, Fowler, 1 954 9 (4): 45 cit. sin. dist. geog.

Distribuição geográfica: Rio de Janeiro, Guanabara

Bunocephalus (Bunocephalus) carvalhoi Ribeiro, 1 944

Bunocephalus (Bunocephalus) carvalhoi Ribeiro, 1 944 (13): 1 desc.

Bunocephalus (Bunocephalus) carvalhoi, Gosline, 1 945 (33): 69 cit. dist. geog.

Bunocephalus carvalhoi, Fowler, 1 954 9 (4): 41 cit. sin. dist. geog.

Distribuição geográfica: Rio de Janeiro, Guanabara

Família Callichthyidae

Gênero Callichthys Scopoli, 1 777

Tipo: Silurus callichthys Linnaeus, 1 758

Callichthys Scopoli, 1 777: 451 diagn.

Callichthys, Müschen, 1 778: 39 cit.

Callichthys, Cuvier, 1 817 2: 217 diagn.

Cataphractus (non Müschen) Bloch, 1 794 8: 80 diagn.

Callichthys, Ribeiro, 1 911 16: 146 diagn. ch.

Callichthys, Gosline, 1 945 (33): 73 cit. sin.

Callichthys, Fowler, 1954 9 (4): 47 cit. sin. tip.

Callichthys callichthys (Linnaeus, 1 758) Eigenmann & Eigenmann,

1 890

Silurus callichthys Linnaeus, 1 758 (10a. ed.): 307 desc.

Callichthys affinis Günther, 1 864 5: 226 desc.

Callichthys asper Quoy & Gaimard, 1 824: 232 desc.

Callichthys asper, Valenciennes in Cuvier & Valenciennes, 1 840 15: 225 desc.

Callichthys asper, Castelnau, 1 855 3: 38 desc.

Callichthys asper, Günther, 1 864 5: 26 desc.

- Callichthys asper, Cope, 1 874: 135 cit.
- Callichthys asper, Cope, 1 878 17: 681 cit.
- Callichthys asper, Boulenger, 1 896 14: 29 cit.
- Callichthys asper, Regan, 1 905: 190 cit.
- Callichthys callichthys Eigenmann & Eigenmann, 1 890 (1): 452 desc.
- Callichthys callichthys, Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 43 cit.
- Callichthys callichthys, Eigenmann, 1 894 7: 633 cit.
- Callichthys callichthys, Ihering, 1 898: s/nº cit.
- Callichthys callichthys, Eigenmann, Mc Atee & Ward, 1 907 4 (2): 123 cit.
- Callichthys callichthys, Ribeiro, 1 911 16: 146 desc. fig.
- Callichthys callichthys, Ribeiro, 1 912 (5): 15 cit.
- Callichthys callichthys, Starks, 1 913: 39 cit.
- Callichthys callichthys, Ellis, 1 913 8: 386 cit.
- Callichthys callichthys, Fowler, 1 915: 229 cit.
- Callichthys callichthys, Ribeiro, 1 918 10: 720 cit. fig.
- Callichthys callichthys, Ribeiro, 1 920 58 (5): 11 cit.
- Callichthys callichthys, Pearson, 1 924 11 (64): 18 cit.
- Callichthys callichthys, La Monte, 1 935 (784): 8 cit.
- Callichthys callichthys, Fowler, 1 939: 286 cit.
- Callichthys callichthys, Gosline, 1 940 2 (1): 6 cit.
- Callichthys callichthys, Fowler, 1 940: 97 cit.
- Callichthys callichthys, Fowler, 1 941 (5) (19): 482 cit.
- Callichthys callichthys, Devincenzi & Teague, 1 942 (2) 5 (4): 17 cit. fig.
- Callichthys callichthys, Eigenmann & Allen, 1 942: 170 cit.
- Callichthys callichthys, Gosline, 1 945 (33): 72 cit. dist. geog.
- Callichthys callichthys, Stigchel, 1 947 27: 119 cit.
- Callichthys callichthys, Fowler, 1 954 9 (4): 47 cit. sin. dist. geog.
- Callichthys caelatus Valenciennes in Cuvier & Valenciennes, 1 840 15: 229 desc.
- Callichthys caelatus, Günther, 1 864 5: 227 desc.
- Callichthys hemiphractus Hensel, 1 868 (1): 374 desc.
- Cataphractus callichthis Bloch, 1 794 8: 86 desc. fig.
- Cataphractus callichthys Eigenmann & Eigenmann, 1 888 (2) 1: 164 cit.

/76 Pinto, S. Y. - Peixes de água doce do estado da Guanabara.

Cataphractus depressus Swainson, 1 839 2: 304 desc.

Distribuição geográfica: Amazônia; Pernambuco, Rio São Francisco, Rio Doce, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Guanabara, Santa Catarina, Rio Grande do Sul.

Gênero Corydoras Lacépède, 1 803

Tipo: Corydoras geoffroy Lacépède, 1 803

Corydoras Lacépède, 1 803 5: 145 diagn.

Cordorinus Rafinesque, 1 815: 89 diagn.

Hoplisoma Swainson, 1 839 2: 304 diagn.

Hoplosoma Agassiz, 1 846: 186 cit.

Scleromystax Günther, 1 864 5: 225 diagn.

Gasterodermus Cope, 1 878 17: 681 diagn.

Osteogaster Cope, 1 894 33: 102 diagn.

Corydoras, Ribeiro, 1 911 16: 156 diagn. ch.

Corydoras, Gosline, 1 945 (33): 74 cit. sin. tip.

Corydoras, Fowler, 1 954 9 (4): 50 cit. sin.

Corydoras aeneus Gill, 1 862

Corydoras aeneus Gill, 1 862 6: 403 desc.

Corydoras aeneus, Regan, 1 912 (8) 10: 218 cit.

Corydoras aeneus, Ribeiro, 1 918 10: 721 cit. tip.

Corydoras aeneus, Pearson, 1 924 11 (64): 20 cit.

Corydoras aeneus, Gosline, 1 940 2 (1): 19cit.

Corydoras aeneus, Fowler, 1 940: 97 cit.

Corydoras aeneus, Eigenmann & Allen, 1 942: 173 cit.

Corydoras aeneus, Gosline, 1 945 (33): 75 cit. sin. dist. geog.

Corydoras aeneus, Fowler, 1 954 9 (4): 51 cit. sin. dist. geog.

Corydoras macrosteus Regan, 1 912 (8) 10: 219 desc.

Corydoras macrosteus, Ellis, 1 913 8: 404 cit.

Callichthys aeneus Günther, 1 864 5: 230 desc.

Distribuição geográfica: Amazônia, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo

Corydoras arcifer (Hensel, 1 868) Fowler, 1 954

Callichthys arcifer Hensel, 1 868 (1): 373 desc.

Callichthys arcifer, Eigenmann & Eigenmann, 1 890 (1): 455 desc.

Callichthys arcifer, Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 43 cit.

Callichthys arcifer, Eigenmann, 1 910 3 (4): 402 cit.

Callichthys arcifer, Ribeiro, 1 911 16: 147 desc.

Callichthys arcifer, Ellis, 1 913 8: 387 cit.

Corydoras arcifer Fowler, 1 954 9 (4): 53 cit. sin. dist. geog.

Distribuição geográfica: Rio de Janeiro, Guanabara.

Corydoras barbatus (Quoy & Gaimard, 1 824) Ribeiro, 1 911

Callichthys barbatus Quoy & Gaimard, 1 824: 243 desc.

Callichthys barbatus, Valenciennes in Cuvier & Valenciennes, 1 840 15: 239 desc.

Callichthys barbatus, Günther, 1 864 5: 229 desc.

Corydoras barbatus Ribeiro, 1 911 16: 168 desc. fig.

Corydoras barbatus, Gosline, 1 940 2 (1): 15 cit.

Corydoras barbatus, Gosline, 1 945 (33): 74 cit.

Corydoras barbatus, Stigchel, 1 947 27: 131 cit.

Corydoras barbatus, Fowler, 1 954 9 (4): 55 cit. sin. dist. geog. fig.

Corydoras eigenmanni Ihering, 1 907 1 (1): 34 desc.

Corydoras eigenmanni, Eigenmann, 1 910 3 (4): 403 cit.

Corydoras kronei Ribeiro, 1 907 11 (5): 189 desc. fig.

Corydoras kronei, Steindachner, 1 910 47 (8): 61 cit.

Corydoras kronei, Ellis, 1 913 8: 409 cit. fig.

Scleromystax barbatus Eigenmann & Eigenmann, 1 888 (2) 1: 164 cit.

Scleromystax barbatus, Eigenmann & Eigenmann, 1 890 (1): 451 desc.

Scleromystax barbatus, Eigenmann, 1 910 3 (4): 401 cit.

Scleromystax barbatus, Ellis, 1 913 7: 385 cit.

Scleromystax kronei Ribeiro, 1 918 10: 721 desc.

Distribuição geográfica: Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo.

/78 Pinto, S. Y. - Peixes de água doce do estado da Guanabara.

Nqme vulgar: Maria-da serra, sarrinho, sarro.

Corydoras nattereri Steindachner, 1 876

Corydoras nattereri Steindachner, 1 876 74 (1): 176 desc. fig.

Corydoras nattereri, Eigenmann & Eigenmann, 1 888 (2) 1: 165 cit.

Corydoras nattereri, Eigenmann & Eigenmann, 1 890 (1): 470 cit.

Corydoras nattereri, Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 44 cit.

Corydoras nattereri, Eigenmann & Kennedy, 1 903: 505 desc.

Corydoras nattereri, Eigenmann, 1 910 3 (4): 402 cit.

Corydoras nattereri, Ribeiro, 1 911 16: 164 desc. dist. geog.

Corydoras nattereri, Regan, 1 912 (8) 10: 219 cit.

Corydoras nattereri, Ellis, 1 913 8: 402 cit. fig.

Corydoras nattereri, Ribeiro, 1 918 10: 721 cit.

Corydoras nattereri, Gosline, 1 940 2 (1): 23 cit.

Corydoras nattereri, Fowler, 1 940: 97 cit.

Corydoras nattereri, Gosline, 1 945 (33): 76 cit. sin. dist. geog.

Corydoras nattereri, Fowler, 1 954 9 (4): 63 cit. sin. dist. geog. fig.

Corydoras nattereri, Weitzman, 1 955 13 (1): 105 cit. fig.

Distribuição geográfica: Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo.

Família Loricariidae

Gênero Plecostomus Walbaum, 1 792

Tipo: Loricaria plecostomus Linnaeus, 1 758

Plecostomus Walbaum, 1 792 3 : 663 diagn.

Hypostomus Lacépède, 1 803 5: 144 diagn.

Plecostomus, Ribeiro, 1 911 16: 39 diagn. ch.

Carinotus La Monte, 1 933 (591): 1 diagn.

Plecostomus, Gosline, 1 945 (33): 77 cit. sin. tip.

Plecostomus, Fowler, 1 954 9 (4): 174 cit. sin. tip.

Plecostomus commersonii (Valenciennes, 1840) Günther, 1864

Hypostomus commersonii Valenciennes in Cuvier & Valenciennes, 1840 15: 266.

desc.

Hypostomus commersonii Valenciennes, 1847 5 (2): 8 desc. fig.

Plecostomus commersonii Günther, 1864 5: 232 desc.

Plecostomus commersonii, Hensel, 1870 (1): 73 cit.

Plecostomus commersonii, Steindachner, 1870 60 (1): 295 desc.

Plecostomus commersonii, Steindachner, 1876 74 (1): 682 cit.

Plecostomus commersonii, Eigenmann & Eigenmann, 1888 (2) 1: 168 cit.

Plecostomus commersonii, Eigenmann & Eigenmann, 1890 (1): 403 desc.

Plecostomus commersonii, Eigenmann & Eigenmann, 1891 14: 206 cit.

Plecostomus commersonii, Regan, 1904 17: 206 cit.

Plecostomus commersonii, Ribeiro, 1907 11: 108 cit.

Plecostomus commersonii, Eigenmann, 1910 3 (4): 404 cit.

Plecostomus commersonii, Nichols, 1918 10: 414 cit.

Plecostomus commersonii, Gosline, 1945 (33): 78 cit. sin. dist. geog.

Plecostomus commersonii, Stigchel, 1947 27: 136 cit.

Plecostomus commersonii, Fowler, 1954 9 (4): 179 cit. sin. dist. geog.

Plecostomus commersonii Berg, 1895 4: 139 desc.

Plecostomus commersonii, Ribeiro, 1911 16: 50 desc. dist. geog. fig.

Plecostomus commersonii, Ribeiro, 1918 10: 710 cit.

Plecostomus commersonii, Devincenzi & Teague, 1942 (2) 5 (4): 20 cit. fig.

Plecostomus spiniger Hensel, 1870 (1): 73 desc.

Distribuição geográfica: Bahia, Minas, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo, Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul.

Nome vulgar: cascudo, camboatã.

Plecostomus meleagris Marini, Nichols & La Monte, 1933

Plecostomus meleagris Marini, Nichols & La Monte, 1933 (618): 4 desc.

Plecostomus meleagris, Gosline, 1945 (33): 79 cit. dist. geog.

Plecostomus meleagris, Fowler, 1954 9 (4): 193 cit. sin. dist. geog.

/80 Pinto, S. Y. - Peixes de água doce do estado da Guanabara.

Distribuição geográfica: Guanabara, sudeste do Brasil.

Plecostomus punctatus (Valenciennes, 1 840) Günther, 1 864

Hypostomus punctatus Valenciennes in Cuvier & Valenciennes, 1 840 15: 364 desc.

Hypostomus punctatus, Schomburgk, 1 841 (1): 144 cit. fig.

Hypostomus subcarinatus Castelnau, 1 855 3: 42 desc. fig.

Plecostomus affinis Steindachner, 1 876 74 (1): 685 desc.

Plecostomus commersoni (non Valenciennes) Eigenmann & Eigenmann, 1890 (1):
403 desc.

Plecostomus commersoni, Eigenmann & Eigenmann, 1 891 (14): 40 cit.

Plecostomus commersonii affinis Eigenmann & Eigenmann, 1 888 (2) 1: 168 desc.

Plecostomus commersonii affinis, Eigenmann & Eigenmann, 1 890 (1): 404 cit.

Plecostomus commersonii affinis, Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 40 cit.

Plecostomus commersonii affinis, Berg, 1 895 4: 141 cit.

Plecostomus commersonii scabriceps Eigenmann & Eigenmann, 1 888 (2) 1: 168 desc.

Plecostomus commersonii scabriceps, Eigenmann & Eigenmann, 1 890 (1): 405 cit.
tip.

Plecostomus commersonii scabriceps, Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 40 cit.

Plecostomus punctatus Günther, 1 864 5: 233 desc.

Plecostomus punctatus, Regan, 1 904 17: 207 cit. tip.

Plecostomus punctatus, Eigenmann, 1 910 3 (4): 404 cit.

Plecostomus punctatus, Gosline, 1 945 (33): 78 cit. sin. dist. geog.

Plecostomus punctatus, Stigchel, 1 947 27: 138 cit.

Plecostomus punctatus, Fowler, 1 954 9 (4): 192 cit. sin. dist. geog. fog.

Distribuição geográfica: Amazonas, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro,
Guanabara.

Nome vulgar: cascudo, camboatã.

Plecostomus rachovii Regan, 1 913

Plecostomus rachovii, 1 913 (8) 12: 555 desc.

Plecostomus rachovii, Gosline, 1 945 (33): 79 cit. sin. dist. geog.

Plecostomus rachovii, Fowler, 1 954 9 (4): 193 cit. sin. dist. geog.

Distribuição geográfica: Rio de Janeiro, Guanabara.

Gênero Harttia Steindachner, 1 876

Tipo: Harttia loricariformis Steindachner, 1 876

Harttia Steindachner, 1 876 74 (1): 668 diagn.

Harttia, Ribeiro, 1 911 16: 109 diagn. ch.

Harttia, Gosline, 1 945 (33): 108 cit. tip.

Harttia, Fowler, 1 954 9 (4): 87 cit. tip.

Harttia loricariformis Steindachner, 1 876

Harttia loricariformis Steindachner, 1 876 74 (1): 669 desc. fig.

Harttia loricariformis, Eigenmann & Eigenmann, 1 889 (2) 2: 39 cit.

Harttia loricariformis, Eigenmann & Eigenmann, 1 890 (1): 386 cit.

Harttia loricariformis, Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 40 cit.

Harttia loricariformis, Fowler, 1 954 9 (4): 88 cit. sin. dist. geog.

Harttia loricariformis Eigenmann, 1 910 3 (4): 415 cit.

Harttia loricariformis, Ribeiro, 1 911 16: 110 desc. dist. geog. fig.

Harttia loricariformis, Ribeiro, 1 918 10: 718 cit.

Harttia loricariformis, Gosline, 1 945 (33): 108 cit. dist. geog.

Oxyloricaria loricariformis Regan, 1 904 17: 298 desc.

Distribuição geográfica: Rio de Janeiro, Guanabara.

Harttia carvalhoi Ribeiro, 1 939

Harttia carvalhoi Ribeiro, 1 939 4: 11 desc.

Harttia carvalhoi, Gosline, 1 945 (33): 108 cit. dist. geog.

Harttia carvalhoi, Fowler, 1 954 9 (4): 88 cit. sin. dist. geog.

Distribuição geográfica: Rio de Janeiro, Guanabara.

/82 Pinto, S. Y. - Peixes de água doce do estado da Guanabara.

Harttia rhombocephala Ribeiro, 1 939

Harttia rhombocephala Ribeiro, 1 939 4: 11 desc.

Harttia rhombocephala, Gosline, 1 945 (33): 108 cit. dist. geog.

Harttia rhombocephala, Fowler, 1 954 9 (4): 89 cit. sin. dist. geog.

Distribuição geográfica: Rio de Janeiro, Guanabara.

Gênero Hemiancistrus Bleeker, 1 862

Tipo: Ancistrus medians Kner, 1 862

Hemiancistrus Bleeker, 1 862 2: 2 diagn.

Pseudacanthicus Bleeker, 1 863 1: 78 diagn.

Hemiancistrus, Ribeiro, 1 911 16: 53 diagn. ch.

Peckoltia Ribeiro, 1 912 (5): 7 diagn.

Peckoltichthys Ribeiro, 1 917 (1): 49 diagn.

Hemiancistrus, Gosline, 1 945 (33): 86 cit. tip.

Hemiancistrus, Fowler, 1 954 9 (4): 154 cit. sin. tip.

Hemiancistrus albocinctus Ahl, 1 936

Hemiancistrus albocinctus Ahl, 1 936 116 (3-4): 11 desc.

Hemiancistrus albocinctus, Gosline, 1 945 (33): 87 cit. dist. geog.

Hemiancistrus albocinctus, Fowler, 1 954 9 (4): 154 cit. sin. dist. geog.

Distribuição geográfica: Rio de Janeiro, Guanabara.

Gênero Hemipsilichthys Eigenmann & Eigenmann, 1 889

Tipo: Xenomystus gobio Linnaeus, 1 758

Hemipsilichthys Eigenmann & Eigenmann, 1 889 (2) 2: 46 diagn.

Kronichthys Ribeiro, 1 908 5: 1 diagn.

Hemipsilichthys, Ribeiro, 1 911 16: 34 diagn. ch.

Hemipsilichthys, Gosline, 1 945 (33): 84 cit. tip.

Hemipsilichthys, Fowler, 1 954 9 (4): 162 cit. sin.

Hemipsilichthys garbei Ihering, 1 911

Hemipsilichthys garbei Ihering, 1 911 8: 399 desc.

Hemipsilichthys garbei, Giltay, 1 936 12 (14): 3 cit.

Hemipsilichthys garbei, Gosline, 1 945 (33): 84 cit. dist. geog.

Hemipsilichthys garbei, Fowler, 1 954 9 (4): 162 cit. sin. dist. geog.

Distribuição geográfica: Rio de Janeiro, Guanabara.

Hemipsilichthys gobio (Lütken, 1 874) Eigenmann & Eigenmann, 1889

Xenomystus gobio Lütken, 1 874 (13): 217 desc.

Hemipsilichthys gobio Eigenmann & Eigenmann, 1 889 (2): 46 desc.

Hemipsilichthys gobio, Eigenmann & Eigenmann, 1 890 (1): 438 cit.

Hemipsilichthys gobio, Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 42 cit.

Hemipsilichthys gobio, Regan, 1 904 17: 221 cit.

Hemipsilichthys gobio, Eigenmann, 1 910 3 (4): 407 cit.

Hemipsilichthys gobio, Ribeiro, 1 911 16: 34 desc. fig.

Hemipsilichthys gobio, Haseman, 1 911 7 (3-4): 321 desc.

Hemipsilichthys gobio, Steindachner, 1 917 93: 92 cit.

Hemipsilichthys gobio, Ribeiro, 1 918 10: 709 cit.

Hemipsilichthys gobio, Giltay, 1 936 12 (14): 2 cit.

Hemipsilichthys gobio, Gosline, 1 945 (33): 84 cit. dist. geog.

Hemipsilichthys gobio, Stigchel, 1 947 27: 127 cit.

Hemipsilichthys gobio, Fowler, 1954 9 (4): 162 cit. sin. dist. geog. fig.

Kronichthys heylandii (error) Ribeiro, 1 918 10: 716 desc.

Kronichthys heylandii, Gosline, 1 945 (33): 85 cit.

Kronichthys subteres Ribeiro, 1 908 (2): s/nº desc.

Kronichthys subteres, Ribeiro, 1 911 16: 80 desc. fig.

Kronichthys subteres, Ribeiro, 1 918 10: 709 cit.

Plecotomus heylandi Boulenger, 1 900 (7) 5: 165 desc.

Distribuição geográfica: Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo, Santa Catarina.

/84 Pinto, S. Y. - Peixes de água doce do estado da Guanabara.

Gênero Loricaria Linnaeus, 1 758

Tipo: Loricaria cataphracta Linnaeus, 1 758

Loricaria Linnaeus, 1 758 (10a. ed.): 307 diagn.

Loricaria, Ribeiro, 1 911 16: 116 diagn. ch.

Fusiloricaria Fowler, 1 939: 247 diagn.

Loricaria, Gosline, 1 945 (33): 101 cit. tip.

Loricaria, Fowler, 1 954 9 (4): 91 cit. sin. tip.

Loricaria vetula Valenciennes, 1 840

Loricaria vetula Valenciennes in Cuvier & Valenciennes, 1 840 15: 344 desc.

Loricaria vetula, Valenciennes, 1 847 5 (2): 8 desc.* fig.

Loricaria vetula, Günther, 1 864 5: 256 desc.

Loricaria vetula, Eigenmann & Eigenmann, 1 889 (2) 2: 37 cit.

Loricaria vetula, Eigenmann & Eigenmann, 1 890 (1): 385 desc.

Loricaria vetula, Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 39 cit.

Loricaria vetula, Regan, 1 904 17: 293 cit.

Loricaria vetula, Eigenmann, 1 910 3 (4): 415 cit.

Loricaria vetula, Ribeiro, 1 911 16: 135 desc.

Loricaria vetula, Devincenzi & Teague, 1 942 (2) 5 (4): 27 cit.

Loricaria vetula, Fowler, 1 954 9 (4): 100 cit. sin. dist. geog.

Loricaria (Loricaria) vetula, Gosline, 1 945 (33): 106 cit. dist. geog.

Distribuição geográfica: Rio de Janeiro, Guanabara.

Gênero Rineloricaria Bleeker, 1 862

Rineloricaria Bleeker, 1 862 2: 3 diagn.

Rhineloricaria Eigenmann, 1 910 3 (4): 413 diagn.

Loricaria (Rineloricaria), Gosline, 1 945 (33): 101 cit.

Rineloricaria, Fowler, 1 954 9 (4): 113 cit. sin. tip.

Rineloricaria konopickyi Steindachner, 1 879

- Loricaria konopickyi Steindachner, 1 879 41 (1): 45 desc. fig.
Loricaria konopickyi, Eigenmann & Eigenmann, 1 889 (2) 2: 39 cit.
Loricaria konopickyi, Eigenmann & Eigenmann, 1 890 (1): 378 desc.
Loricaria konopickyi, Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 39 cit.
Loricaria konopickyi, Regan, 1 904 17: 281 cit.
Loricaria konopickyi, Eigenmann, 1 910 3 (4): 413 cit.
Loricaria konopickyi, Eigenmann & Allen, 1 942: 204 cit.
Loricaria konopickii Ribeiro, 1 911 16: 126 desc. fig.
Loricaria (Rineloricaria) konopickyi, Gosline, 1 945 (33): 102 cit. dist. geog.
Rineloricaria konopickyi, Fowler, 1 954 9 (4): 116 cit. sin. dist. geog.
Rhineloricaria knopickyi (error), Fowler, 1 939: 286 cit.
Rhineloricaria konopickyi, Regan, 1 913 (8) 12: 282 cit.
Rhineloricaria konopickyi, Fowler, 1 942 (6) (20): 84 cit.
Distribuição geográfica: Amazonas, Rio de Janeiro, Guanabara.

Rineloricaria lanceolata (Günther, 1 868) Fowler, 1 954

- Loricaria lanceolata Günther, 1 868 (4) 1: 477 desc.
Loricaria lanceolata, Günther, 1 868: 235 cit.
Loricaria lanceolata, Steindachner, 1 882 (1) 86: 80 cit.
Loricaria lanceolata, Boulenger, 1 887 (2): 277 sin. desc.
Loricaria lanceolata, Eigenmann & Eigenmann, 1 889 (2): 39 cit.
Loricaria lanceolata, Eigenmann & Eigenmann, 1 890 1: 378 sin. loc. tip.
Loricaria lanceolata, Regan, 1 904 17 (3): 277 desc.
Loricaria lanceolata, Ribeiro, 1 918 10: 720 desc.
Loricaria lanceolata, Pearson, 1 924 11 (64): 24 cit.
Loricaria lanceolata, Eigenmann & Allen, 1 942: 203 cit.
Loricariichthys lanceolatus Fowler, 1 942 (6) (20): 85 cit.
Loricariichthys lanceolatus, Fowler, 1 945: 104 cit.
Loricaria (Rineloricaria) lanceolata Gosline, 1 945 (33): 102 cit.
Rhineloricaria lanceolata Fowler, 1 940: 89 cit.
Rineloricaria lanceolata Fowler, 1 954 9: 116 sin. dist. geog. fig.

/86 Pinto, S. Y. - Peixes de água doce do estado da Guanabara.

Rineloricaria lanceolata, Brant, 1 971 (10): 1 sin. desc. dist. geog. fig.

Distribuição geográfica: Alto Amazonas, Minas Gerais, Guanabara.

Nome vulgar: cascudo, viola.

Rineloricaria lima Kner, 1 854

Loricaria lima Kner, 1 854 6: 89 desc. fig.

Loricaria lima, Günther, 1 864 5: 260 desc.

Loricaria lima, Hensel, 1 868 (1): 366 cit.

Loricaria lima, Eigenmann & Eigenmann, 1 889 (2) 2: 35 desc.

Loricaria lima, Eigenmann & Eigenmann, 1 890 (1): 368 cit.

Loricaria lima, Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 39 cit.

Loricaria lima, Regan, 1 904 17: 282 cit.

Loricaria lima, Eigenmann, 1 910 3 (4): 414 cit.

Loricaria lima, Ribeiro, 1 911 16: 130 desc. fig.

Loricaria lima, Ribeiro, 1 918 10: 719 cit.

Loricaria lima, La Monte, 1 935 (784): 7 cit.

Loricaria lima, Stigchel, 1 947 27: 176 cit.

Loricaria lima microlepidota Steindachner, 1 907 44 (10): 154 desc.

Loricaria lima microlepidota, Eigenmann, 1 910 3 (4): 414 cit.

Loricaria (Loricaria) lima microlepidota, Gosline, 1 945 (33): 103 cit. dist.
geog.

Loricaria (Rineloricaria) lima, Gosline, 1 945 (33): 103 cit. dist. fig.

Rineloricaria lima Fowler, 1 954 9 (4): 118 cit. sin. dist. geog.

Distribuição geográfica: Amazonas, Rio de Janeiro, Rio São Francisco, Guanabara,
São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul.

Nome vulgar: cascudo barbado.

Rineloricaria steindachneri Regan, 1 904

Loricaria steindachneri Regan, 1 904 17: 281 desc.

Loricaria steindachneri, Eigenmann, 1 910 3 (4): 412 cit.

Loricaria steindachneri, Ribeiro, 1 918 10: 720 cit.

Loricaria steindachneri, Fowler, 1 943: 321 cit.

Loricaria (Rineloricaria) steindachneri Gosline, 1 945 (33): 103

Loricaria lima (non Kner) Steindachner, 1 882 44 (1): 6 desc. fig.

Rineloricaria steindachneri Fowler, 1 954 9 (4): 121 cit. sin. dist. geog.

Distribuição geográfica: Rio São Francisco, Rio de Janeiro, Guanabara, São Pau-

lo.

Gênero Loricariichthys Bleeker, 1 862

Tipo: Loricaria maculata Bloch, 1 794

Loricariichthys Bleeker, 1 862 2: 3 diagn.

Parahemiodon Bleeker, 1 862 2: 3 diagn.

Loricaria (Loricariichthys) Gosline, 1 945 (33): 104 cit.

Loricariichthys, Fowler, 1 954 9 (4): 100 cit. sin.

Loricariichthys acuta (Valenciennes, 1 840) Fowler, 1 954

Loricaria acuta Valenciennes in Cuvier & Valenciennes, 1 840 15: 349 desc. fig.

Loricaria acuta, Günther, 1 864 5: 258 desc.

Loricaria acuta, Vaillant, 1 879 (7) 4: 159 cit.

Loricaria acuta, Eigenmann & Eigenmann, 1 889 (2) 2: 38 desc.

Loricaria acuta, Eigenmann & Eigenmann, 1 890 (1): 375 cit.

Loricaria acuta, Eigenmann & Eigenmann, 1 891 (14): 39 cit.

Loricaria acuta, Regan, 1 904 17: 287 desc.

Loricaria acuta, Steindachner, 1 908 45 (7): 83 cit.

Loricaria acuta, Eigenmann, 1 910 3 (4): 414 cit.

Loricaria acuta, Ribeiro, 1 911 16: 117 desc.

Loricaria acuta, Ribeiro, 1 912 (5): 9 cit.

Loricaria acuta, Eigenmann & Allen, 1 942: 203 desc.

Loricaria (Loricariichthys) acuta, Gosline, 1 945 (33): 105 cit. sin. dist. geog.

Loricaria castanea Castelnau, 1 855 3: 46 desc. fig.

Loricariichthys acutus Fowler, 1 914: 278 cit.

Loricariichthys acutus Fowler, 1 954 9 (4): 101 cit. sin. dist. geog. fig.

/88 Pinto, S. Y. - Peixes de água doce do estado da Guanabara.

Distribuição geográfica: Amazonas, Rio de Janeiro, Guanabara.

Gênero Neoplecostomus Eigenmann & Eigenmann, 1 888

Tipo: Plecostomus microps Steindachner, 1 876

Neoplecostomus Eigenmann & Eigenmann, 1 888 (2) 1: 171 diagn.

Neoplecostomus, Ribeiro, 1 911 16: 38 diagn.

Neoplecostomus, Gosline, 1 945 (33): 112 tip.

Neoplecostomus, Gosline, 1 947 41:

Neoplecostomus, Fowler, 1 954 9 (4): 134 cit. sin. tip.

Neoplecostomus granosus (Valenciennes, 1 840) Eigenmann &

Eigenmann, 1 888

Hypostomus granosus Valenciennes in Cuvier & Valenciennes, 1 840 15: 502 desc.

Plecostomus granosus Günther, 1 864 5: 237 desc.

Plecostomus granosus, Steindachner, 1 878 77 (1): 383 cit.

Plecostomus microps Steindachner, 1 876 74 (1): 688 desc. fig.

Neoplecostomus granosus Eigenmann & Eigenmann, 1 888 (2) 1: 170 desc.

Neoplecostomus granosus, Eigenmann & Eigenmann, 1 889 (2) 2: 42 cit.

Neoplecostomus granosus, Eigenmann & Eigenmann, 1 890 (1): 395 cit.

Neoplecostomus granosus, Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 40 cit.

Neoplecostomus granosus, Regan, 1 904 17: 306 desc.

Neoplecostomus granosus, Ribeiro, 1 911 16: 39 desc. fig.

Neoplecostomus granosus, Ribeiro, 1 918 10: 709 cit.

Neoplecostomus granosus, Gosline, 1 945 33: 112 cit. cit. tip. dist. geog.

Neoplecostomus granosus, Gosline, 1 947 41:

Neoplecostomus granosus, Fowler, 1 954 9 (4): 134 cit. sin. dist. geog. fig.

Neoplecostomus microps Eigenmann & Eigenmann, 1 888 (2) 1: 170 desc.

Neoplecostomus microps, Eigenmann & Eigenmann, 1 889 (2) 2: 42 cit.

Neoplecostomus microps, Eigenmann & Eigenmann, 1 890 (1): 395 cit.

Neoplecostomus microps, Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 40 cit.

Distribuição geográfica: Goiás, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo.

Gênero Otocinclus Cope, 1 872

Tipo Otocinclus vestitus Cope, 1 872

Otocinclus Cope, 1 872: 283 diagn.

Hisonotus Eigenmann & Eigenmann, 1 889 (2) 2: 40 diagn.

Otocinclus, Ribeiro, 1 911 16: 91 diagn. ch.

Otocinclus, Gosline, 1 945 (33): 99 cit. sin. tip.

Otocinclus, Fowler, 1 954 9 (4): 128 cit. sin. tip.

Otocinclus affinis Steindachner, 1 877

Otocinclus affinis Steindachner, 1 877 76 (1): 221 desc. fig.

Otocinclus affinis, Eigenmann & Eigenmann, 1 889 (2) 2: 41 desc.

Otocinclus affinis, Eigenmann & Eigenmann, 1 890 (1): 392 cit.

Otocinclus affinis, Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 40 cit.

Otocinclus affinis, Regan, 1 904 17: 267 desc.

Otocinclus affinis, Eigenmann, 1 910 3 (4): 412 cit.

Otocinclus affinis, Ribeiro, 1 911 16: 91 desc. fig.

Otocinclus affinis, Gosline, 1 945 (33): 99 cit. dist. geog.

Otocinclus affinis, Fowler, 1 954 9 (4): 128 cit. sin. dist. geog. fig.

Distribuição geográfica: Rio de Janeiro, Guanabara.

Otocinclus notatus (Eigenmann & Eigenmann, 1 889) Regan, 1 904

Hisonotus notatus Eigenmann & Eigenmann, 1 889 (2) 2: 42 desc.

Hisonotus notatus, Eigenmann & Eigenmann, 1 890 (1): 391 cit.

Hisonotus notatus, Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 40 cit.

Otocinclus notatus Regan, 1 904 17: 268 desc.

Otocinclus notatus, Eigenmann, 1 910 3 (4): 412 cit.

Otocinclus notatus, Ribeiro, 1 911 16: 93 desc.

/90 Pinto, S. Y. - Peixes de água doce do estado da Guanabara.

Otocinclus notatus, Gosline, 1 945 (33): 100 cit. dist. geog.

Otocinclus notatus, Fowler, 1 954 9 (4): 130 cit. sin. dist. geog.

Otocinclus maculicauda (in pars) Steindachner, 1 877 76 (1): 222 desc.

Parotocinclus maculicauda Ribeiro, 1 911 16: 422 desc.

Distribuição geográfica: Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Guanabara.

Gênero Otothyris Myers, 1 927

Tipo Otothyris canaliferus Myers, 1 927

Otothyris Myers, 1 927 68 (3): 127 diagn.

Otothyris, Gosline, 1 945 (33): 100 cit. tip.

Otothyris, Fowler, 1 954 9 (4): 133 cit. tip.

Otothyris canaliferus Myers, 1 927

Otothyris canaliferus Myers, 1 927 68 (3): 128 desc.

Otothyris canaliferus, Gosline, 1 945 (33): 100 cit. dist. geog.

Otothyris canaliferus, Fowler, 1 954 9 (4): 133 cit. sin. dist. geog.

Distribuição geográfica: Rio de Janeiro, Guanabara.

Gênero Parotocinclus Eigenmann & Eigenmann, 1 889

Tipo: Otocinclus maculicauda Steindachner, 1 877

Parotocinclus Eigenmann & Eigenmann, 1 889 (2) 2: 41 diagn.

Parotocinclus, Ribeiro, 1 911 16: 86 diagn.

Parotocinclus, Gosline, 1 945 (33): 99 cit. tip.

Parotocinclus, Fowler, 1 954 9 (4): 133 cit. tip.

Parotocinclus maculicauda (Steindachner, 1 877) Eigenmann & Eigenmann, 1 891

Otocinclus maculicauda Steindachner, 1 877 76 (1): 222 desc. fig.

Otocinclus maculicauda, Regan, 1 904 17: 268 desc.

Hisonotus maculicauda Eigenmann & Eigenmann, 1 889 (2) 2: 41 desc.

Hisonotus maculicauda, Eigenmann & Eigenmann, 1 890 (1): 392 cit.

Parotocinclus maculicauda Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 40 desc.

Parotocinclus maculicauda, Eigenmann, 1 910 3 (4): 413 cit.

Parotocinclus maculicauda, Ribeiro, 1 911 16: 87 desc. fig.

Parotocinclos maculicauda (error), Ribeiro, 1 918 10: 717 cit.

Parotocinclus maculicauda, Gosline, 1 945 (33): 99 cit. dist. geog.

Parotocinclus maculicauda, Fowler, 1 954 9 (4): 133 cit. sin. dist. geog. fig.

Distribuição geográfica: Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo, Rio Grande do Sul.

Gênero Upsilonodus Ribeiro, 1 925

Tipo: Upsilonodus victori Ribeiro, 1 925

Upsilonodus Ribeiro, 1 925 1: 365 diagn.

Upsilonodus, Gosline, 1 945 (33): 85 cit. dist. geog.

Upsilonodus, Fowler, 1 954 9 (4): 211 cit. tip.

Upsilonodus victori Ribeiro, 1 925

Upsilonodus victori Ribeiro, 1 925 1: 365 desc.

Upsilonodus victori, Gosline, 1 945 (33): 85 cit. dist. geog.

Upsilonodus victori, Fowler, 1 954 9 (4): 211 cit. sin. dist. geog.

Distribuição geográfica: Rio de Janeiro, Guanabara.

Família Pimelodidae

Gênero Felichthys Swainson, 1 839

Tipo: Silurus bagre Linnaeus, 1 758

Felichthys Swainson, 1 839 2: 305 diagn.

Bagre Oken, 1 817: 1 182 diagn.

/92 Pinto, S. Y. - Peixes de água doce do estado da Guanabara.

Breviceps (non Merrem) Swainson, 1 839 2: 328 diagn.

Ailurichthys Baird & Girard, 1 854: 26 diagn.

Aelurichthys Gill, 1 863: 172 diagn.

Felichthys, Ribeiro, 1 911 16: 350 diagn.

Anemanotus Fowler, 1 944 (6): 170 diagn.

Bagre, Gosline, 1 945 (33): 7 cit. sin. tip.

Felichthys, Fowler, 1 951 6 (3): 439 cit. sin. tip.

Felichthys marinus (Mitchill, 1 815) Ribeiro, 1 911

Silurus marinus Mitchill, 1 815 1: 433 desc.

Ailurichthys marinus Eigenmann & Eigenmann, 1 888 (2) 7: 148 desc.

Ailurichthys marinus, Eigenmann & Eigenmann, 1 890 (1): 36 cit. fig.

Aelurichthys longispinis Günther, 1 864 5: 178 desc.

Bagre marinus, Gosline, 1 945 (33): 7 cit. dist. geog.

Felichthys marinus Ribeiro, 1 911 16: 35 desc. fig.

Galeichthys blochii Valenciennes in Cuvier & Valenciennes, 1 840 15: 33 desc.

Galeichthys parrae Valenciennes in Cuvier & Valenciennes, 1 840 15: 25 desc.

Galeichthys parrae, Castelnau, 1 855 3: 37 desc.

Distribuição geográfica: Parã, Pernambuco, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Guanabara.

Nome vulgar: bagre-bandeira, bandeirado, sarasarã.

Gênero Genidens Castelnau, 1 855

Tipo: Genidens cuvieri Castelnau, 1 855 (designado por Bleeker, 1 862)

Genidens Castelnau, 1 855 3: 33 diagn.

Genidens, Ribeiro, 1 911 16: 349 diagn.

Genidens, Gosline, 1 945 (33): 6 cit. tip.

Genidens, Fowler, 1 951 6 (3): 441 cit. sin. tip.

Genidens genidens (Valenciennes, 1 839) Eigenmann & Eigenmann,

1 888

Bagrus genidens Valenciennes in Cuvier & Valenciennes, 1 839 14: 335 desc. fig.

Genidens cuvieri Castelnau, 1 855 3: 34 desc.

Genidens cuvieri, Günther, 1 864 5: 175 desc.

Genidens cuvieri, Hensel, 1 870 (1): 71 cit.

Genidens cuvieri, Steidachner, 1 876 74 (1): 647 desc.

Genidens genidens Eigenmann & Eigenmann, 1 888 (2) 1: 148 desc.

Genidens genidens, Eigenmann & Eigenmann, 1 890 (1): 38 cit. fig.

Genidens genidens, Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 26 cit.

Genidens genidens, Ihering, 1 897: 10 cit.

Genidens genidens, Ribeiro, 1 911 16: 250 desc. fig.

Genidens genidens, Ribeiro, 1 914 (5): 10 cit.

Genidens genidens, Fisher, 1 917 11 (3-4): 405 cit.

Genidens genidens, Ribeiro, 1 918 10: 734 cit.

Genidens genidens, Fowler, 1 941 3 (6): 138 desc.

Genidens genidens, Gosline, 1 945 (33): 7 cit. sin. dist. geog.

Genidens genidens, Stigchel, 1 947: 22 cit.

Genidens genidens, Fowler, 1 951 6 (3): 441 cit. sin. dist. geog. fig.

Genidens granulatus Castelnau, 1 855 3: 34 desc. fig.

Rhamdia laukidi Bleeker, 1 858 1: 208 desc.

Distribuição geográfica: Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo, Rio Grande do Sul.

Nome vulgar: bagre urutu.

Gênero Heptapterus Bleeker, 1 858

Tipo: Pimelodus mustelinus Valenciennes, 1 840

Heptapterus Bleeker, 1 858 4: 197 diagn.

Heptapterus, Ribeiro, 1 911 16: 238 diagn. ch.

Heptapterus, Gosline, 1 945 (33): 30 cit. tip.

Heptapterus, Fowler, 1 951 6 (3): 524 cit. tip.

/94 Pinto, S. Y. - Peixes de água doce do estado da Guanabara.

Heptapterus fissipinnis Ribeiro, 1 911

Heptapterus fissipinnis Ribeiro, 1 911 16: 240 desc. dist. geog.

Heptapterus issipinnis (error), Ribeiro, 1 911 16: 240 desc.

Heptapterus fissipinnis, Gosline, 1 945 (33): 30 cit. dist. geog.

Heptapterus fissipinnis, Fowler, 1 951 6 (3): 525 cit. sin. dist. geog.

Distribuição geográfica: Rio de Janeiro, Guanabara.

Ribeiro descreve o tipo no volume 16 dos Arquivos do Museu Nacional, citando a figura 5 da estampa 35, porém tal figura não existe.

Heptapterus ornaticeps Ahl, 1 936

Heptapterus ornaticeps Ahl, 1 936 116 (3-4): 110 desc.

Heptapterus ornaticeps, Gosline, 1 945 (33): 30 cit. dist. geog.

Heptapterus ornaticeps, Fowler, 1 951 6 (3): 526 cit. sin. dist. geog.

Distribuição geográfica: Rio de Janeiro, Guanabara.

Gênero Microglanis Eigenmann, 1 912

Tipo: Microglanis poecilus Eigenmann, 1 912

Microglanis Eigenmann, 1 912 5: 155 diagn.

Microglanis, Gosline, 1 945 (33): 28 cit. tip.

Microglanis, Fowler, 1 951 6 (3): 529 cit. sin. tip.

Microglanis parahybae (Steindachner, 1 880) Gosline, 1 945

Pseudopimelodus parahybae Steindachner, 1 880 42 (1): 60 desc. fig.

Pseudopimelodus parahybae, Eigenmann & Eigenmann, 1 888 (2) 1: 122 desc.

Pseudopimelodus parahybae, Eigenmann & Eigenmann, 1 890 (1): 110 cit. fig.

Pseudopimelodus parahybae, Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 27 cit.

Pseudopimelodus parahybae, Ribeiro, 1 911 16: 253 desc.

Pseudopimelodus parahybae, Fisher, 1 917 11 (3-4): 410 cit.

Pseudopimelodus cottoides Boulenger, 1 891: 233 desc. fig.

Pseudopimelodus cottoides, Eigenmann, 1 910 3 (4): 384 cit.

Microglanis cottoides Gosline, 1 945 (33): 28 cit. dist. geog.

Microglanis cottoides, Gomes, 1 946 (494): 12 cit.

Microglanis cottoides, Fowler, 1 951 6 (3): 530 cit. sin. dist. geog. fig.

Microglanis parahybae Gosline, 1 945 (33): 28 cit. dist. geog.

Distribuição geográfica: Espírito Santo, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo,
Rio Grande do Sul.

Gênero Netuma Bleeker, 1 858

Tipo: Arius nasutus Valenciennes, 1 840

Netuma Bleeker, 1 858 4: 62 diagn.

Netuma, Gosline, 1 945 (33): 7 cit. tip.

Netuma, Fowler, 1 951 6 (3): 442 cit. sin. tip.

Netuma barbus (Lacépède, 1 803) Eigenmann, 1 910

Pimelodus barbus Lacépède, 1 803 5: 94 desc.

Arius commersonii, Günther, 1 864 5: 143 desc. fig.

Arius commersonii, Hensel, 1 870 (1): 69 cit.

Arius commersonii, Steindachner, 1 876 74 (1): 643 cit.

Arius commersonii, Ihering, 1 898: 10 cit.

Bagrus barbatus Quoy & Gaimard, 1 824: 230 desc. fig.

Bagrus commersonii Valenciennes in Cuvier & Valenciennes, 1 839 14: 333 desc.

Bagrus commersonii, Valenciennes, 1 847 5 (2): 6 desc. fig.

Netuma barba Fowler, 1 951 6 (3): 443 cit. sin. dist. geog.

Netuma barbus Eigenmann, 1 910 3 (4): 381 desc.

Netuma barbus, Fowler, 1 915: 216 cit.

Netuma barbus, Fowler, 1 919: 128 cit.

Netuma barbus, Gosline, 1 945 (33): 8 cit. sin. dist. geog.

Netuma barbus, Stigchel, 1 947: 24 cit.

Pimelodus commersonii Lacépède, 1 803 5: 95 desc. fig.

Pimelodus versicolor Castelnau, 1 855: 35 desc. fig.

Pimelodus versicolor, Ribeiro, 1 920 (5): 12 cit.

Tachisurus barbus Eigenmann & Eigenmann, 1 888 (2) 1 : 142 desc.

Tachisurus barbus, Eigenmann & Eigenmann, 1 890 (1): 76 cit. fig.

/96 Pinto, S. Y. - Peixes de água doce do estado da Guanabara.

Tachysurus barbus, Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 27 cit.

Tachysurus barbus Ribeiro, 1 911 16: 346 desc. fig.

Tachysurus barbus, Ribeiro, 1 918 10: 733 cit.

Tachysurus barbus, Ribeiro, 1 918 (2): 108 cit.

Tachysurus barbus, Fowler, 1 941 3 (6): 139 cit.

Distribuição geográfica: Amazonas, Mato Grosso, Goiás, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo, Rio Grande do Sul.

Netuma upsulonophorus (Eigenmann & Eigenmann, 1 889) Fisher,

1 917

Tachysurus upsulonophorus Eigenmann & Eigenmann, 1 889 (2) 2: 31 desc.

Tachysurus upsulonophorus, Eigenmann & Eigenmann, 1 890 (1): 73 desc. fig.

Tachysurus upsulonophorus, Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 27 cit.

Tachysurus upsulonophorus, Ihering, 1 898: 10 cit.

Tachysurus upsulonophorus, Ribeiro, 1 911 16: 348 desc. fig.

Tachysurus upsulonophorus (error), Ribeiro, 1 918 (2): 108 desc.

Tachysurus upsulonophorus (error), Fowler, 1 941 3 (6): 139 cit.

Netuma upsulonophorus Eigenmann, 1 910 3 (4): 381 cit.

Netuma upsulonophorus, Gosline, 1 945 (33): 7 cit. dist. geog.

Netuma upsulonophora Fisher, 1 917 11 (3-4): 406 cit.

Netuma upsulonophora, Fowler, 1 951 6 (3): 443 cit. sin. dist. geog.

Distribuição geográfica: Rio de Janeiro, Guanabara, Rio Grande do Sul.

Gênero Pimelodella Eigenmann & Eigenmann, 1 888

Tipo: Pimelodus cristatus Müller & Troschel, 1 848

Pimelodella Eigenmann & Eigenmann, 1 888 (2) 1: 131 diagn.

Pimelodella, Gosline, 1 945 (33): 43 cit. tip.

Pimelodella, Fowler, 1 951 6 (3): 534 cit. tip.

Pimelodella eigenmanni Boulenger, 1 891

Pimelodus (Pimelodella) eigenmanni Boulenger, 1 891: 232 desc.

Pimelodella eigenmanni, Eigenmann, 1 910 3 (4): 389 cit.

Pimelodella eigenmanni, Eigenmann, 1 917 7 (4): 248 desc. fig.

Pimelodella eigenmanni, Gosline, 1 945 (33): 45 cit. sin. dist. geog.

Pimelodella eigenmanni, Fowler, 1 951 6 (3): 539 cit. sin. dist. geog.

Pimelodella buckleyi (non Boulenger) Eigenmann & Eigenmann, 1 888 (2) 1: 133 desc.

Pimelodella buckleyi, Eigenmann & Eigenmann, 1 890 (1): 158 cit.

Pimelodella buckleyi, Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 29 cit.

Rhamdia eigenmanniorum Ribeiro, 1 911 16: 213 desc.

Distribuição geográfica: Rio de Janeiro, Guanabara.

Gênero Pimelodus Lacépède, 1 803

Tipo: Pimelodus maculatus Lacépède, 1 803 (designado por Gill, 1 861)

Pimelodus Lacépède, 1 803 5: 94 diagn.

Pseudorhamdia Bleeker, 1 862 2: 11 diagn.

Pimelodus, Ribeiro, 1 911 16: 284 diagn. ch.

Pimelodus, Gosline, 1 945 (33): 40 cit. tip.

Gênero Pseudopimelodus Bleeker, 1 858

Tipo: Pimelodus raninus (Valenciennes, 1 840) Bleeker, 1 862

Pseudopimelodus Bleeker, 1 858 4: 196 diagn.

Batrochoglanis (error) Gill, 1 858 6: 29 diagn.

Batrachoglanis Bleeker, 1 861 2: 11 diagn.

Pseudopimelodus, Ribeiro, 1 911 16: 252 diagn. ch.

Pseudopimelodus, Gosline, 1 945 (33): 27 cit. sin.

Pseudopimelodus, Fowler, 1 951 6 (3): 561 cit. sin. tip.

/98 Pinto, S. Y. - Peixes de água doce do estado da Guanabara.

Pseudopimelodus raninus (Valenciennes, 1 840) Bleeker, 1862

Pimelodus raninus Valenciennes in Cuvier & Valenciennes, 1 840 15: 117 desc.

fig.

Pimelodus raninus, Regan, 1 905: 190 desc.

Pseudopimelodus raninus Bleeker, 1 862 2: 11 cit.

Pseudopimelodus raninus, Steindachner, 1 880 42 (1): 61 cit.

Pseudopimelodus raninus, Steindachner, 1 883 46 (1): 4 cit.

Pseudopimelodus raninus, Eigenmann & Eigenmann, 1 888 (2) 1: 122 cit.

Pseudopimelodus raninus, Eigenmann & Eigenmann, 1 890 (1): 111 desc.

Pseudopimelodus raninus, Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 27 cit.

Pseudopimelodus raninus, Ribeiro, 1 911 16: 257 desc.

Pseudopimelodus raninus, Eigenmann, 1 912 5: 154 cit. tip.

Pseudopimelodus raninus, Ribeiro, 1 914 (5): 3 cit.

Pseudopimelodus raninus, Fowler, 1 941 (5) (8): 378 cit.

Pseudopimelodus raninus, Eigenmann & Allen, 1 942: 91 cit.

Pseudopimelodus raninus, Gosline, 1 945 (33): 28 cit. sin. dist. geog.

Pseudopimelodus raninus, Gomes, 1 946 (494): 7 cit.

Pseudopimelodus raninus, Fowler, 1 951 6 (3): 562 cit. sin. dist. geog.

Distribuição geográfica: Amazônia, Rio de Janeiro, Guanabara.

Gênero Rhamdella Eigenmann & Eigenmann, 1 888

Tipo: Rhamdia eriarcha Eigenmann & Eigenmann, 1 888

Rhamdella Eigenmann & Eigenmann, 1 888 (2) 1: 129 diagn.

Rhamdella, Gosline, 1 943 (33): 34 cit. tip.

Rhamdella, Fowler, 1 951 6 (3): 564 cit. tip.

Rhamdella exsudans (Jenyns, 1 842) Eigenmann & Eigenmann, 1 890

Pimelodus exsudans Jenyns, 1 842 (4): 111 desc.

Pimelodus exsudans, Günther, 1 864 5: 132 desc.

Rhamdia exsudans Eigenmann & Eigenmann, 1 888 (2) 1: 130 cit.

Rhamdia exudans Eigenmann, 1 910 3 (4): 387 cit.

Rhamdia exudans, Ribeiro, 1 911 16: 266 desc.

Rhamdella exudans Eigenmann & Eigenmann, 1 890 (1): 140 cit.

Rhamdella exudans, Gosline, 1 945 (33): 35 cit. dist. geog.

Rhamdella exudans, Fowler, 1 951 6 (3): 564 cit. sin. dist. geog.

Distribuição geográfica: Rio de Janeiro, Guanabara (?).

Rhamdella jenynsii (Günther, 1 864) Eigenmann & Eigenmann, 1890

Pimelodus jenynsii Günther, 1 864 5: 128 desc.

Pimelodus gracilis (non Valenciennes) Jenyns, 1 842 (4): 110 desc.

Rhamdia jenynsii Eigenmann & Eigenmann, 1 888 (2) 1: 130 desc.

Rhamdia jenynsii, Eigenmann, 1 910 3 (4): 387 cit.

Rhamdia jenynsii, Ribeiro, 1 911 16: 264 desc.

Rhamdella jenynsii Eigenmann & Eigenmann, 1 890 (1): 140 cit.

Rhamdella jenynsii, Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 28 cit.

Rhamdella jenynsii, Gosline, 1 945 (33): 35 cit. dist. geog.

Rhamdella jenynsii, Fowler, 1 951 6 (3): 564 cit. sin. dist. geog.

Distribuição geográfica: Rio de Janeiro, Guanabara.

Rhamdella minuta (Lütken, 1 875) Eigenmann & Eigenmann, 1 890

Rhamdia minuta Lütken, 1 875 12: 179 desc. fig.

Rhamdia minuta, Eigenmann & Eigenmann, 1 888 (2) 1: 131 desc.

Rhamdia minuta, Eigenmann, 1 910 3 (4): 387 cit.

Rhamdia minuta, Ribeiro, 1 911 16: 264 desc.

Imparfinis minuta Fisher, 1 917 11 (3-4): 409 desc.

Rhamdella minuta Eigenmann & Eigenmann, 1 890 (1): 142 desc.

Rhamdella minuta, Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 28 cit.

Rhamdella minuta, Fowler, 1 940: 80 cit.

Rhamdella minuta, Gosline, 1 945 (33): 35 cit. dist. geog.

Rhamdella minuta, Fowler, 1 951 6 (3): 565 cit. sin. dist. geog.

Distribuição geográfica: Rio São Francisco, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo.

/100 Pinto, S. Y. - Peixes de água doce do estado da Guanabara.

Gênero Rhamdia Bleeker, 1 858

Tipo: Pimelodus sebae Valenciennes, 1 858

Rhamdia Bleeker, 1 858 4: 197 diagn.

Pteronotus (non Rafinesque) Swainson, 1 839 2: 309 diagn.

Pimelenotus Gill, 1 859 4: 387 diagn.

Pimelonotus Günther, 1 864 5: 114 diagn.

Notoglanis Günther, 1 864 5: 136 diagn.

Rhamdia, Ribeiro, 1 911 16: 262 diagn.

Rhamdia, Gosline, 1 945 (33): 35 cit. sin. tip.

Rhamdia, Fowler, 1 951 6 (3): 568 cit. sin. tip.

Rhamdia quelen (Quoy & Gaimard, 1 824) Eigenmann & Eigenmann,

1 888

Pimelodus quelen Quoy & Gaimard, 1 824: 228 desc. fig.

Pimelodus queleni Günther, 1 864 5: 123 desc.

Pimelodus (Rhamdia) queleni Steindachner, 1 876 74: 622 desc.

Pimelodus (Rhamdia) cuyabae Steindachner, 1 876 74: 633 desc.

Pimelodus (Rhamdia) queleni var. cuprea Steindachner, 1 876 74: 626 desc.

Pimelodus sebae (non Valenciennes) Kner, 1 857 26: 417 desc. fig.

Pimelodus sellonis Müller & Troschel, 1 849 (3): 2 desc.

Pimelodus wuchereri Günther, 1 864 5: 123 desc.

Heterobranchus sextentaculatus Spix in Agassiz, 1 829: 28 desc.

Rhamdia quelini Bleeker, 1 862 2: 11 cit.

Rhamdia quelini, Borodin, 1 927 (271): 3 cit.

Rhamdia quelen Eigenmann & Eigenmann, 1 888 (2) 1: 126 desc.

Rhamdia quelen, Eigenmann & Eigenmann, 1 890 (1): 127 cit.

Rhamdia quelen, Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 28 cit.

Rhamdia quelen, Eigenmann & Kennedy, 1 903: 499 cit.

Rhamdia quelen, Berg, 1 895 4: 133 cit.

Rhamdia quelen, Eigenmann & Norris, 1 900 4: 350 cit.

Rhamdia quelen, Eigenmann & Bean, 1 907 31: 660 cit.

Rhamdia quelen, Eigenmann, McAtee & Ward, 1907 4 (2): 113 cit.

Rhamdia quelen, Eigenmann, 1910 3 (4): 386 cit.

Rhamdia quelen, Ribeiro, 1911 16: 278 desc. fig.

Rhamdia quelen, Starks, 1913: 27 desc.

Rhamdia quelen, Ribeiro, 1914 (5): 4 cit.

Rhamdia quelen, Eigenmann & Fisher, 1917 11 (3-4): 396 cit.

Rhamdia quelen, Ribeiro, 1918 10: 729 cit.

Rhamdia quelen, Pearson, 1924 11 (64): 11 cit.

Rhamdia quelen, Fowler, 1940: 95 cit.

Rhamdia quelen, Eigenmann & Allen, 1942: 93 desc.

Rhamdia quelen, Gosline, 1945 (33): 36 cit. sin. dist. geog.

Rhamdia quelen, Stigchel, 1947: 48 cit.

Rhamdia quelen, Fowler, 1951 6 (3): 574 cit. sin. dist. geog.

Distribuição geográfica: Amazônia, Rio São Francisco, Bahia, Espírito Santo,

Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo, Mato Grosso,

Rio Grande do Sul.

Nome vulgar: mandi, mandi-guaru, bagre-sapo.

Rhamdia sebae (Valenciennes, 1840) Eigenmann & Eigenmann, 1888

Pimelodus sebae Valenciennes in Cuvier & Valenciennes, 1840 15: 125 desc.

Pimelodus sebae, Günther, 1864 5: 119 desc.

Pimelodus sebae, Goeldi, 1898 2: 461 cit.

Pimelodus sebae, Regan, 1905: 190 desc.

Pimelodus musculus Müller & Troschel, 1849 (3): 4 desc.

Pimelodus mülleri Günther, 1864 5: 119 desc.

Pimelodus mülleri, Goeldi, 1898 2: 459 cit.

Pimelodus mülleri, Regan, 1905: 190 desc.

Rhamdia sebae Eigenmann & Eigenmann, 1888 (2) 1: 126 desc.

Rhamdia sebae, Eigenmann & Eigenmann, 1890 (1): 123 desc.

Rhamdia sebae, Eigenmann & Eigenmann, 1891 14: 28 cit.

Rhamdia sebae, Eigenmann, 1910 3 (4): 385 cit.

Rhamdia sebae, Ribeiro, 1911 16: 279 desc. fig.

/102 Pinto, S. Y. - Peixes de água doce do estado da Guanabara.

Rhamdia sebae, Starks, 1 913: 27 desc.

Rhamdia sebae, Ribeiro, 1 914 (5): 5 cit.

Rhamdia sebae, Fowler, 1 915: 209 cit.

Rhamdia sebae, Eigenmann & Fisher, 1 917 11 (3-4): 396 desc.

Rhamdia sebae, Ribeiro, 1 918 10: 729 cit.

Rhamdia sebae, Fowler, 1 939: 222 cit.

Rhamdia sebae, Eigenmann & Allen, 1 942: 94 desc.

Rhamdia sebae, Gosline, 1 945 (33): 36 cit. sin. dist. geog.

Rhamdia sebae sebae Fowler, 1 951 6 (3): 577 cit. sin. dist. geog.

Distribuição geográfica: Amazônia, Rio São Francisco, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Guanabara.

Nome vulgar: jandiã, bagre-de lagoa, mandi-chorão, bagre.

Gênero Sorubim Bleeker, 1 862

Tipo: Silurus lima Schneider, 1 801

Sorubim Bleeker, 1 862 2: 10 diagn.

Platystoma (non Meigen, 1 803) Agassiz, 1 829: 23 diagn.

Sorubim, Ribeiro, 1 911 16: 309 diagn. ch.

Sorubim, Gosline, 1 945 (33): 52 cit. tip.

Sorubim, Fowler, 1 951 6 (3): 599 cit. sin. tip.

Sorubim lima (Schneider, 1 801) Günther, 1 864

Silurus lima Schneider, 1 801: 384 desc.

Platystoma lima Agassiz, 1 829: 24 desc.

Platystoma lima, Valenciennes in Cuvier & Valenciennes, 1 840 15: 6 desc.

Platystoma luceri Weyenberg, 1 877 3: 10 desc. fig.

Sorubim infraocularis Spix in Agassiz, 1 829: 15 desc.

Sorubim luceri Ribeiro, 1 918 10: 733 cit.

Sorubim luceri, Ribeiro, 1 920 (58) (5): 12 cit. fig.

Sorubim lima Günther, 1 864 5: 105 desc.

Sorubim lima, Cope, 1 878 17: 674 desc.

- Sorubim lima, Vaillant, 1879 (7) 4: 150 desc.
- Sorubim lima, Steindachner, 1 883 46 (1): 4 desc.
- Sorubim lima, Eigenmann & Eigenmann, 1 888 (2) 1: 138 desc.
- Sorubim lima, Eigenmann & Eigenmann, 1 890 (1): 213 desc.
- Sorubim lima, Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 31 cit.
- Sorubim lima, Boulenger, 1 896 14: 26 desc.
- Sorubim lima, Boulenger, 1 898 14: 421 cit.
- Sorubim lima, Eigenmann & Kennedy, 1 903: 500 cit.
- Sorubim lima, Eigenmann, 1 910 3 (4): 392 cit.
- Sorubim lima, Ribeiro, 1 911 16: 309 desc. fig.
- Sorubim lima, Ribeiro, 1 918 10: 733 cit.
- Sorubim lima, Starks, 1 913: 30 desc.
- Sorubim lima, Regan, 1 913 (8) 12: 282 desc.
- Sorubim lima, Ribeiro, 1 914 (5): 7 cit.
- Sorubim lima, Fowler, 1 915: 219 desc.
- Sorubim lima, Fisher, 1 917 11 (3-4): 418 cit.
- Sorubim lima, Ribeiro, 1 920 (58) (5): 14 cit. fig.
- Sorubim lima, Pearson, 1 924 11 (64): 15 cit.
- Sorubim lima, La Monte, 1 935 (784): 6 desc.
- Sorubim lima, Fowler, 1 939: 225 cit.
- Sorubim lima, Fowler, 1 941 (5) (18): 382 cit. fig.
- Sorubim lima, Fowler, 1 941: 139 cit.
- Sorubim lima, Devincenzi & Teague, 1 942 (2) 5 (4): 51 cit. fig.
- Sorubim lima, Eigenmann & Allen, 1 942: 113 desc.
- Sorubim lima, Gosline, 1 945 (33): 52 cit. sin. dist. geog.
- Sorubim lima, Stigchel, 1 947 27: 69 cit.
- Sorubim lima, Fowler, 1 951 6 (3): 599 cit. sin. dist. geog.
- Distribuição geográfica: Amazônia, Maranhão, Rio de Janeiro, São Paulo, Mato Grosso, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Guanabara.
- Nome vulgar: Sorubim, bico-de-pato, donzela.

Família Pygidiidae

Gênero Pygidium Meyen, 1 835

Tipo: Pygidium fuscum Meyen, 1 835

Pygidium Meyen, 1 835: 475 diagn.

Pygidium, Gosline, 1 945 (33): 56 cit. sin. tip.

Pygidium, Fowler, 1 954 9 (4): 22 cit. sin. tip.

Pygidium brasiliense (Reinhardt, 1 873) Eigenmann & Eigenmann,

1 891

Trichomycterus brasiliensis Reinhardt in Lütken, 1 873 (3): 29 desc.

Trichomycterus brasiliensis, Boulenger, 1 891: 235 desc.

Trichomycterus brasiliensis, Boulenger, 1 895 14: 34 cit.

Trichomycterus brasiliensis, Ribeiro, 1 911 16: 223 desc.

Trichomycterus brasiliensis, Ribeiro, 1 918 10: 725 cit.

Pygidium brasiliense Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14 : 36 desc.

Pygidium brasiliense, Eigenmann, 1 910 3 (4): 399 cit.

Pygidium brasiliense, Eigenmann, 1 918 7 (5): 337 desc. fig.

Pygidium brasiliense, Bertoni, 1 939 4 (4): 52 cit.

Pygidium brasiliense, Gosline, 1 945 (33): 61 cit. sin. dist. geog.

Pygidium brasiliense, Ribeiro, 1 954 (15): 7 desc.

Distribuição geográfica: Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo.

Pygidium goeldii (Boulenger, 1 896) Eigenmann, 1 910

Trichomycterus goeldii Boulenger, 1 896 (6) 18: 154 desc.

Trichomycterus goeldii, Ribeiro, 1 906 13: 169 desc.

Trichomycterus goeldii, Ribeiro, 1 911 16: 221 desc.

Trichomycterus goeldii, Fowler, 1 954 9 (4): 26 cit. sin. dist. geog.

Pygidium goeldii Eigenmann, 1 910 3 (4): 400 desc.

Pygidium goeldii, Eigenmann, 1 918 7 (5): 337 desc.

Pygidium goeldii, Gosline, 1 945 (33): 60 cit. dist. geog.

Distribuição geográfica: Rio de Janeiro, Guanabara.

Pygidium immaculatum Eigenmann & Eigenmann, 1 889

Pygidium immaculatum Eigenmann & Eigenmann, 1 889 (2) 2: 52 desc.

Pygidium immaculatum, Eigenmann & Eigenmann, 1 890 (1): 337 desc.

Pygidium immaculatum, Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 37 cit.

Pygidium immaculatum, Eigenmann, 1 910 3 (4): 400 cit.

Pygidium immaculatum, Eigenmann, 1 918 7 (5): 334 cit. fig.

Pygidium immaculatum, Gosline, 1 945 (33): 60 cit. dist. geog.

Pygidium immaculatum, Ribeiro, 1 954 (15): 9 cit.

Trichomycterus immaculatus Ribeiro, 1 906 13: 169 desc.

Trichomycterus immaculatus, Ribeiro, 1 911 16: 222 desc.

Trichomycterus immaculatus, Fowler, 1 954 9 (4): 28 sin. dist. geog.

Distribuição geográfica: Goiás, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro,
Guanabara.

Pygidium zonatum Eigenmann, 1 918

Pygidium zonatum Eigenmann, 1 918 7 (5): 330 desc. fig.

Pygidium zonatum, Gosline, 1 945 (33): 60 cit. dist. geog.

Pygidium zonatum, Ribeiro, 1 954 (15): 12 cit.

Trichomycterus zonatus Fowler, 1 954 9 (4): 37 cit. sin. dist. geog. fig.

Distribuição geográfica: Minas Gerais, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo.

Gênero Stegophilus Reinhardt, 1 858

Tipo: Stegophilus insidiosus Reinhardt, 1 858

Stegophilus Reinhardt, 1 858: 79 diagn.

Stegophilus, Gosline, 1 945 (33): 63 cit. tip.

Stegophilus, Fowler, 1 954 9 (4): 15 cit. tip.

/106 Pinto; S. Y. - Peixes de água doce do estado da Guanabara.

Stegophilus passarellii Ribeiro, 1 944

Stegophilus passarellii Ribeiro, 1 944 (20): 1 desc.

Stegophilus passarellii, Gosline, 1 945 (33): 64 cit. dist. geog.

Stegophilus passarellii, Ribeiro, 1 954 (15): 14 cit.

Stegophilus passarellii, Fowler, 1 954 9 (4): 16 cit. dist. geog.

Distribuição geográfica: Rio de Janeiro, Guanabara.

Ordem CYPRINODONTIFORMES

Subordem CYPRINODONTOIDEI

Família Cyprinodontidae

Gênero Rivulus Poey, 1 860

Tipo: Rivulus cylindriceus Poey, 1 860

Rivulus Poey, 1 860 2: 307 diagn.

Cynodontichthys Meek, 1 904 5: 101 diagn.

Rivulus, Regan, 1 912 (8) 10 (59): 495 cit.

Rivulus, Myers, 1 924 (9) 13: 589 diagn.

Rivulus, Fowler, 1 954 9 (4): 220 cit. sin. tip.

Rivulus brasiliensis (Valenciennes, 1 811) Garman, 1 895

Fundulus brasiliensis Valenciennes, 1 811 (2) 2 (4): 163 desc. fig.

Fundulus brasiliensis, Valenciennes, 1 839 (3a. ed.): 228 desc. fig.

Fundulus brasiliensis, Valenciennes in Cuvier & Valenciennes, 1 849 18: 149 desc.

Haplochilus brasiliensis Günther, 1 866 6: 317 desc.

Rivulus brasiliensis Garman, 1 895 19: 135 desc. fig.

Rivulus brasiliensis, Eigenmann, 1 910 3 (4): 454 cit.

Rivulus brasiliensis, Regan, 1 912 (8) 10: 504 cit. tip.

Rivulus brasiliensis, Myers, 1 924 (9) 13: 590 cit.

Rivulus brasiliensis, Ihering, 1 931 4: 258 desc.

Rivulus brasiliensis, Fowler, 1 954 9 (4): 220 cit. sin. dist. geog.

Distribuição geográfica: Amazonas, Rio de Janeiro, Guanabara.

Nome vulgar: rivulus.

Rivulus dorni Myers, 1 924

Rivulus dorni Myers, 1 924 (9) 13: 588 desc.

Rivulus dorni, Myers, 1 927 (9) 19: 122 cit.

Rivulus dorni, Ihering, 1 931 4: 258 cit.

Rivulus dorni, Stoye, 1 935: 106 cit. fig.

Rivulus dorni, Fowler, 1 954 9 (4): 221 cit. sin. dist. geog.

Distribuição geográfica: Rio de Janeiro, Guanabara.

Nome vulgar: rivulus

Rivulus ocellatus Hensel, 1 868

Rivulus ocellatus Hensel, 1 868 34 (1): 365 desc.

Rivulus ocellatus, Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 64 desc.

Rivulus ocellatus, Garman, 1 895 19: 137 cit.

Rivulus ocellatus, Eigenmann, 1 910 3 (4): 454 cit.

Rivulus ocellatus, Regan, 1 912 (8) 10 (59): 495 cit.

Rivulus ocellatus, Myers, 1 927 (9) 19: 125 cit.

Rivulus ocellatus, Ihering, 1 931 4: 259 desc.

Rivulus ocellatus, Stoye, 1 935: 107 cit. fig.

Rivulus ocellatus, Innes, 1 949 (10a. ed.): 275 cit. fig.

Rivulus ocellatus, Fowler, 1 954 9 (4): 222 cit. sin. dist. geog.

Distribuição geográfica: Rio de Janeiro, Guanabara.

Nome vulgar: rivulus.

Rivulus santensis Köhler, 1 906

Rivulus elegans var. santensis Köhler, 1 906 17: 408 desc. fig.

/108 Pinto, S. Y. - Peixes de água doce do estado da Guanabara.

Rivulus santensis, Myers, 1 927 (9) 19: 125 desc.

Rivulus santensis, Ihering, 1 931 4: 259 desc.

Rivulus santensis, Stoye, 1 935: 105 cit. fig.

Rivulus santensis, Fowler, 1 945 9 (4): 223 cit. sin. dist. geog.

Distribuição geográfica: Pará, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo.

Nome vulgar: rivulus.

Esta espécie foi comum nos arredores do Instituto Oswaldo Cruz (proximidade de Bonsucesso) antes dos sucessivos aterros que sofreu a área, vivendo em pequenos poços e águas com alguma salinidade, tornando-se bastante rara atualmente.

Gênero Cynolebias Steindachner, 1 876

Tipo: Cynolebias porosus Steindachner, 1 876

Cynolebias Steindachner, 1 876 74 (1): 172 diagn.

Cynolebias, Eigenmann, 1 910 3 (4): 455 cit.

Cynolebias, Regan, 1 912 (8) 10 (59): 505 cit.

Cynolebias, Fowler, 1 954 9 (4): 214 cit. tip.

Cynolebias constanciae Myers, 1 942

Cynolebias constanciae Myers, 1 942 2 (4): 100 desc.

Cynolebias constanciae, Fowler, 1 954 9 (4): 215 cit. dist. geog.

Distribuição geográfica: Rio de Janeiro, Guanabara.

Cynolebias minimus Myers, 1 942

Cynolebias minimus Myers, 1 942 2 (4): 100 desc.

Cynolebias minimus, Fowler, 1 954 9 (4): 215 cit. dist. geog.

Distribuição geográfica: Rio de Janeiro, Guanabara.

Família Poeciliidae

Gênero Lebistes Filippi, 1 862

Tipo. Lebistes poeciloides Filippi, 1 862

Lebistes Filippi, 1 862 1: 69 diagn.

Acanthophaelus Eigenmann, 1 907 32: 426 diagn.

Lebistes, Fowler, 1 954 9 (4): 235 cit. sin. tip.

Lebistes reticulatus (Peters, 1 895) Regan, 1 913

Poecilia reticulata Peters, 1 859: 412 desc.

Poecilia reticulata, Garman, 1 895 19: 62 desc.

Poecilia poeciloides Garman, 1 895 19: 65 desc.

Acanthophaelus reticulatus Eigenmann, 1 910 3 (4): 458 desc.

Girardinus reticulatus Günther, 1 866 6: 352 desc.

Girardinus reticulatus, Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 65 cit.

Lebistes reticulatus Regan, 1 913 (2): 1 008 desc. fig.

Lebistes reticulatus, Fowler, 1 915: 269 cit.

Lebistes reticulatus, Fowler, 1 916: 438 cit.

Lebistes reticulatus, Henn, 1 916 10 (1-2): 134 cit.

Lebistes reticulatus, Fowler, 1 926: 256 cit.

Lebistes reticulatus, Ihering, 1 931 4: 256 cit.

Lebistes reticulatus, Stoye, 1 935: 48 cit. fig.

Lebistes reticulatus, Innes, 1 935: 309 cit. fig.

Lebistes reticulatus, Fowler, 1 954 9 (4): 236 cit. sin. dist. geog.

Distribuição geográfica: amplamente espalhado no Brasil, inclusive Guanabara e Rio de Janeiro, pelo Serviço Nacional de Febre Amarela, por ser peixe larvófago. Peixe originário de Trinidad.

Nome vulgar: barrigudinho, gupi.

Gênero Phalloceros Eigenmann, 1 907

Tipo: Girardinus caudimaculatus Hensel, 1 868

/110 Pinto, S. Y. - Peixes de água doce do estado da Guanabara.

Phalloceros Eigenmann, 1 907 32: 431 diagn.

Phalloceros, Eigenmann, 1 910 3 (4): 458 cit.

Phalloceros, Ihering, 1 931: 261 cit.

Phalloceros, Fowler, 1 954 9 (4): 237 cit. tip.

Phalloceros caudimaculatus (Hensel, 1 868) Eigenmann, 1 907

Girardinus caudimaculatus Hensel, 1 868 34: 362 desc.

Girardinus caudimaculatus, Hensel, 1 869 35: 89 cit.

Girardinus caudimaculatus, Ihering, 1 883 38: 468 desc. fig.

Girardinus caudimaculatus, Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 65 cit.

Glaridodon januarius (non Hensel) Garman, 1 895 19: 42 desc.

Poecilia caudomaculatus Eigenmann, 1 894 7: 636 desc.

Phalloceros caudomaculatus Eigenmann, 1 907 32: 431 desc. fig.

Phalloceros caudomaculatus, Eigenmann, 1 910 3 (4): 458 cit.

Phalloceros caudomaculatus, Regan, 1 913: 999 cit. fig.

Phalloceros caudomaculatus, Henn, 1 916 10 (1-2): 124 desc. fig.

Phalloceros caudomaculatus, Ihering, 1 931 4: 246 cit.

Phalloceros caudomaculatus, Stoye, 1 935: 60 cit.

Phalloceros caudomaculatus, Innes, 1 935: 291 cit. fig.

Phalloceros caudomaculatus var. reticulata Stoye, 1 935: 61 cit. fig.

Phalloceros caudomaculatus var. aurata Stoye, 1 935: 61 cit. fig.

Phalloceros caudimaculatus, Fowler, 1 916: 437 cit.

Phalloceros caudimaculatus, Fowler, 1 954 9 (4): 237 cit. sin. dist. geog. fig.

Distribuição geográfica: Rio de Janeiro, Guanabara, Brasil meridional.

Nome vulgar: barrigudinho, guaru.

Gênero Phalloptychus Eigenmann, 1 907

Tipo: Girardinus januarius Hensel, 1 868

Phalloptychus Eigenmann, 1 907 32: 430 diagn.

Phalloptychus, Eigenmann, 1 910 3 (4): 458 cit.

Phalloptychus, Fowler, 1 954 9 (4): 238 cit. tip.

Phalloptychus januarius (Hensel, 1 868) Eigenmann, 1 907

Girardinus januarius Hensel, 1 868 34 (2): 360 desc.

Girardinus januarius, Eigenmann & Eigenmann, 1 891: 65 cit.

Girardinus (Glaridodon) januarius Steindachner, 1 907 116 (1): 492 cit.

Girardinus iheringii Boulenger, 1 889 (6) 4: 266 desc.

Girardinus iheringii, Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 65 cit.

Girardinus zonatus Schreiner, 1 903 12: 73 desc.

Glaridodon januarius Garman, 1 895 19: 42 desc. fig.

Phalloptychus januarius Eigenmann, 1 907 32: 431 desc. fig.

Phalloptychus januarius, Regan, 1 913: 999 desc. fig.

Phalloptychus januarius, Stoye, 1 935: 70 cit.

Phalloptychus januarius, Fowler, 1 954 9 (4): 238 cit. sin. dist. geog.

Phalloptycus januarius (error), Eigenmann, 1 910 3 (4): 458 cit.

Phalloptycus januarius (error), Henn, 1 916 10 (1-2): 122 cit.

Phalloptycus januarius (error), Ihering, 1 931 4: 253 desc. fig.

Poecilia januarius Eigenmann, 1 894 7: 636 desc.

Distribuição geográfica: Amazonas, Rio de Janeiro, Guanabara, Santa Catarina,
Rio Grande do Sul.

Nome vulgar: guaru.

Gênero Poecilia Schneider, 1 801

Tipo: Poecilia vivipara Schneider, 1 801 (designada por
Bleeker, 1 863)

Poecilia Schneider, 1 801: 452 diagn.

Poecilia, Fowler, 1 954 9 (4): 240 cit. tip.

Poecilia vivipara Schneider, 1 801

Poecilia vivipara Schneider, 1 801: 452 desc. fig.

Poecilia vivipara, Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 65 cit.

Poecilia vivipara, Garman, 1 895 19: 53 desc. fig.

Poecilia vivipara, Eigenmann, 1 910 3 (4): 460 cit.

Poecilia vivipara, Regan, 1 913 (2): 1 005 cit. fig.

/112 Pinto, S. Y. - Peixes de água doce do estado da Guanabara.

Poecilia vivipara, Henn, 1 916 10: 131 cit.

Poecilia vivipara, Ihering, 1 931 4: 252 desc. fig.

Poecilia vivipara, Stoye, 1 935: 67 cit. fig.

Poecilia vivipara, Innes, 1 949: 329 cit. fig.

Poecilia vivipara, Fowler, 1 941: 196 cit.

Poecilia vivipara, Fowler, 1 954 9 (4): 241 cit. sin. dist. geog.

Poecilia unimaculata Valenciennes, 1 828 2: 158 desc. fig.

Poecilia unimaculata, Valenciennes in Cuvier & Valenciennes, 1 846 18: 97 desc.

Poecilia unimaculata, Günther, 1 866 6: 346 desc.

Poecilia unimaculata, Hensel, 1 868 34 (1): 358 desc.

Poecilia unimaculata, Steindachner, 1 881 44: 9 desc.

Poecilia unimaculata, Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 65 cit.

Poecilia surinamensis Valenciennes in Cuvier & Valenciennes, 1 846 18: 91 desc.

Neopoecilia holacanthus Hubbs, 1 924 (13): 11 desc. fig.

Distribuição geográfica: Ceará, Pernambuco, Rio São Francisco, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Guanabara.

Nome vulgar: barrigudinho, guaru.

Ordem SYMBRANCHIFORMES

Subordem SYMBRANCHOIDEI

Família Symbranchidae

Gênero Symbranchus Bloch, 1 795

Tipo: Symbranchus marmoratus Bloch, 1 795 (designado por Jordan & Evermann, 1 896)

Symbranchus Bloch, 1 795 9: 86 diagn.

Symbranchus, Jordan & Evermann, 1 896

Symbranchus, Eigenmann, 1 910 3 (4): 450 cit.

Symbranchus, Fowler, 1 954 9 (4): 246 cit. tip.

Symbranchus marmoratus, Bloch, 1 795

Symbranchus marmoratus Bloch, 1 795 9: 87 desc. fig.

Symbranchus marmoratus, Eigenmann, 1 910 3 (4): 450 desc.

Symbranchus marmoratus, Fowler, 1 913: 123 cit.

Symbranchus marmoratus, Fowler, 1 926: 256 cit.

Symbranchus marmoratus, Fowler, 1 939: 285 cit.

Symbranchus marmoratus, Fowler, 1 940: 94 cit.

Symbranchus marmoratus, Fowler, 1 941: 127 cit.

Symbranchus marmoratus, Fowler, 1 941 (5) (18): 363 cit.

Symbranchus marmoratus, Fowler, 1 954 9 (4): 246 cit. sin. dist. geog.

Symbranchus marmoratus Günther, 1 870 8: 15 desc.

Symbranchus marmoratus, Cope, 1 871: 290 desc.

Symbranchus marmoratus, Cope, 1 878 17: 673 cit.

Symbranchus marmoratus, Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 25 desc.

Symbranchus marmoratus, Cope, 1 893 33: 102 cit.

Symbranchus marmoratus, Eigenmann, 1 894 7: 625 cit.

Symbranchus marmoratus, Boulenger, 1 896 14 (2): 38 desc.

Symbranchus marmoratus, Regan, 1 905: 189 desc.

Symbranchus marmoratus, Starks, 1 913: 12 desc.

Symbranchus marmoratus, Ribeiro, 1 920 (58) (5): 6 desc.

Symbranchus marmoratus, Eigenmann & Allen, 1 942: 332 desc.

Symbranchus vittatus Castelnau, 1 855 3: 84 desc. fig.

Distribuição geográfica: Amazônia, Rio de Janeiro, Guanabara, Rio Grande do Sul.

Nome vulgar: muçum, muçu.

Ordem PERCIFORMES

Subordem PERCOIDEI

Família Cichlidae

Gênero Cichla Swainson, 1 839

Tipo: Labrus bimaculatus Linnaeus, 1 758

Cichla Swainson, 1 839 2: 173 diagn.

Cichlasoma Swainson, 1 839 2: 230 diagn.

Heros Heckel, 1 840 2: 362 diagn.

Hoplarchus Kaup, 1 860 26 (1): 128 diagn.

Mesonauta Günther, 1 862 4: 300 diagn.

Astatheros Pellegrin, 1 903 16: 202 diagn.

Cichlasoma, Pellegrin, 1 904: 166 diagn.

Cichlasoma Regan, 1 905 (6) 16: 61 diagn.

Astatheros (error), Eigenmann, 1 910 3 (4): 475 diagn.

Cichlasoma, Ribeiro, 1 915 17: 459 diagn.

Cichla, Travassos, 1 953 4 (1): 19 cit.

Cichla, Fowler, 1 954 9 (4): 289 cit. sin. tip.

Cichla facetus (Jenyns, 1 842) Fowler, 1 954

Chromis facetus Jenyns, 1 824 4: 104 desc.

Heros facetus Günther, 1 862 4: 290 desc.

Heros facetus, Steindachner, 1 870 60 (1): 290 desc. fig.

Acara faceta Steindachner, 1 874 70 (1): 506 desc.

Astronotus facetus Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 68 desc.

Astronotus facetus, Eigenmann, 1 894 7: 637 cit.

Cichlasoma facetum Pellegrin, 1 903 16: 217 desc.

Cichlasoma facetum, Eigenmann, 1 910 3 (4): 473 cit.

Cichlasoma facetum, Haseman, 1 911 7 (3-4): 340 desc. fig.

Cichlasoma facetum, Ribeiro, 1 915 17: 464 desc.

Cichlasoma facetum, Innes, 1 935: 387 cit. fig.

Cichlasoma facetum, Stoye, 1 935: 205 cit. fig.

Cichlasoma facetum Regan, 1 905 (7) 16: 69 desc.

Cichlaurus facetus Fowler, 1 954 9 (4): 292 cit. sin. dist. geog. fig.

Cichlaurus facetus, Ribeiro, 1 970

Chromys oblonga Castelnau, 1 855 2: 14 desc.

Heros oblongus Günther, 1 862 4: 299 desc.

Heros oblongus, Pellegrin, 1 903 16: 236 desc.

Astronotus oblongus Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 69 desc.

Cichlosoma oblongum Regan, 1 905 (7) 16: 72 desc.

Cichlasoma oblongum Eigenmann, 1 910 3 (4): 473 desc.

Heros autochthon Günther, 1 862 4: 299 desc.

Heros autochthon, Cope, 1 878 17: 695 desc.

Heros autochthon, Pellegrin, 1 903 7: 235 desc.

Acara autochthon Steindachner, 1 874 70 (1): 538 desc. fig.

Acara (Heros) autochthon Steindachner, 1 874 70 (1): 522 desc.

Astronotus autochthon Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 69 desc.

Cichlosoma autochthon Regan, 1 905 (7) 16: 71 desc.

Cichlosoma autochthon Eigenmann, 1 910 3 (4): 473 desc.

Cichlaurus autochthon Fowler, 1 944 (8) (30-31): 266 cit.

Heros jenynsii Steindachner, 1 870 60 (1): 292 desc. fig.

Heros acaroides Hensel, 1 870 36: 54 desc.

Astronotus acaroides Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 69 desc.

Distribuição geográfica: Amazônia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Guanabara, sudeste do Brasil, Rio Grande do Sul.

Nome vulgar: acarã, chanchito.

Gênero Crenicichla Heckel, 1 840

Tipo: Crenicichla vittata Heckel, 1 840 (designado por Eigenmann, 1 910)

Crenicichla Heckel, 1 840 2: 416 diagn.

/116 Pinto, S. Y. - Peixes de água doce do estado da Guanabara.

Crenicichla, Ribeiro, 1 915 17: 406 diagn.

Crenicichla, Fowler, 1 954 9 (4): 298 cit. sin. tip.

Crenicichla lacustris (Castelnau, 1 855) Günther, 1 862

Cychla lacustris Castelnau, 1 855 2: 19 desc. fig.

Crenicichla lacustris Günther, 1 862 4: 308 desc.

Crenicichla lacustris, Steindachner, 1 874 70 (1): 516 desc.

Crenicichla lacustris, Eigenmann & Eigenmann, 1 871 14: 70 desc.

Crenicichla lacustris, Cope, 1 894 33: 102 desc.

Crenicichla lacustris, Pellegrin, 1 904 16: 379 desc.

Crenicichla lacustris, Regan, 1 905 1: 162 desc.

Crenicichla lacustris, Ihering, 1 907 7: 302 desc. fig.

Crenicichla lacustris, Eigenmann, 1 910 3 (4): 477 cit.

Crenicichla lacustris, Haseman, 1 911 7 (3-4): 351 cit.

Crenicichla lacustris, Ribeiro, 1 915 17: 414 desc.

Crenicichla lacustris, Fowler, 1 954 9 (4): 301 cit. sin. dist. geog. fig.

Crenicichla lacustris, Ribeiro, 1 970

Crenicichla polysticta Hensel, 1 870 1: 58 desc.

Crenicichla polysticta, Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 70 cit.

Crenicichla punctata Hensel, 1 870 1: 57 desc.

Crenicichla punctata, Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 70 cit.

Distribuição geográfica: Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo, Rio Grande do Sul.

Nome vulgar: joaninha, mixorne.

Regan assinala esta espécie para o estado da Guanabara; Pellegrin e Fowler estão de acordo com a sinonímia das duas espécies de Hensel. Talvez nos arredores do estado da Guanabara ocorra, também, a espécie Crenicichla dorsocellata Haseman, 1 911.

Gênero Geophagus Heckel, 1 840

Tipo: Geophagus acutifrons Heckel, 1 840 (designado por Eigenmann & Bray, 1 894)

Geophagus Heckel, 1 840 2: 383 diagn.

Satanoperca Günther, 1 862 4: 315 diagn.

Biotodoma Eigenmann & Kennedy, 1 903: 533 diagn.

Geophagus, Pellegrin, 1 904: 152 diagn. ch.

Geophagus, Ribeiro, 1 915 17: 440 diagn.

Geophagus, Fowler, 1 954 9 (4): 309 cit. sin. tip.

Geophagus brasiliensis (Quoy & Gaimard, 1 824) Kner, 1 869

Chromys brasiliensis Quoy & Gaimard, 1 824 2: 286 desc.

Acara brasiliensis Günther, 1 862 4: 278 desc.

Geophagus brasiliensis Kner, 1 869 (2): 266 desc. fig.

Geophagus brasiliensis, Hensel, 1 870 (1): 59 desc.

Geophagus brasiliensis, Steindachner, 1 874 70 (1): 511 desc. fig.

Geophagus brasiliensis, Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 71 desc.

Geophagus brasiliensis, Cope, 1 894 33: 106 cit.

Geophagus brasiliensis, Eigenmann & Bray, 1 894 7: 623 desc.

Geophagus brasiliensis, Eigenmann, 1 894 7: 637 desc.

Geophagus brasiliensis, Pellegrin, 1 903 16: 192 desc.

Geophagus brasiliensis, Regan, 1 906 (7) 17: 57 desc.

Geophagus brasiliensis, Ihering, 1 907 7: 38 desc. fig.

Geophagus brasiliensis, Steindachner, 1 907 116 (1): 492 cit.

Geophagus brasiliensis, Eigenmann, 1 910 3 (4): 479 cit.

Geophagus brasiliensis, Haseman, 1 911 11 (3-4): 363 desc.

Geophagus brasiliensis, Ribeiro, 1 915 17: 446 desc. fig.

Geophagus brasiliensis, Stoye, 1 935: 220 cit. fig.

Geophagus brasiliensis, Innes, 1 949: 413 cit. fig.

Geophagus brasiliensis, Fowler, 1 954 9 (4): 310 cit. sin. dist. geog. fig.

Geophagus brasiliensis, Travassos & Pinto, 1 957 (169): 9 cit. sin. desc. fig.

Geophagus brasiliensis, Travassos & Pinto, 1 958 (175): 1 cit. fig.

Geophagus brasiliensis var. iporangensis Haseman, 1 911 7 (3-4): 364 desc. fig.

Geophagus brasiliensis var. itapicuruensis Haseman, 1 911 7 (3-4): 365 desc. fig.

Chromys unipunctata Castelnau, 1 855 2: 13 desc. fig.

Chromys unimaculata Castelnau, 1 855 2: 13 desc. fig.

Chromys obscura Castelnau, 1 855 2: 14 desc. fig.

Acara gymnopoma Günther, 1 862 4: 278 desc.

Geophagus rhabdotus Hensel, 1 870: 60 desc.

Geophagus bucephalus Hensel, 1 870: 63 desc.

Geophagus labiatus Hensel, 1 870: 64 desc.

Geophagus scymnophilus Hensel, 1 870: 65 desc.

Geophagus pygmaeus Hensel, 1 870: 68 desc.

Chromys gibbiceps Valenciennes in Pellegrin, 1 903 16: 193 desc.

Distribuição geográfica: Ceará, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul.

Nome vulgar: acarã, papa-terra, acarã-ferreira, acarã-topete.

Pellegrin considera C. obscura boa espécie, enquanto que Fowler coloca-a na sinonímia.

Gênero Tilapia Smith, 1 849

Tipo: Tilapia nilotica (Cuvier, 1 844) Boulenger, 1 898

Tilapia Smith, 1 849 diagn.

Tilapia, Pellegrin, 1 904: 271 diagn. ch.

Tilapia melanopleura Duméril, 1 859

Tilapia melanopleura Duméril, 1 859 10: 252 desc. fig.

Tilapia melanopleura, Boulenger, 1 899: 129 desc.

Tilapia melanopleura, Pellegrin, 1 904: 293 desc. sin.

Tilapia melanopleura, Azeredo, 1 955 (167): 27 cit.

Tilapia affinis Duméril, 1 859 10: 255 desc.

Tilapia affinis, Boulenger, 1 899: 127 desc.

Tilapia affinis, Pellegrin, 1 900: 277 desc.

Tilapia polycentra Duméril, 1 859 10: 254 desc.

Tilapia polycentra, Boulenger, 1 899: 128 desc.

Chromis melanopleura Günther, 1 862 (4): 272 desc.

Chromis polycentra Günther, 1 862 (4): 270 desc.

Chromis latus Günther, 1862 (4): 271 desc.

Chromis latus, Steindachner, 1864 (14): 227 desc. fig.

Chromis aureus Steindachner, 1864 (14): 229 desc. fig.

Chromis niloticus (part) Steindachner, 1870 (60): 96 desc.

Chromis caeruleomaculatus Rochebrune, 1880 (7) (4): 166 desc. fig.

Chromis faidherbi Rochebrune, 1880 (7) (4): 134 desc. fig.

Chromis affinis Rochebrune, 1883 (4) (6): 131 desc.

Chromis agowensis Günther, 1896 (6) (17): 271 desc.

Chromis agowensis, Günther, 1899: 717 cit.

Chromis rendalli Boulenger, 1896: 915 desc. fig.

Tilapia rendalli Boulenger, 1898 15: 4 desc.

Tilapia rendalli, Boulenger, 1899: 126 cit.

Tilapia lata Boulenger, 1899: 125 desc.

Tilapia lata, Boulenger, 1901: 466 cit.

Tilapia sexfasciata Pellegrin, 1900: 276 desc.

Chromis discolor Günther, 1902: 332 desc.

Esta espécie foi introduzida nas coleções de água do estado da Guanabara, indiretamente, por fornecimento de espécimes através da antiga Divisão de Caça e Pesca do Ministério da Agricultura.

Nome vulgar: tilapia, tilapa, acarã.

Subordem GOBIOIDEI

Família Eleotridae

Gênero Dormitator Gill, 1862

Tipo: Sciaena maculata Bloch, 1792 = Dormitator maculatus

(Bloch, 1792) Eigenmann & Eigenmann, 1888

Dormitator Gill, 1862: 240 diagn.

Dormitator, Ribeiro, 1915 17: 522 diagn.

Dormitator, Fowler, 1954 9: 319 cit. sin. tip.

/120 Pinto, S. Y. - Peixes de água doce do estado da Guanabara.

Dormitator maculatus (Bloch, 1 792) Eigenmann & Eigenmann, 1 888

Sciaena maculata Bloch, 1 792 6: 244 desc. fig.

Dormitator maculatus Eigenmann & Eigenmann, 1 888 (2) 1: 52 desc.

Dormitator maculatus, Eigenmann, 1 894 7: 632 cit.

Dormitator maculatus, Steindachner, 1 910: 421 desc.

Dormitator maculatus, Starks, 1 913: 64 desc.

Dormitator maculatus, Ribeiro, 1 915 17: 522 desc. dist. geog.

Dormitator maculatus, Fowler, 1 941: 199 desc.

Dormitator maculatus, Fowler, 1 941 3 (6): 175 desc.

Dormitator maculatus, Fowler, 1 954 9: 319 cit. sin. fig. dist. geog.

Distribuição geográfica: Do Parã a São Paulo.

Nome vulgar: barrigudo.

Gênero Eleotris Bloch & Schneider, 1 801

Tipo: Gobius pisonis Gmelin, 1 789 = Eleotris gyrinus Valenciennes,

1 837

Eleotris Bloch & Schneider, 1 801: 61 diagn.

Eleotris, Ribeiro, 1 915 17: 523 diagn.

Eleotris, Fowler, 1 954 9: 320 cit. sin. tip.

Eleotris pisonis (Gmelin, 1 789) Bloch & Schneider, 1 801

Gobius pisonis Gmelin, 1 789 (1): 1 206 desc.

Eleotris pisonis Bloch & Schneider, 1 801: 61 desc.

Eleotris pisonis, Eigenmann & Eigenmann, 1 888 (2) 1: 55 desc.

Eleotris pisonis, Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 71 cit.

Eleotris pisonis, Eigenmann, 1 894 7: 631 cit.

Eleotris pisonis, Eigenmann, 1 910 3 (4): 782 cit.

Eleotris pisonis, Ribeiro, 1 915 17: 523 desc. dist. geog.

Eleotris pisonis, Ribeiro, 1 918 10: 782 cit.

Eleotris pisonis, Fowler, 1 941: 199 cit.

Eleotris pisonis, Fowler, 1 941 3 (6): 175 desc.

Eleotris pisonis, Fowler, 1 954 9: 321 sin. fig. dist. geog.

Distribuição geográfica: do Pará a São Paulo.

Nome vulgar: peixe-macaco.

Gênero Guavina Bleeker, 1 874

Tipo: Eleotris guavina Valenciennes, 1 837 = Guavina guavina

Eigenmann & Fordice, 1 885

Guavina Bleeker, 1 874 9: 302 diagn.

Guavina, Ribeiro, 1 915 17: 525 diagn.

Guavina, Fowler, 1 954 9: 321 sin. tip.

Guavina guavina (Valenciennes, 1 837) Eigenmann & Fordice, 1 885

Eleotris guavina Valenciennes in Cuvier & Valenciennes, 1 837 12: 223 desc.

Guavina guavina Eigenmann & Fordice, 1 885: 73 desc.

Guavina guavina, Eigenmann & Eigenmann, 1 888 (2) 1: 54 cit.

Guavina guavina, Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 71 cit.

Guavina guavina, Eigenmann, 1 910 3 (4): 480 cit.

Guavina guavina, Ribeiro, 1 915 17: 529 desc. fig. dist. geog.

Guavina guavina, Ribeiro, 1 918 10: 782 cit.

Guavina guavina, Fowler, 1 941 3 (6): 176 cit.

Guavina guavina, Fowler, 1 954 9 : 321 sin. dist. geog.

Eleotris (Guavina) guavina Steindachner, 1 910 24: 422 desc.

Distribuição geográfica: Ceará, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Guanabara,

São Paulo, Paranã, Rio Grande do Sul, Goiás.

Nome vulgar: amburê, morêia-do-mangue.

Família Gobiidae

Gênero Chonophorus Poey, 1 861

Tipo: Gobius tajasica Lichtenstein, 1 822

Chonophorus Poey, 1 861 2: 274 diagn.

/122 Pinto, S. Y. - Peixes de água doce do estado da Guanabara.

Chonophorus, Ribeiro, 1 915 : 529 diagn.

Chonophorus, Fowler, 1 954 9: 322 cit. sin. tip.

Chonophorus taiasica (Lichtenstein, 1 822) Eigenmann & Eigenmann,

1 888

Gobius taiasica Lichtenstein, 1 822: 273 desc.

Chonophorus taiasica Eigenmann & Eigenmann, 1 888 (2) 1: 68 desc.

Chonophorus taiasica, Eigenmann, 1 894 7: 68 cit.

Chonophorus tajasica Ribeiro, 1 902:

Chonophorus tajasica, Ribeiro, 1 915 17: 529 desc. fig.

Chonophorus tajasica, Ribeiro, 1 918 10: 782 cit.

Chonophorus taiasica, Fowler, 1 954 9: 322 cit. sin. dist. geog.

Rhinogobius taiasica Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 72 desc.

Awaous tajasica Steindachner, 1 910 24: 423 desc.

Awaous tajsica (error), Steindachner, 1 910 24: 424 cit. fig.

Awaous taiasica Starks, 1 913: 66 desc.

Awaous taiasica, Fowler, 1 941: 199 cit.

Awaous taiacica Fowler, 1 941 3 (6): 176 desc.

Distribuição geográfica: Ceará, Bahia, Espírito Santo, Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro, Guanabara, Minas Gerais, São Paulo.

Nome vulgar: amorê-guaçu, peixe-flor, florete.

Gênero Gobionellus Girard, 1 858

Tipo: Gobionellus hastatus Girard, 1 858

Gobionellus Girard, 1 858: 168 diagn.

Gobionellus, Fowler, 1 954 9: 323 cit.

Gobionellus oceanicus (Pallas, 1 770) Fowler, 1 941

Gobius oceanicus Pallas, 1 770 (8): 4 desc.

Gobius oceanicus, Eigenmann & Eigenmann, 1 888 (2) 1: 65 desc.

Gobius oceanicus, Ribeiro, 1 915 17: 536 desc. dist. geog.

Gobius oceanicus, Ribeiro, 1 918 10: 782 cit.

Gobius oceanicus, Fowler, 1 936 70 (2): 1 010 desc.

Gobionellus oceanicus Fowler, 1 941: 199 cit.

Gobionellus oceanicus, Fowler, 1 954 9: 323 cit. sin. dist. geog.

Distribuição geográfica: Ceará, Pernambuco, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo.

Gobionellus smaragdus (Valenciennes, 1 837) Fowler, 1 954

Gobius smaragdus Valenciennes in Cuvier & Valenciennes, 1 837 12: 120 desc.

Gobius smaragdus, Eigenmann & Eigenmann, 1 888 (2) 1: 64 desc.

Gobius smaragdus, Ribeiro, 1 915 17: 534 desc. dist. geog.

Gobius smaragdus, Fowler, 1 941 3 (6): 176 desc.

Gobionellus smaragdus Fowler, 1 954 9 : 323 cit. sin. dist. geog.

Distribuição geográfica: Rio de Janeiro, Guanabara.

Gênero Gobius Linnaeus, 1 758

Tipo: Gobius niger Linnaeus, 1 758

Gobius Linnaeus, 1 758 (10a. ed.): 262 diagn.

Gobius, Ribeiro, 1 915 17: 531 diagn. ch.

Gobius, Fowler, 1 954 9: 323 cit. sin. tip.

Gobius soporator Valenciennes, 1 837

Gobius soporator Valenciennes in Cuvier & Valenciennes, 1 837 12: 56 desc.

Gobius soporator, Eigenmann & Eigenmann, 1 888 (2) 1: 58 desc.

Gobius soporator, Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 72 cit.

Gobius soporator, Eigenmann, 1 894 7: 632 cit.

Gobius soporator, Ribeiro, 1 915 17: 531 desc. dist. geog.

Gobius soporator, Ribeiro, 1 918 10: 782 cit.

Gobius soporator, Fowler, 1 941 3 (6): 176 desc.

/124 Pinto, S. Y. - Peixes de água doce do estado da Guanabara.

Gobius soporator, Fowler, 1 954 9: 323-324 cit. sin. dist. geog.

Distribuição geográfica: Parã, Pernambuco, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo.

Nome vulgar: babosa, amorêia, maria-da-toca.

Família Gobioididae

Gênero Gobioides Lacépède, 1 800

Tipo: Gobioides broussonnetii Lacépède, 1 800

Gobioides Lacépède, 1 800 2: 576 diagn.

Plecopodus Rafinesque, 1 815: 87 cit.

Ognichodes Swainson, 1 839 2: 183 cit.

Gobioides, Ribeiro, 1 915 17: 539 diagn.

Gobioides, Fowler, 1 954 9: 324 cit. sin. tip.

Gobioides broussonnetii Lacépède, 1 800

Gobioides broussonnetii Lacépède, 1 800 2: 576 desc. fig.

Gobioides broussonnetii, Valenciennes, 1 839 fig.

Gobioides broussonnetii, Eigenmann, 1 910 3 (4): 482 cit.

Gobioides broussonnetii, Fowler, 1 947 (197): 1 cit. fig.

Gobioides broussoneti (error), Eigenmann & Eigenmann, 1 888 (2) 1: 75 cit.

Gobioides broussoneti (error), Eigenmann & Eigenmann, 1 891 14: 72 cit.

Gobioides broussoneti (error), Ribeiro, 1 915 17: 559 desc. tip. fig.

Amblyopus (Gobioides) broussonetii (error) Steindachner, 1 880 42 (1): 95 desc. fig.

Amblyopus broussonettii (error) Goeldi, 1 898 2: 472 cit.

Distribuição geográfica: Amazonas, Parã, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo.

Nome vulgar: amorê.

Finalizando, acreditamos ser de utilidade deixar aqui ' expressas algumas observações, tais como -

I - A ictiofauna dulciaquícola do estado da Guanabara, ainda deficientemente conhecida sob o aspecto científico, dá ao presente trabalho características de pioneirismo no recenseamento das espécies ocorrentes no sistema hidrográfico guanabarinu;

II - as águas interiores da Guanabara, devido ao grande progresso industrial e ao aumento populacional, vem dia a dia se tornando mais poluídas, fato que exige dentro do mais breve possível de imediato um estudo ' sério e tomada de medidas que visem preservar vivas aquelas espécies que ainda as habitam, assim como o padrão de qualidade dessas águas;

III - no que tange à fauna ictiológica, os ambientes ecológicos naturais, além da constante poluição de suas águas, estão sendo perturbadas pela introdução, na maioria das vezes descomedida de espécies alienígenas, quer nacionais ou estrangeiras, fator primordial na contribuição para o rompimento do equilíbrio natural do ambiente;

IV - o presente trabalho, cujo caráter de primeira tentativa específica global sobre os peixes que ocorrem na área geográfica da Guanabara, complementar-se-á com o estudo abrangente das regiões vizinhas, o que se faz necessário, a fim de que se possa ter uma idéia e tentar reconstituir toda a fauna ictiológica primitiva da região; o que, certamente, poderia ajudar para um mais profundo conhecimento geopaleontológico;

V - Certos estamos de que tal empreendimento, ainda que pioneiro, contribuirá para um melhor conhecimento do meio que nos cerca, em especial os peixes, que, pelo menos, como alimento ocupam um lugar de real importância na economia moderna, como rica fonte de proteína animal, tão carente o mundo de hoje, haja vista o crescente desequilíbrio na relação aumento populacional / produção alimentar.

A QUETOTAXIA DO CAMPO GENITAL E A TAXINOMIA EM PSEUDOSCORPIÕES

(com 18 figuras)

JOSÉ LACERDA DE ARAUJO FEIO

Museu Nacional-Rio de Janeiro,GB

Os Pseudoscorpiones foram estudados por vários autores havendo diferença quanto à organização de sua Sistemática. Variam as denominações e os valores taxinômicos, todavia correspondências podem ser estabelecidas.

A história de sua Sistemática começa com Linnaeus, 1758 e logo a seguir com Geoffrey, 1762. Ainda não há um "sistema". Espécies e gêneros esparsos vão sendo descritos: Illiger, 1798; Hormann 1804 (primeiro a dividir a ordem em 2 grupos); Leach, 1815; Latreille, 1806/9; C.L. Koch, 1835 - 1850; Menge, 1855; Hagen, 1871; L.Koch, 1873; Thorell, 1883, (que propõe um sistema); Simon, 1879 (que ao rever os Pseudoscorpiones de França estabelece também um sistema); Daday, 1880; Balzan, 1891 (onde estabelecem as bases de um dos Sistemas existentes atualmente), Hansen, 1804 (estabelece novo sistema); With, 1906 (também autor de um sistema introduzindo de correção valiosas) e para não alongar essa introdução passamos aos dois últimos sistemas: um proposto por J.C. Chamberlin (1929/30) e o usado por Max Beier (1931/32). Adotaremos o Sistema proposto por Beier, onde a ordem se divide em três subordens segundo a constância de segmentos tarsais em todas as pernas ou variando, bem como o número de olhos.

Nas subordens Chthoniinea, Neobisiinea e Chiliferinea os gêneros e espécies são caracterizados por número de pelos especiais (cerdas) ou tricobotrias das quelas, pelas serrulas, pelo flagelo, número de cerdas das quelíceras dos ter

gitos, borda do cefalotórax, cerda tarsal, etc, etc. Muitos desses caracteres exigem verdadeiras manobras a fim de se tornarem visíveis, indiscutíveis e não falseados pela técnica de preparo do material para ser examinado ao microscópio. Acresça-se que a essa técnica se junta, sobretudo, como caráter específico, o da relação de medidas, onde o esfacelamento do exemplar deve ocorrer para obtenção de "medidas sem erro (?)".

Assim, como contribuição ao estudo da Sistemática dos Pseudoscorpiones, começamos a observar e analisar o valor taxinômico da quetotaxia do campo genital. Nossa meta inicial é que constitui caráter do valor específico ou mesmo genérico mas com maior número de observações acreditamos que seja possível, em escala, ser generalizado.

MATERIAL E MÉTODO

A coleção de Pseudoscorpiones do Museu Nacional vem sendo por nós estudada desde 1941, desse estudo resultando a publicação de vários trabalhos. Contém material de muitas partes da América do Sul e algum da Europa.

A determinação taxinômica nesse caso era o escape principal e se fazia através da técnica clássica de clareamento, diafanização e observação e análise microscópica. Estabelecida a denominação taxinômica, conforme o caso era o exemplar desenhado em câmara-clara. Depois passamos a estabelecer como rotina o desenho também em câmara-clara da quetotaxia do campo genital e verificar a constância de implantação e distribuição das cerdas dessa região para cada espécie.

A fim de esclarecer o quanto possível o assunto vamos descrever genericamente o campo genital para podermos a ele nos referir em termos já fixados.

MORFOLOGIA E DEFINIÇÃO

O elemento determinante do campo genital é a abertura ou sulco genital que tanto no macho quanto na fêmea corresponde ao segundo segmento abdominal ou na borda posterior do segundo, isto é, entre o 2º e o 3º esternitos. A fenda ou abertura genital pode apresentar-se com diferentes curvaturas mas geralmente é procurva. A área anterior ao sulco é com frequência chamada de opérculo genital

anterior, e a posterior de opérculo genital posterior.

Tal morfologia refere-se unicamente à superfície de corpo animal. Não entraremos em detalhes quanto às estruturas internas, mais comumente citados como armadura genital (que inquestionavelmente tem o mesmo valor taxinômico que nos araneídeos, nos insetos, etc).

NOMENCLATURA

Vamos sugerir aqui, uma nomenclatura (Fig.1) que de alguma forma facilite a indicação de características diferenciais. Assim o sulco genital (S.G.) servirá de travessão, e a área anterior até as ancas IV - AGA - área genital anterior. O mesmo com relação a área posterior ao sulco até a borda do III esternito AGP - área genital posterior.

Os exemplos acima tomados (Figs. 2,3,4,5,6,7,8 e 9) servem apenas para indicar a maneira de representação das cerdas da AGA e sua distribuição. O número dentro de uma circunferência é a indicação, de um grupo ou tufo condensado de cerdas; como 2+2 indicaria de cada lado da linha mediana uma fileira de 2 cerdas' ou ainda a forma de citação numérica, 8 -oito cerdas na mesma linha.

A aplicação desse sistema constituirá base tabular inicialmente para gêneros e mais adiante provavelmente para espécies.

Naturalmente é nossa intenção fazer representar também as microlirifissuras que ora aparecem isoladas e outras vezes grupadas como formando uma placa' e que constituem excelente caracter taxinômico.

Os tipos de distribuição das cerdas da área genital obedecem, naturalmente, a tipos de organização o que até certo ponto coincide com os tipos de armadura genital, conforme esquema de Vachon, não havendo todavia, correspondência perfeita com a organização taxinômica.

TIPOS DE QUETOTAXIA

I - Tipo Chthoniinea, incluindo os representantes da subfamília Dithinae e Chthoniinae, levando em conta, também a variação da fenda genital, que pode ser triangular ou oval muito alongada e longitudinal.

1 - Dithinae - Geralmente obedecendo ao tipo clássico com fenda genital transversal (Fig. 7).

2 - Chthniinae - É um dos tipos mais característicos pela fenda oval muito alongada ou triangular isósceles com a base para o lado das ancas (Fig. 8).

II - Tipo Neebisiinea - não levamos em conta o grupo africano dos Feallides, de que não dispomos de exemplares.

Com dois subtipos:

1 - Neobisiides - geralmente com as cerdas distribuídas regularmente nos dois bordos e sempre muito próximas e cerca de 10. (Figs. 9 e 10).

2 - Garypides - as cerdas são poucas e esparsas, mas aparece um caráter novo - a presença de placa ou placas microperfuradas. (Fig. 11 e 12).

III - Tipo Cheliferinea - é o tipo mais complexo e é frequente a presença de placas ou microplacas reunidas, com microperfurações.

1 - Cheiridiides - com a presença de placa com microperfurações (Fig. 13).

2 - Atemnidae - em geral com a presença de várias microplacas em reentrância na borda do II esternito (Fig. 14).

3 - Chernetidae

forma A - cerdas de AGA sempre mais condensadas, chegando mesmo a constituir tufo, o que indica representação circunscrita.

forma B - ora se constituindo em cortina com ou sem ocupação da linha mediana. Geralmente com a presença de outros caracteres como placas microperfuradas, condensação de quitina no ponto onde se aglomeram as cerdas.

4 - Cheliferidae - com grupo de cerdas como na forma A de subtipo Chernitidae, porém esparsas, mas geralmente também com uma ou mais placas características nos esternitos médios, poderia ser criado um subtipo correspondente aos Withiinae (Fig. 17), mas não temos ainda dados

suficientes e uma segunda forma com cerdas como que formando um quadrilátero entre as ancas e as bordas do II e III esternitos com fileira de cerdas (Fig. 18).

* * *

O ensaio agora apresentado é evidentemente experimental e algumas modificações poderão advir.

O método da quetotaxia evitando o esfacelamento do exemplar para medi- das além de oferecer a vantagem da integridade do espécime foge ao método clás- sico, demorado pelo preparo do exemplar até a diafanização, quando se tornando lento e fastidioso deixa de funcionar por limitações inerentes as limitações hu- mans.

Estamos preparando um catálogo com a representação de quetotaxia do campo genital das espécies integrantes das diversas famílias.

R E S U M O

O autor apresenta um ensaio de utilização da quetotaxia do campogeni- tal em taxinomia. Estabelece uma nomenclatura para o campo genital e cria tipos e subtipos referentes às subordens sistemáticas. O método proposto evita a frag- mentação do espécime em estudo e as demoras, de preparo até diafanização, do méto- do clássico.

S U M M A R Y

The author presents an essay of chaetotaxy utilization of the genital area in the taxonomy. A nomenclature is established for the genital area and types and subtypes with reference to the Systematic suborders are created.

The proposed method avoids the fragmentation of the specimen beeing studied and the delay in preparation of the material until the diaphanization as used in the classic method.

BIBLIOGRAFIA

BALZAN, L.

1887/8 - Chernetidae nonnullae Sud- Americanae Asuncion Parts 1,2 e 3

1891 - Voyage de M.E. Simon au Venezuela: Chernetes (Pseudoscorpiones).
An. Soc. Ent. France 60: 497 - 552.

BEIER, M.

1931/2 - Das Tierreich. Lief. 57,58 - Pseudoscorpionidea I.II

CHAMBERLIN, J.C.

1929/30- The Arachnid Order Chelonethida. Stanford University Press: 284.

DADAY, E.

1880 - Az alszkorpiok verkeringesi szerverol. Term. Fuz. Kjadja a Magyar
rem. Mus. 4.

FEIO, J.L.A.

1941 - Sobre um curioso pseudoscorpiao Geogarypus (Geogarypus)
itapemirimensis sp. n. Pap. Av. Depto. Zoologia, São Paulo 1:
241 - 244

1942 - Sobre o apresamento e sucção em algumas espécies de Pachyolpium
e Lustrochernes (Pseudoscorpiones) - Bol. Mus. Nac. (n.s.) (Zoolo-
gia) (3): 113 - 120 8 fig.

1944 - Victorwithius monoplacophorus n. gen. n. sp. da subfamília Wi-
thiinae Chamb., 1939 - Bol. Mus. Nac. (n.s.) (Zoologia) (28) :
1 - 7, 11 fig.

1945 - Novos pseudoscorpiones da Região Neotropical (com a descrição de
uma subfamília, dois gêneros e sete espécies) Bol. Mus.Nac.(n.'
s.) (Zoologia) (44): 1 - 47, 32 figs.

1946 - Sobre o gênero Pycnochernes Beier, 1932 com a descrição de P.
guarany sp. n. do Paraguay - livro de homenagem R. F.d'Almeida:
167 - 176, 8 figs.

1950 - Informe fornecido a C.Hoff sobre pseudoscorpiones - Arthropoda
12: 4.

- 1959 - Consideraciones sobre Chernetidae com la descripcion de Max - chernes birabeni genero y specie nuevos (Arachnida, Pseudoscorpiones) - Neotropica 5 (18): 71-82, 1 est.
- 1960 - Contribuição ao inventário critico da Zoologia no Brasil -1500 -1960 - Pseudoscorpiones. An. I Congresso Bras. Zool.- Rio de Janeiro.
- GEOFFROY, M.
1762 - História abregé des insects
- HAGEN, H.
1871 - Synopsis Pseudoscorpionidum Synonymica - Proc. Boston Soc. Nat. Hist. 13: 263 - 72.
- HANSEN, H.J.
1884 - Chernetidae in Zool Danica 4: 101 - 17
- HERMANN, J.F.
1804 - Memoire Apteroologique. Strasburg.
- ILLIGER, J.K.W.
1798 - In Kugèlann - Verz der Kafer. Preussen.
- KOCH, C.L.
1835/50 - The Arachniden 10: 37-80, 1843.
- KOCH, L.
1873 - Uebersichtliche Darstellung der europaischen Chernetiden (Pseudoscorpione): 1 - 68.
- LATREILLE, P. A.
1806/9 - Genera Crustacearum et insectorum...
- LEACH, W.L.
1815 - A Tabular View of the Externae Characters of Four Classes of Animals...
- LINNAEUS, C.
1758 - Systema Naturae regnum animale. Ed. 10
- MENGE, A.
1855 - Ueber die Scheerenspinnen. Nev. Schr. der Naturforsch Gesells-

chaft, Danzig 5 (2): 1- 43.

SIMON, E.

1879 - Les Arachnides de France, Chernetes 7: 1- 78.

THORELL, T.

1883 - Descrizione di alcuni Aracnidi inferiori dell'Arcipelago Malese. An. Mus. Civ. Genova 18: 21 - 69

VACHON, M.

1938 - La Reproduction et le developpement des Pseudoscorpions. An. Sc. Nat. Zool. (11) Masson ed.: 207

WITH, C.J.

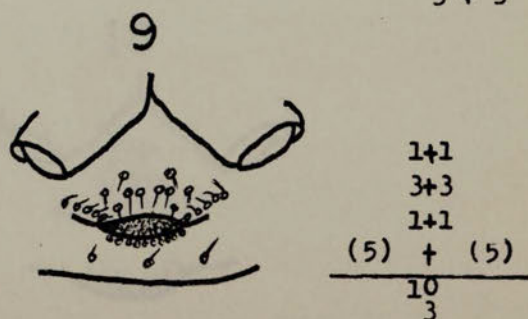
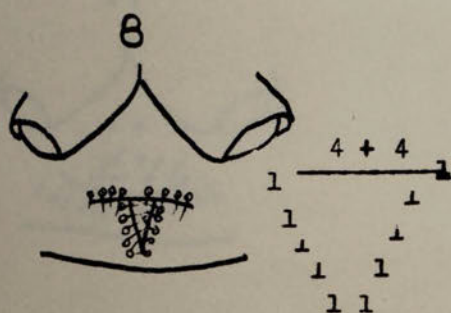
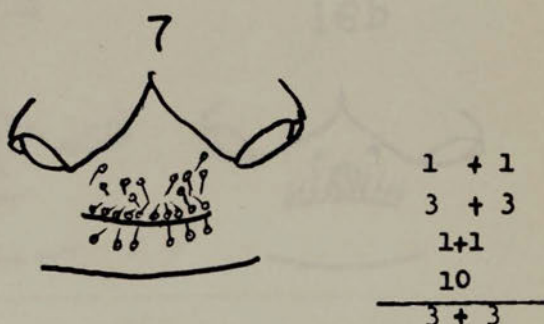
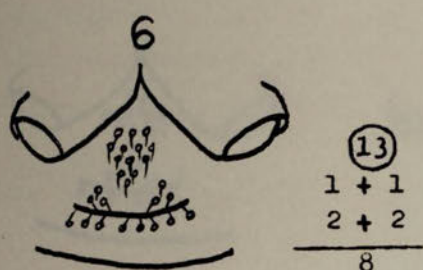
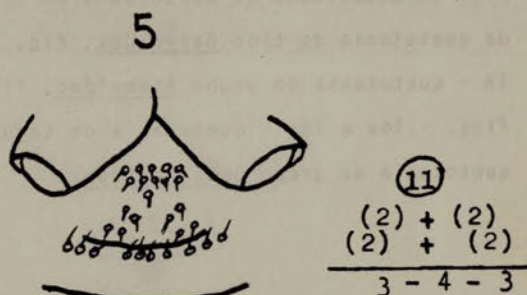
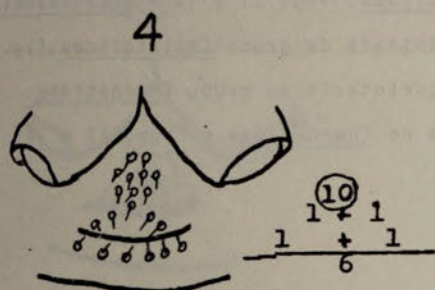
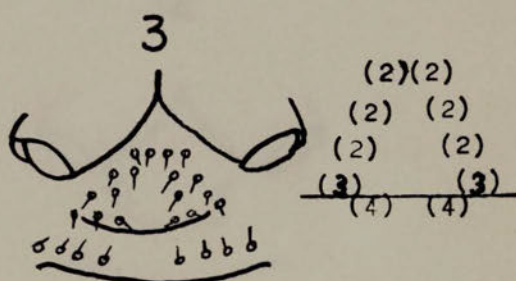
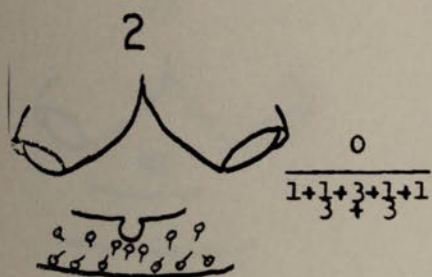
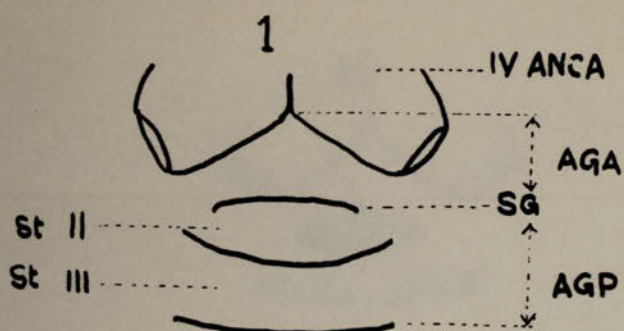
1906 - Chelonethi. An Account of the Indian False Scorpion Together with Studies on the Anatomy and Classification of the Order Kige. Danske. Vidensk. Scl. Skr. (7) 3: 1 - 214.

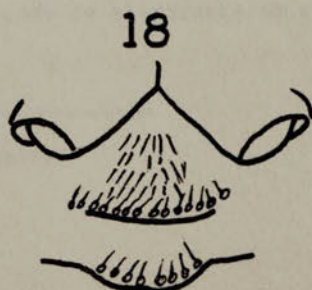
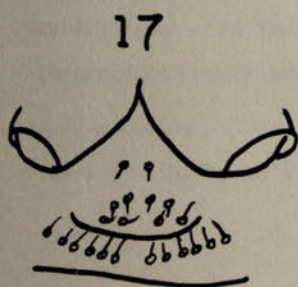
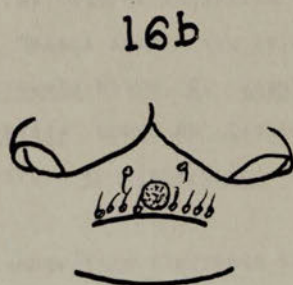
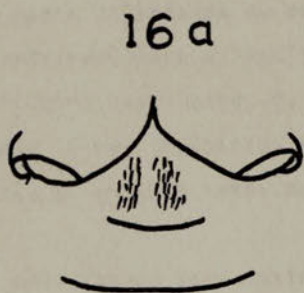
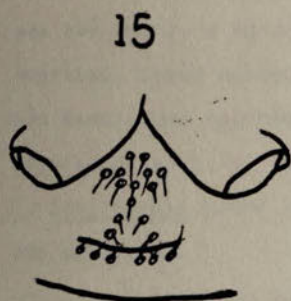
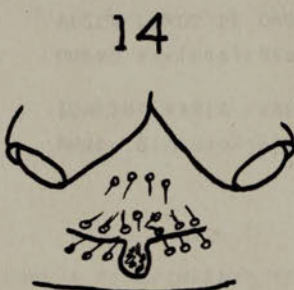
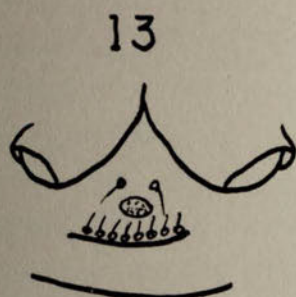
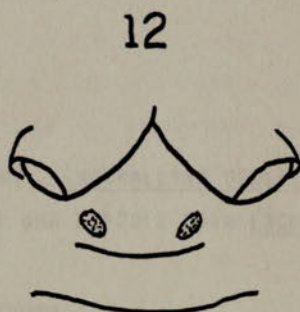
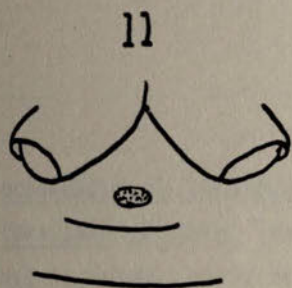
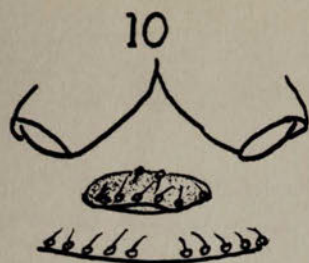
WEYGOLDT, P.

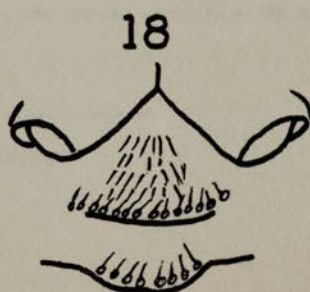
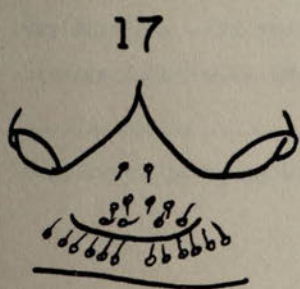
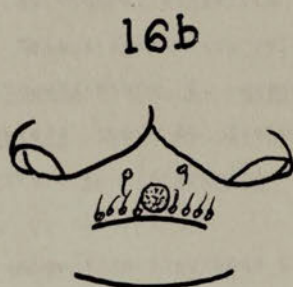
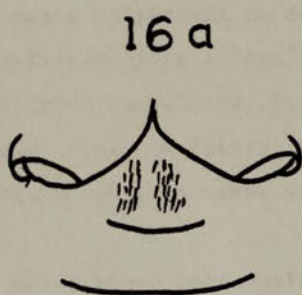
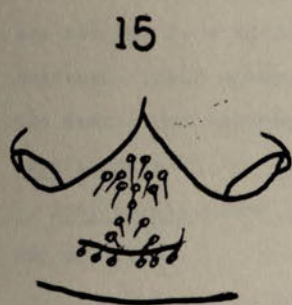
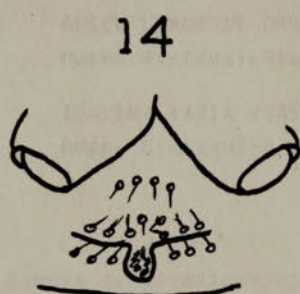
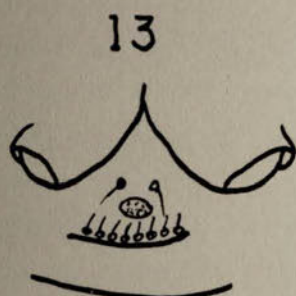
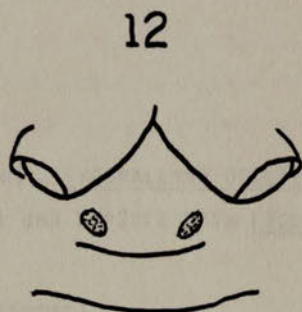
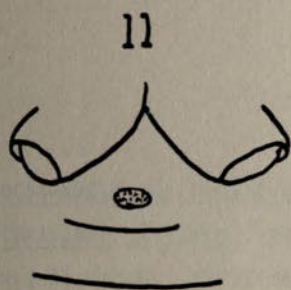
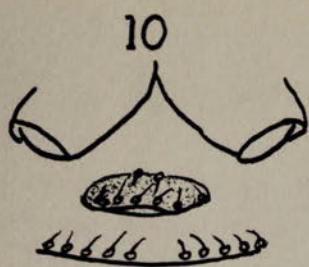
1969 - The Biology of Pseudoscorpions. Harvard Univ. Press: 145

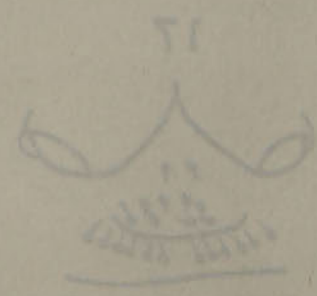
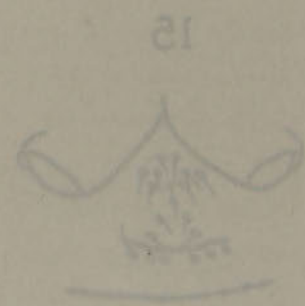
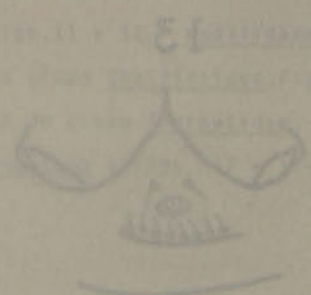
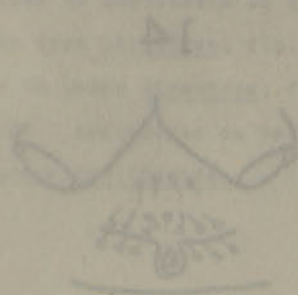
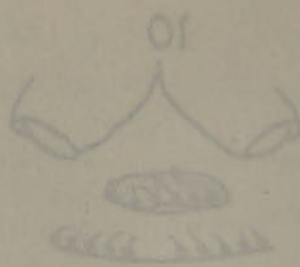
Fig. 1 - Morfologia do campo genital; figs. 2,3,4,5,6,7,8 e 9 - representação esquemática de diversos tipos de campos genitais; fig. 7 - quetotaxia do tipo Dithinae; fig. 8 - quetotaxia do tipo Chthoniinae; fig. 9 modalidade de quetotaxia do tipo Neobisiides.











OCORRÊNCIAS DE EXCORALLANA SUBTILIS (Hansen) , EXCORALLANA OCULATA (Hansen), EXCORALLANA WARMINGII (Hansen) E DESCRIÇÃO DE UMA ESPÉCIE NOVA EXCORALLANA BICORNIS DO LITORAL NORTE DO BRASIL.

(com 40 figuras)

ALCEU LEMOS DE CASTRO

Museu Nacional-Rio de Janeiro, GB.

IDALINA MARIA BRASIL LIMA *

Museu Nacional-Rio de Janeiro, GB.

O gênero Excorallana Stebbing se compõe de dezessete espécies conhecidas até agora, a maioria das quais atlânticas ou mesmo do litoral atlântico das Américas, sendo apenas três referidas para o Pacífico. Dessas dezessete, seis são dadas como ocorrendo no litoral brasileiro: E. acuticauda Miers, E. quadricornis (Hansen), E. longicornis Lemos de Castro, E. costata Lemos de Castro, E. longicornis Lemos de Castro, E. angusta Lemos de Castro e E. richardsoni Lemos de Castro.

O exame do material colecionado pelo navio oceanográfico Almirante Saldanha levou à constatação da ocorrência de três outras espécies já conhecidas das Antilhas e da America Central, bem como da existência de exemplares que nos parecem constituir uma espécie nova.

* Bolsista do Conselho Nacional de Pesquisas

Excorallana bicornis sp. n.

MATERIAL EXAMINADO

Litoral do Território do Amapá 02957' N-49904' W, D.H.N. 313, 4 exemplares fêmeas e quatro machos.

DESCRIÇÃO

MACHO- corpo alongado e estreito (largura cêrca de um terço do comprimento). Olhos de tamanho médio, muito afastados entre si. Região média da cabeça provida de dois cornos destacados situados junto à borda dos olhos, entre os quais se forma um profundo sulco longitudinal.

Lâmina frontal duas vezes e meia mais longa do que larga e com os lados quase paralelos e borda distal arredondada.

Antênulas com um dente aguçado no artícolo basal: flagelo com cerca de sete artículos, o primeiro cerca de duas vezes mais longo que os demais. Antenas longas alcançando a extremidade do terceiro pereonito; pedúnculo com os artículos dois e três bem mais curtos que os demais, que são estreitos e alongados. Flagelo com cerca de vinte artículos.

Maxilípodos com os artículos lisos, os três últimos providos de cerdas.

Mandíbulas com os artículos do palpo muito longos e delgados com cerdas nos dois segmentos terminais.

Primeiro somito do përeon com dois destacados cornos ainda mais desenvolvidos que os da cabeça, junto à margem anterior de um lado e outro da linha mediana. Este somito é mais longo que os demais que são relativamente do mesmo comprimento.

Pereópodos sem características especiais.

Somitos do plëon providos por fileiras transversais de pequenos tubérculos arredondados, mais acentuados junto à margem posterior e proporcionalmente mais desenvolvidos no quinto somito. Há um profundo sulco longitudinal mediano extendendo-se por todo o plëon.

Segundo plëópodo do macho com pênis estreito e tão longo quanto endopodito.

Têlson triangular, profundamente incisado dos lados, acompanhando esta

incisão uma fileira de cerdas grossas. A superfície dorsal é também provida de numerosas cerdas grossas, distribuídas longitudinalmente de um lado e outro da linha mediana, mais condensadas na metade posterior. Seis tubérculos arredondados são presentes junto à margem anterior, três de cada lado da linha mediana. Lateralmente, na altura da inserção dos urópodos, o telson apresenta um espessamento provido com alguns tubérculos. Cerdas são presente nas margens da parte posterior, do limite das incisões para trás.

Urópodos com exopoditos ovais, alongados, com uma incisão distal e ornados com cerdas em toda a margem. Endopoditos tão longos quanto os exopoditos, ligeiramente mais longos que o telson. São muito mais largos que os exopoditos, truncados e com um pequeno espinho na extremidade. São também providos de numerosas cerdas em toda a margem.

FÊMEA- toda superfície dorsal do corpo é revestida por cerdas especialmente distribuídas nas margens laterais e posteriores dos diversos somitos do pêreon e do plêon.

Os somitos do plêon apresentam os tubérculos proporcionalmente menos numerosos e menos desenvolvidos que no macho.

A cabeça e o primeiro somito do pêreon são desprovidos de cornos.

Todos os somitos do pêreon são proporcionalmente do mesmo comprimento.

CONSIDERAÇÕES

Excorallana bicornis se inclui no grupo das espécies com pronunciado dimorfismo sexual, caracterizando-se o macho por apresentar dois destacados cornos na cabeça, ao nível dos olhos e outros dois igualmente desenvolvidos no primeiro segmento torácico.

Das espécies conhecidas do gênero, a que lhe parece mais afim é a Excorallana mexicana Richardson, cujo macho apresenta também dois tubérculos na cabeça, no nível dos olhos; são porém muito mais reduzidos proporcionalmente e não possuem tubérculos nem cornos no primeiro segmento torácico. Poder-se-ia admitir a possibilidade de que tal aspecto represente variação por diferença de idade ou de porte, porém os exemplares machos estudados por Richardson provenientes do Golfo do México, do Delta do Mississipi e da Flórida, alcançam o por-

te de sete milímetros, que é em média o tamanho dos exemplares do norte do Brasil. Nestas condições, até que estudos posteriores possam demonstrar o contrário, consideramos os espécimens em mãos, como constituindo uma espécie distinta.

Excorallana sublitlis (Hansen)

Corallana subtilis Hansen, Vidensk. Selsk. Skr. (6), V, 1890: 382-383, pl. VII; figs 3-30.

Excorallana subtilis Richardson, Proc. U.S. Nat. Mus. XXIII, 1901: 519.

Excorallana subtilis Lemos de Castro, Contrib. Avuls. Inst. Oceanog. S. Paulo, Ocean. Biol. 6, 1964:4 - Monod, Cah. O.R.S.T.O.M., ser. Oceanog., 7 (3), 1969:50- Muller, Proc. U.S. Nat. Mus. 125 (3652), 1968: 17, fig. 4.

MATERIAL EXAMINADO

1) Ilha dos Carecas, Jurujuba, Niteroi, Estado do Rio de Janeiro, Ivo Pereira col., 24/5/64, um exemplar fêmea. 2) Litoral do Território do Amapá, 02°57'N - 49°04' W, D.N.H. 313, um exemplar fêmea.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

St. Thomas, West Indians (Antilhas); Flórida, U.S.A.; litoral do Território do Amapá e Estado do Rio de Janeiro, Brasil.

CARACTERIZAÇÃO

Fronte dilatada em um processo triangular. Artículo basal do pedúnculo do primeiro par de antenas fortemente dilatado. Olhos de tamanho médio, largamente separados.

Lâmina frontal mais larga que longa, de forma aproximadamente triangular.

Maxilípodos providos de destacados tubérculos largos e arredondados, espalhados pelos diferentes artículos.

Mandíbula com um dente próximo da extremidade distal e com os artículos do palpo extremamente delgado.

Telson incisado lateralmente, com a superfície dorsal provida de dois grandes tubérculos agudos próximos da base e com numerosas cerdas distribuídas longitudinalmente de um lado e de outro da linha mediana e nas bordas das inser-

ções laterais.

Urópodos com os dois ramos desenvolvidos igualmente e mais longos que o telson. Endopodito distintamente mais largo que o exopodito, ambos com a extremidade distal um tanto aguda. As bordas inteiras dos dois ramos são ornadas com cerdas.

CONSIDERAÇÕES

Há forte probabilidade de que a Excorallana antillensis seja sinônima desta espécie, uma vez que os espécimes- tipos ocorrem na mesma localidade, apresentando por outro lado, apesar da diferença de porte, semelhanças muito grandes, inclusive quanto ao aspecto da lâmina frontal.

Em ambas as espécies, o primeiro artigo do pedúnculo das primeiras antenas é enormemente dilatado e o telson possui dois característicos tubérculos próximos da base.

Em ambas as espécies, a lâmina frontal é descrita como mais longa que larga, estreitando-se para o ápice que é arredondado e superficialmente escavado, diferindo neste particular, do aspecto observado nos dois exemplares do litoral brasileiro, nos quais a lâmina frontal é distintamente mais larga do que longa e com a extremidade distal largamente truncada.

É assim pois, com alguma reserva, que situamos os dois referidos exemplares em mãos, como pertencente à espécie Excorallana subtilis.

Podemos ainda afirmar que a espécie em questão é extremamente afim à Excorallana richardsoni Lemos de Castro, especialmente pelo aspecto do primeiro par de antenas e da lâmina frontal.

Excorallana oculata (Hansen)

Corallana oculata Hansen, Vidensk. Selsk. Skr. (6), V, 1890: 386-387, pl. VII, figs. 6-6b.

figs. 6-6b

Excorallana oculata Richardson, Proc. U.S. Nat. Mus. XXIII, 1901: 519, fig. 134.

Excorallana oculata Lemos de Castro, Contrib. Avuls. Inst. Ocean. Oceanogr. Biol. 6, 1964:5 --- Monod, Csh. O.R.S.T.O.M. ser. Oceanog., 7 (3), 1969: 50

MATERIAL EXAMINADO

Litoral do Território do Amapá, 02957' N- 49904' W, D.H.N. 313, um exemplar macho.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Antilhas e Litoral do Amapá, Brasil.

CARACTERIZAÇÃO

Margem frontal da cabeça, sem processo mediano aparente. Olhos escuros, muito grandes, ocupando a quase totalidade da superfície dorsal da cabeça, exceto por uma pequena área mediana posterior; ocelos muito grandes e hemisféricos.

Lâmina frontal cerca de três vezes mais longa que larga, estreitada à meia distância entre a base e o ápice, arredondada anteriormente; apresenta-se escavada em grande parte de seu comprimento.

Maxilípodos com os três últimos artigos com cerdas fortes, muitas delas providas, em uma das bordas, de uma fileira de cerdas menores.

Somitos de abdôme relativamente pouco tuberculados, existindo uma fileira de tubérculos longitudinal mediana mais destacada.

Telson com ápice sub-agudo e com duas profundas incisões laterais, com dois tubérculos, junto à base e duas áreas longitudinais providas de cerdas.

Os urópodos estendem-se um pouco além da extremidade do telson. Ramo interno um pouco mais largo que o externo, quase duas vezes tão longo quanto o largo, a margem interna fortemente curvada e o ápice um tanto destacado e agudo.

A parte posterior do telson e os dois ramos dos urópodos apresentam as margens fortemente revestidas de cerdas longas.

Excorallana warmingii (Hansen)

Corallana warmingii Hansen, Vidensk. Selsk. Skr. (6), V, 1890: 387-388, pl. VII, 'figs. 7-71.

Excorallana warmingii Richardson, Proc. U.S. Nat. Mus., XXIII, 1901: 519, fig. '135.

Excorallan warmingii Lemos de Castro, Contrib. Avul. Inst. Oceanogr. Ocean. Biol. 6 1964: 5.

MATERIAL EXAMINADO

Litoral do Território do Amapá, 02957' N- 49904' W, D.H.N. 313, um exemplar macho.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Cabo Catoche, Yucatan, América Central e Litoral do Amapá, Brasil.

CARACTERIZAÇÃO

Cabeça com a margem anterior largamente arredondada. Olhos grandes, ocupando grande parte da superfície dorsal da cabeça, exceto por uma pequena área mediana posterior. Ocelos muito grandes e hemisféricos.

Lâmina frontal cerca de duas vezes e meia mais longa que larga, com os lados estreitando-se da base para o meio tornando-se retos e paralelos até o ápice que é arredondado.

Mandíbula com um forte dente junto à base de palpo; palpo com os artí-culos relativamente curtos e grossos.

Sétimo somito do péréon distintamente mais curto que os demais.

Todos os somitos do péréon têm a superfície dorsal totalmente lisa.

Margem posterior dos quatro últimos somitos do pléon fracamente tuberculada.

Telson estreito e longo, com incisões laterais, com a extremidade posterior arredondada e crenulada. As crenulações mais apicais são mais desenvolvidas.

Ramo interno do urópodo é largo com a margem interna largamente arredondada e a extremidade terminando em ângulo agudo; suas margens são ligeiramente crenuladas próximo do ápice. O ramo externo é estreito, menos da metade da largura do interno e um pouco mais curto.

BIBLIOGRAFIA

HANSEN, H.J.

1890

Cirolanidae et familiae nonnullae propinquae Musei Hauniensis. Vidensk. Selsk. Skr. 6, Raekke, Naturvidensk. of mathem. Afd. V. 3: 239-426, pls I-X.

LEMOS de CASTRO, A.

- 1960 Quatro espécies novas brasileiras de Excorallana ' Stebbing, 1904 (Isopoda Excorallanidae) Arq. Mus. Nac. 50 : 61-78 figs. 1-37.

LEMOS de CASTRO, A.

- 1964 Redescricao de Excorallana quadricornis (Hansen) e chave de classificacao para as espécies do gênero. Contrib. Avul. Inst. Oceanogr. S. Paulo (Oceanograf. Biol.) 6: 1-6 figs. 1-10

MONOD, TH.

- 1969 Sur trois crustaces isopodes marins de la region ' Guyane- Amazonas. Cah. O.R.S.T.O.M. (Oceanogr.) 7 (3): 47-68 figs. 1- 66.

NIERSTRASZ, H.

- 1931 Die Isopoden des Siboga Expedition Flabellifera. ' Siboga-Exp. 32: 121- 233, 129 text-figs., 2pls.

RICHARDSON, H.

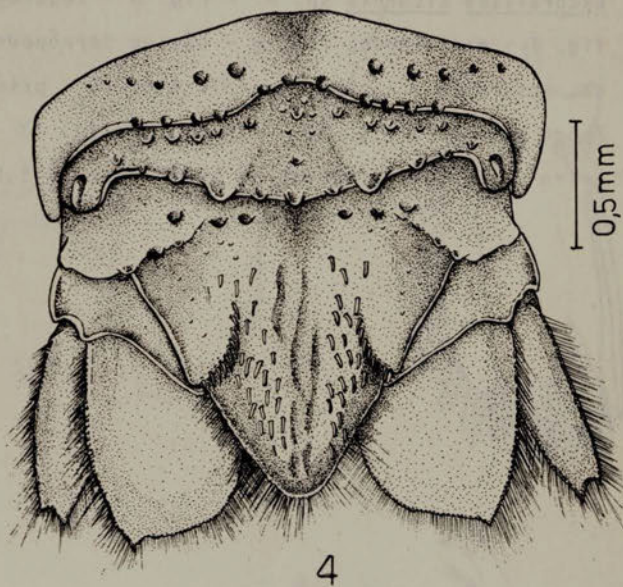
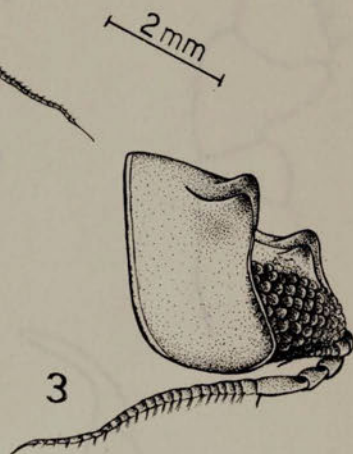
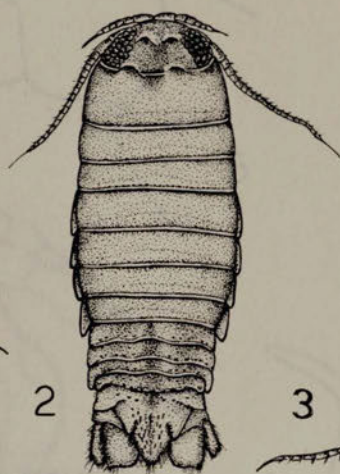
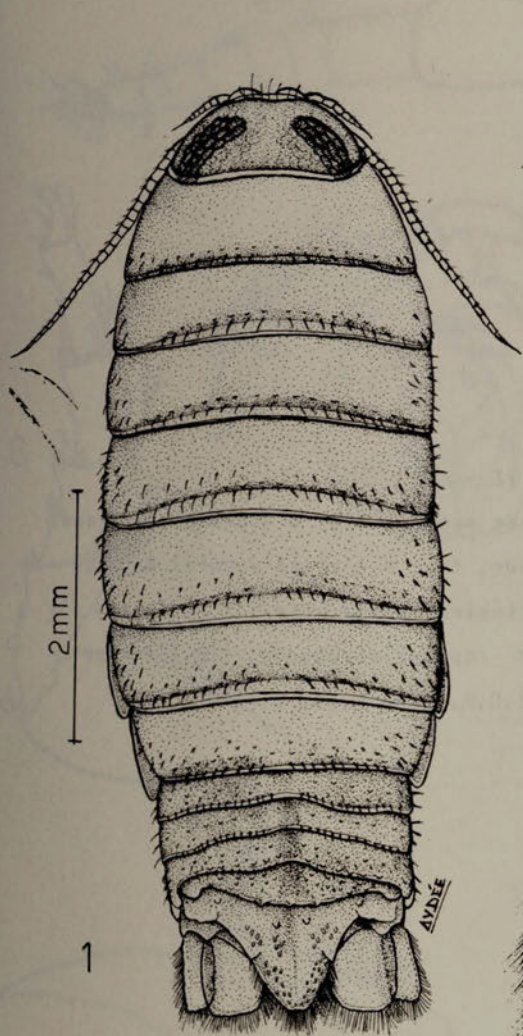
- 1905 A monograph the isopods of North America. Bull. U.S. ' Nat. Mus. 54: I-LIII 1-727, figs 1-740.

STEBBING, T.R.R.

- 1904 Marine crustaceans, XII. Isopoda, with descriptions of a new genus. The fauna and geograpy of the Maldive and Locadive Archipelagoes, II (3) 699-721, pls XLIX-LIII. Cambridge.

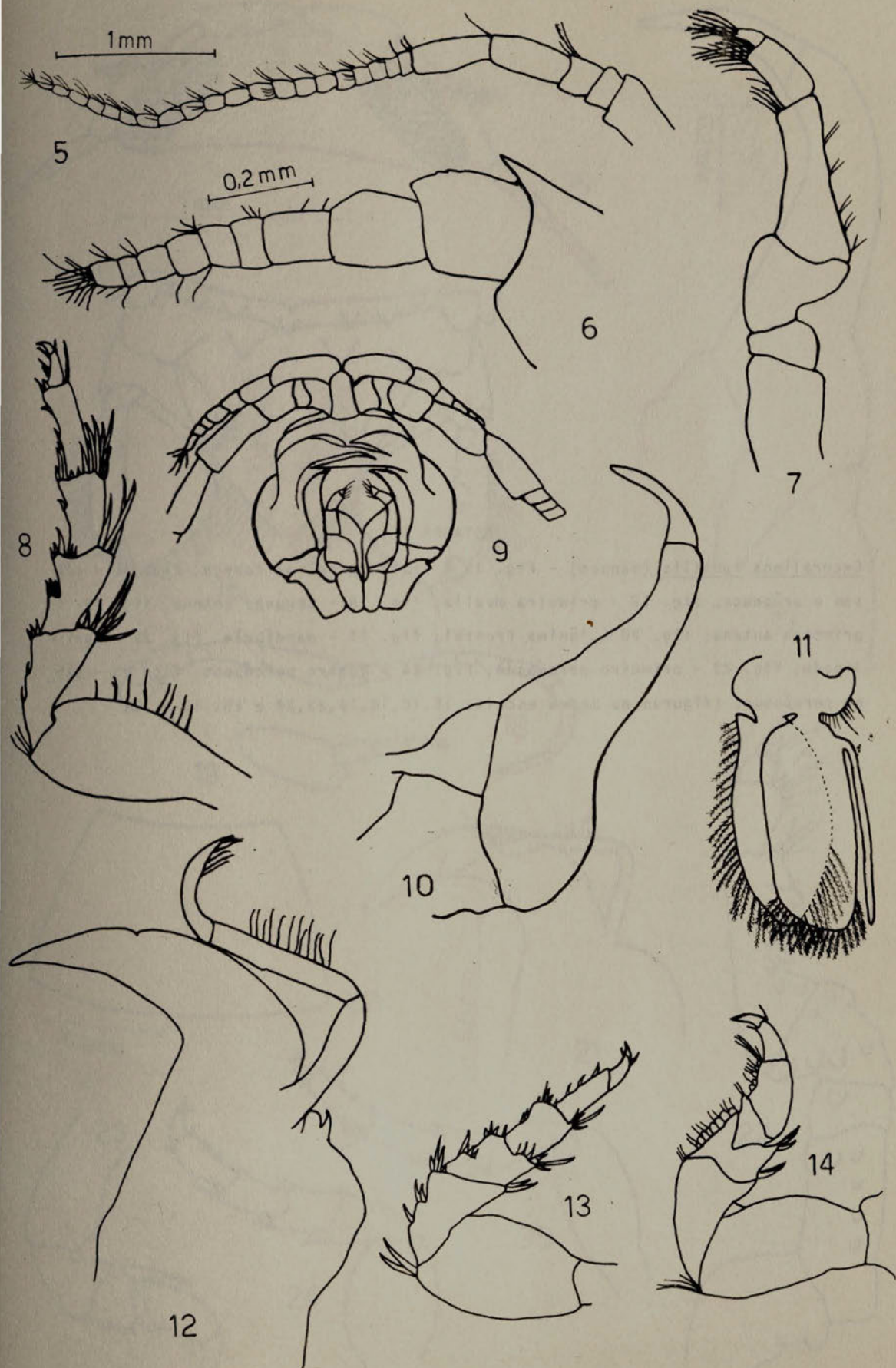
ESTAMPA I

Excorallana bicornis sp. n. - fig. 1 - vista dorsal da fêmea; fig. 2 - vista dor
dorsal do macho; fig. 3 - cabeça e primeiro perionito do macho; fig. 4 - parte '
posterior do macho.



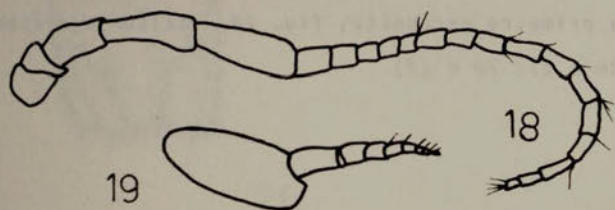
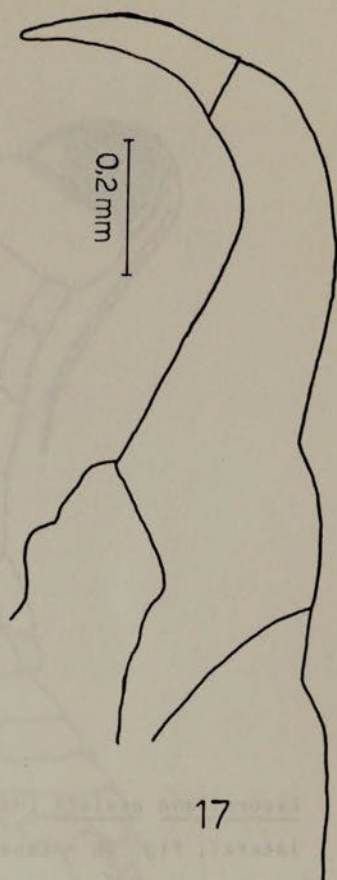
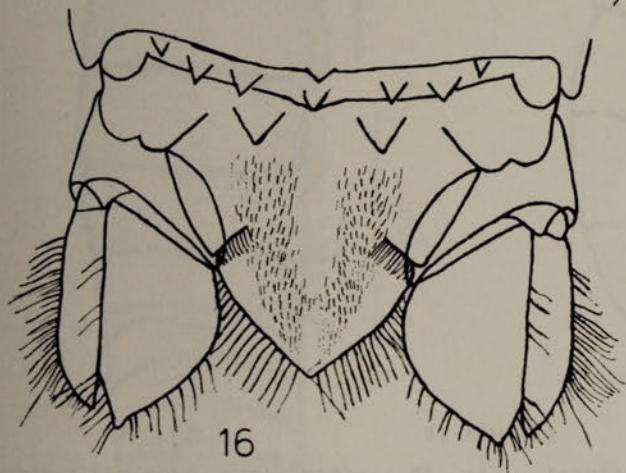
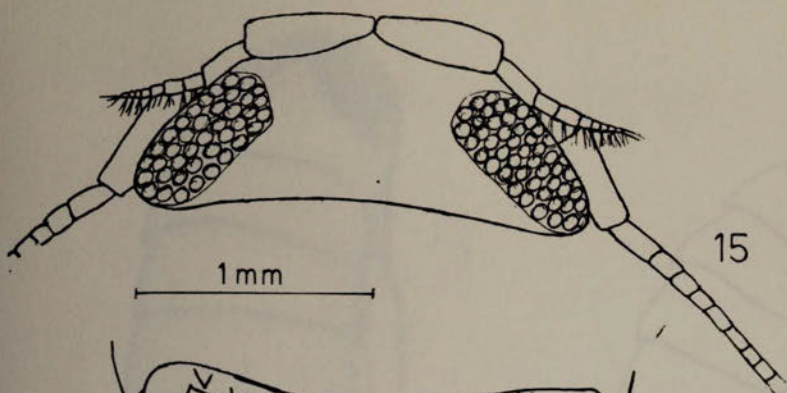
ESTAMPA II

Excorallana bicornis sp. n. - Fig. 5 - segunda antena, fig. 6 - primeira antena; fig. 7 - maxilípedo; fig. 8 - sétimo pereópodo, fig. 9 - vista ventral da cabeça, mostrando a lâmina frontal; fig. 10 - primeira maxila, fig. 11 - segundo pleópodo do macho, fig. 12 - mandíbula; fig. 13 - quatro peréopodo, fig. 14 - primeiro pereópodo. (figuras na mesma escala: 5,8,9,11,13 e 14, 6,7,10 e 12)

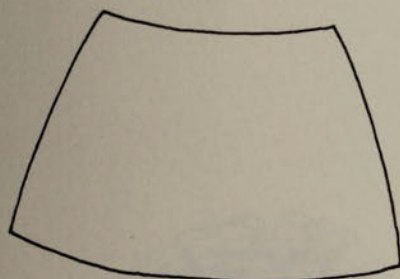


ESTAMPA III

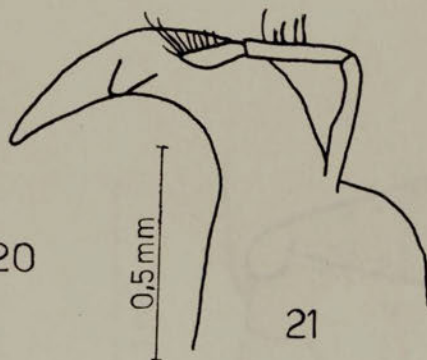
Excorallana subtilis (Hansen) - Fig. 15 - vista dorsal da cabeça, fig. 16 - telson e urópodos; fig. 17 - primeira maxila, fig. 18 - segunda antena, fig. 19 - primeira antena, fig. 20 - lâmina frontal; fig. 21 - mandíbula; fig. 22 - maxilípodo; fig. 23 - primeiro pereópodo, fig. 24 - quarto pereópodo, fig. 25 - sétimo pereópodo. (figuras na mesma escala: 15, 16, 18, 19, 23, 24 e 25, 17 e 22)



19



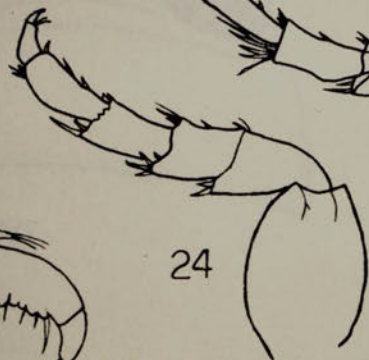
20



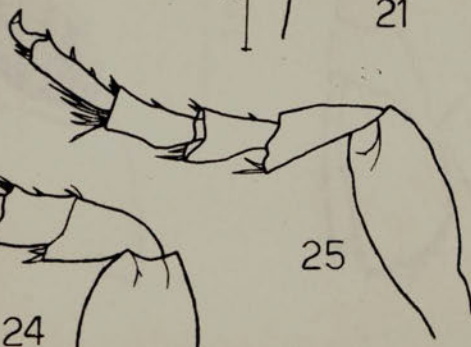
21



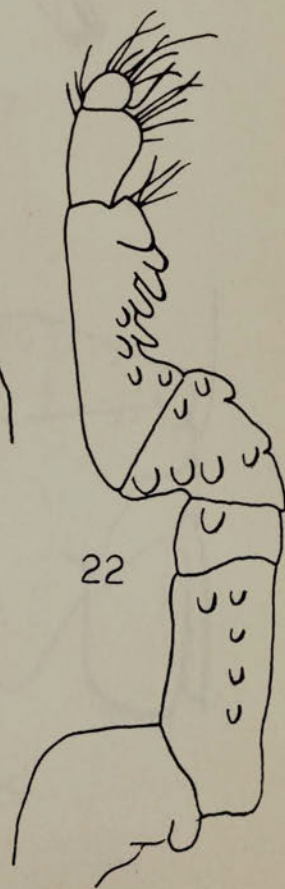
23



24



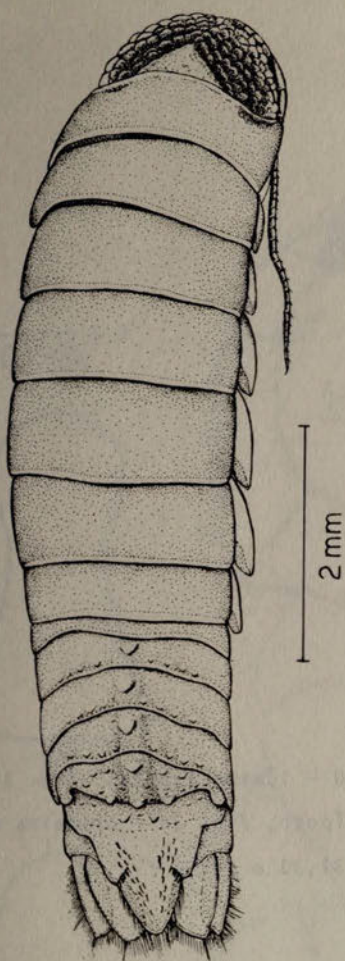
25



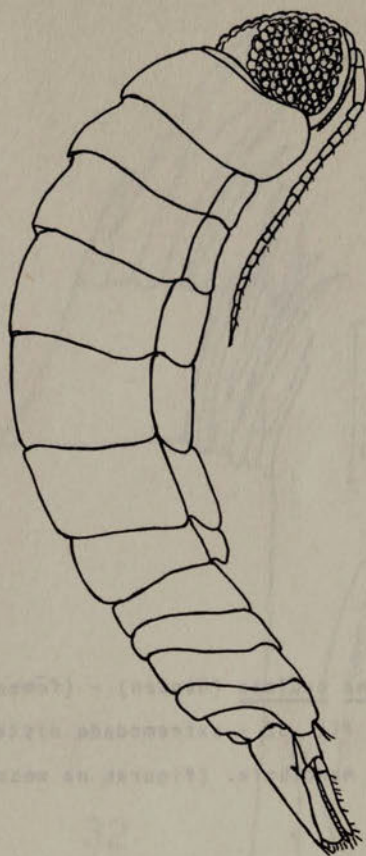
22

ESTAMPA IV

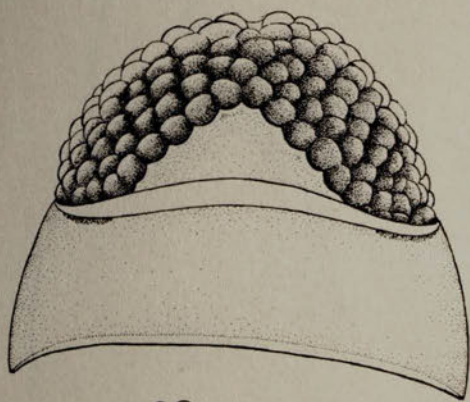
Excorallana oculata (Hansen) - (fêmea) - Fig. 26 - vista dorsal; fig. 27 - vista lateral, fig. 28 - cabeça e primeiro pereonito; fig. 29 - telson e urópodos. (figuras na mesma escala: 26 e 27; 28 e 29)



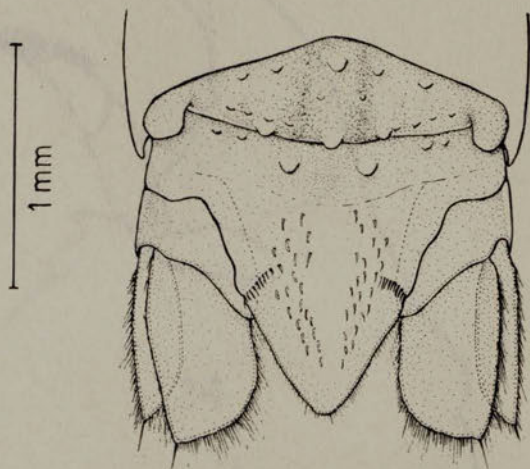
26



27



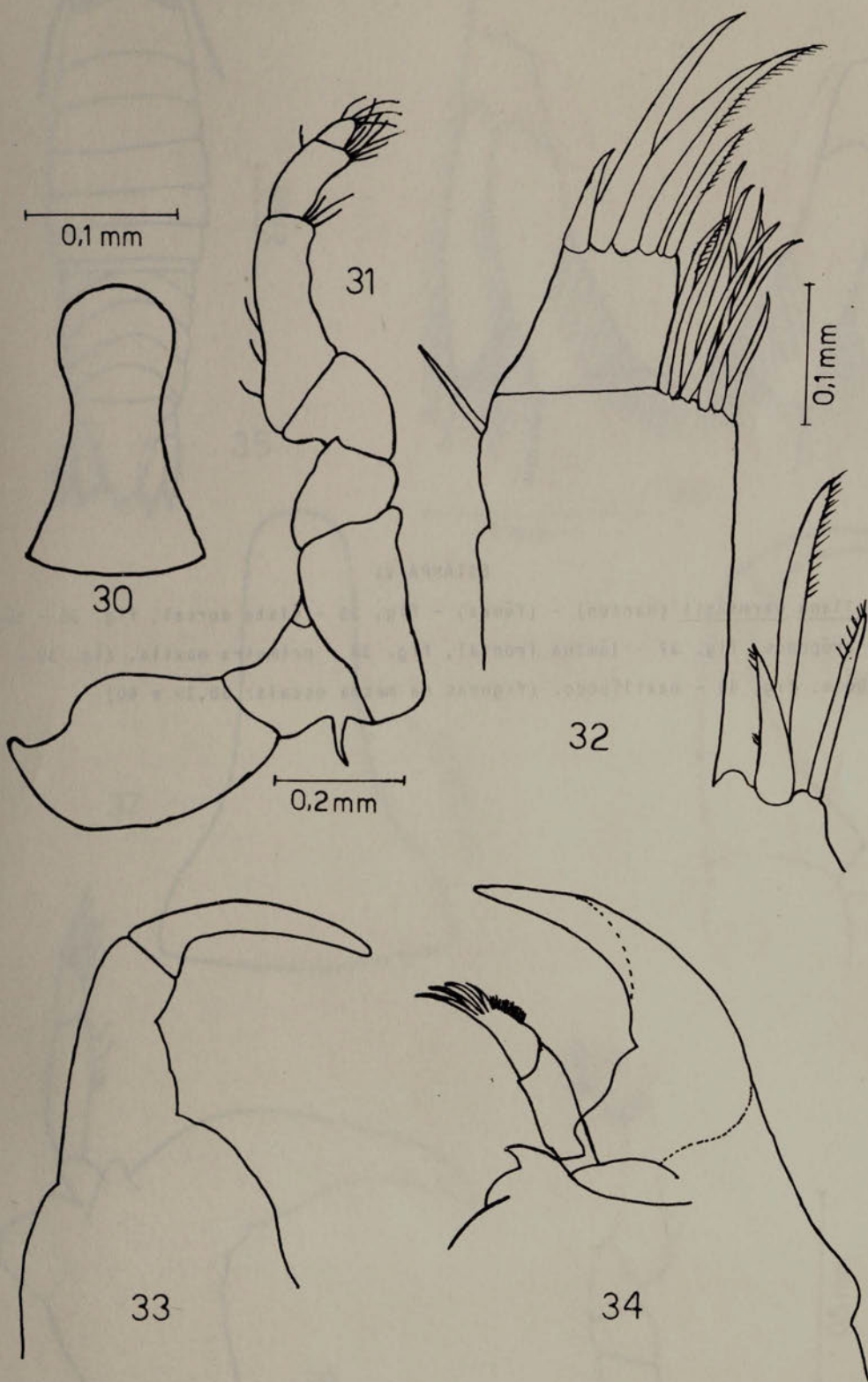
28



29

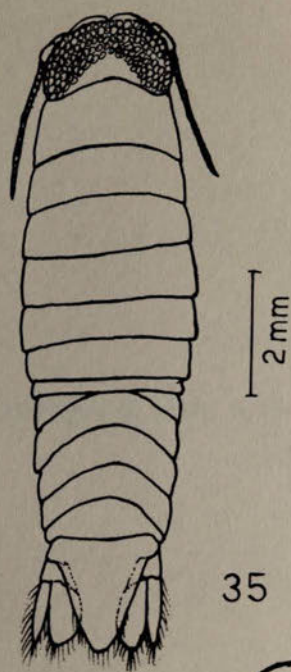
ESTAMPA V

Excorallana oculata (Hansen) - (fêmea) - Fig. 30 - lâmina frontal; fig. 31 - maxilípodo; fig. 32 - extremidade distal do maxilípodo; fig. 33 - primeira maxila, fig. 34 - mandíbula. (figuras na mesma escala: 31,33 e 34)

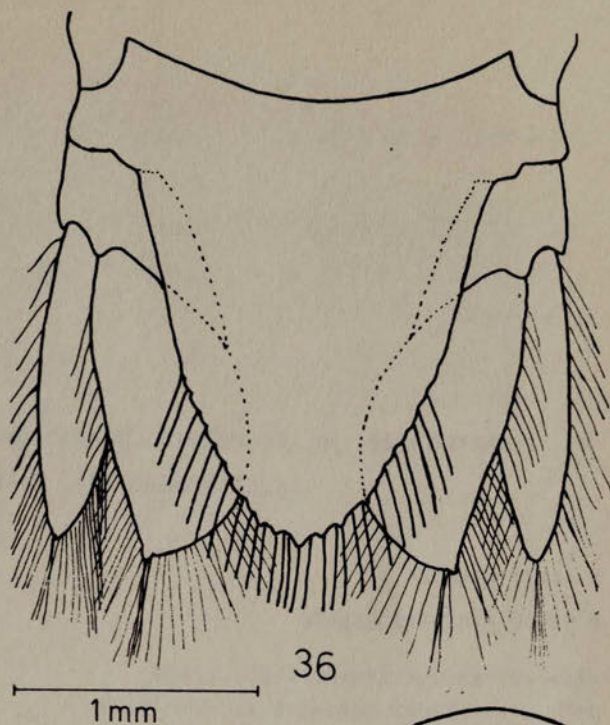


ESTAMPA VI

Excorallana warmingii (Hansen) - (fêmea) - Fig. 35 - vista dorsal; fig. 36 - telson e urópodos; fig. 37 - lâmina frontal, fig. 38 - primeira maxila, fig. 39 - mandíbula; fig. 40 - maxilípodo. (figuras na mesma escala: 38,39 e 40)

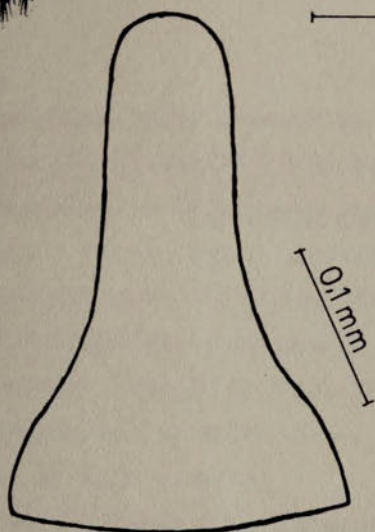


35



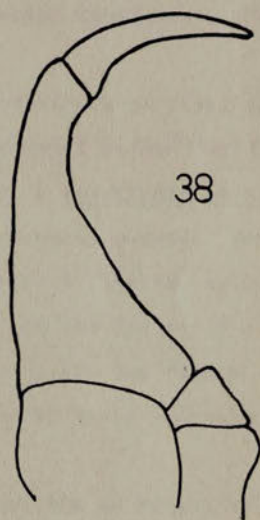
36

37

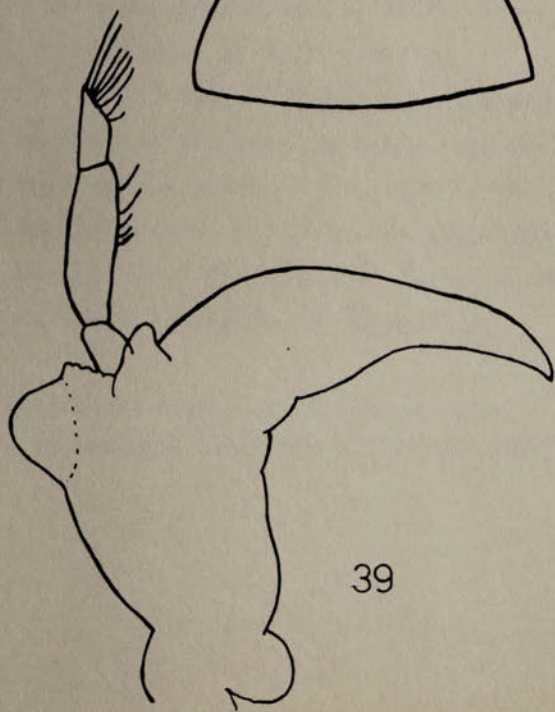


0.1 mm

38



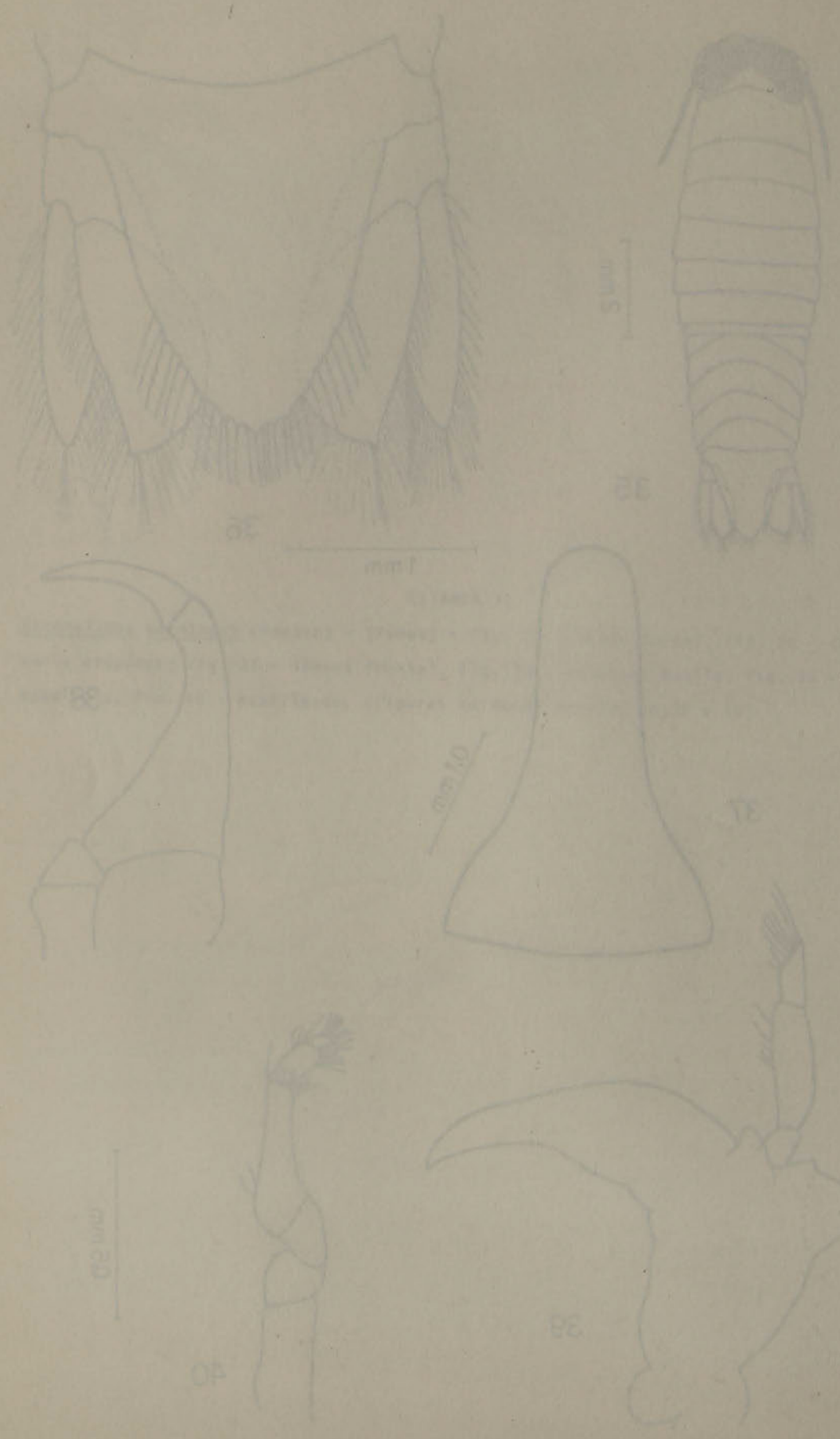
39



40



0.5 mm



ICTIOFAUNA DE MINAS GERAIS. VI - DUAS NOVAS OCORRÊNCIAS DE CIPRINIFORMES EM
ÁGUAS MINEIRAS (ACTINOPTERYGII)

VITÓRIA BRANT *

SÉRGIO YPIRANGA PINTO *

Depto. de Zoologia e Parasitologia
Instituto de Ciências Biológicas, UFMG

Continuando nosso trabalho de levantamento da ictiofauna de Minas Gerais, registramos aqui a ocorrência de duas espécies pertencentes às famílias Characidae e Parodontidae — Characidium etheostoma Cope, 1871 e Apareiodon pirassunungae Campos, 1945 —, cujas localidades típicas são, respectivamente, Rio Anbyiacu e Rio Mogi-Guaçu. A distribuição geográfica, que estava limitada no primeiro caso ao Alto Amazonas e no segundo ao Rio Mogi-Guaçu, em São Paulo, já pode ser ampliada para o estado de Minas Gerais, muito embora, o Rio Mogi-Guaçu e o Rio Grande façam parte da mesma bacia, a espécie em causa não havia até então sido assinalada em águas mineiras.

A espécie Characidium etheostoma foi assinalada no Rio do Peixe, no município de São Roque de Minas. O exemplar achava-se nadando bem próximo da margem e foi capturado ao se passar a peneira junto a vegetação que submergia nas águas marginais. O material de Apareiodon pirassunungae foi capturado na confluência do Ribeirão da Estação com o Rio Jacaré, no município de Cana Verde e no Rio Grande, município de Macaia, MG.

* Em regime de dedicação exclusiva (COPERTIDE)

Limitamo-nos a descrever sumariamente o material da primeira espécie citada, pois o segundo já foi bem caracterizado em trabalhos anteriores, tanto por Amaral Campos (1945) como por Haroldo Travassos (1959).

Material estudado: MHNI 073 - Characidium etheostoma Cope, 1 871 / Rio do Peixe - São Roque de Minas - MG / Sérgio Ypiranga Pinto & Vitória Brant col. 26/8/1 971 / Sérgio Ypiranga Pinto det. 10 / 1 971. MHNI 084 - Apareiodon pirassunungae Campos, 1 945 / Barra do Ribeirão da Estação com Rio Jacaré - Ponte sobre o Rio Jacaré - Município de Cana Verde - MG / Julio Martins col. 5/4/1 969 / Vitória Brant Ribeiro det. 23/2/1 972. MHNI 085 - Apareiodon pirassunungae Campos, 1 945 / Rio Grande - Macaia - MG / Julio Martins col. 13/10/1 968 / Vitória Brant Ribeiro det. 23/2/1 972.

Characidium etheostoma Cope, 1 871

De pequeno porte e corpo alongado por escamas do tipo ciclóide. A Cabeça é grande, cônica e ligeiramente deprimida do espaço interorbital até a região occipital; olhos laterais e bem desenvolvidos, com diâmetro igual ao comprimento do focinho. Narinas duplas, boca anterior de corte reto, dentes pequenos e numerosos do tipo cilindrocônico. O osso maxilar é saliente e a região opercular se apresenta bem desenvolvida, porém formada por ossos frágeis; a abertura opercular é ampla.

Apresenta nadadeiras fortes e bem desenvolvidas, o que denota ser bom nadador, com exceção da adiposa que é bastante pequena. A nadadeira dorsal, cuja membrana interrredial é pigmentada de castanho, conta com 10 raios; as peitorais com 14, igualmente pigmentados; as nadadeiras ventrais possuem 9 raios, que são bem menos pigmentados do que as anteriores; a anal possui 7 raios ramificados e é pouco pigmentada; a caudal com 21 raios é ligeiramente pigmentada com a base escamosa, apresenta-se falcada com os lobos bem distintos. A adiposa é de pigmentação bastante intensa com margem ligeiramente franjada.

A linha lateral é reta e está localizada aproximadamente na metade da altura do corpo, correndo desde o ângulo superior do opérculo até a base da cau-

dal. Suas escamas são de tamanho igual as demais, apenas, possuem uma concentração maior de pigmento, o que escurece bastante a região da linha lateral.

O exemplar apresenta cor amarelo-palha com 10 barras transversais castanhas mais escuras na região dorsal e esmaecendo na região ventral; a parte superior da cabeça é escura e a região opercular prateada. Cabe-nos lembrar que o espécime acha-se conservado em álcool.

O perfil ventral apresenta-se reto até o início da anal, quando, então, faz uma ligeira ascensão para atingir o pendúnculo; o perfil dorsal é suavemente arqueado até o início da dorsal, quando, também, há um maior aclave para logo após descer reto até a caudal.

SUMMARY

In this paper the authors presents two new records for Characidium etheostoma Cope, 1871 and Apareiodon pirassunungae Campos, 1945 in the Minas Gerais State, Brazil, and a brief description of the first species in presented for a best knowledge.

BIBLIOGRAFIA

CAMPOS, A. A.

- 1945 Sobre os caracídeos do Rio Mogi-Guaçu (Est. de São Paulo). Arq. Zool. Est. São Paulo 4 (11): 431-463 ilust.

COPE, E. D.

- 1871 On the fishes of the Ambyiacu River. Proc. Acad. Nat. Sci. Philad. : 250-294 ilust.

FOWLER, H. W.

- 1950 Os peixes de água doce do Brasil. Arg. Zool. Est. São Paulo 6: 205-404 ilust.

TRAVASSOS, H.

- 1959 Ictiofauna de Pirassununga. I - Subfamília Parodontinae Eigenmann, 1910 (Actinopterygii, Cypriniformes). Bol. Mus. Nac. (zool.) (n.s.) (129): 1-31 ilust.

Arquivos do Museu de História Natural - Vol. 1 - 1971

Arquivos do Museu de História Natural - Vol. 1 - 1971

Arquivos do Museu de História Natural - Vol. 1 - 1971

Arquivos do Museu de História Natural - Vol. 1 - 1971

Arquivos do Museu de História Natural - Vol. 1 - 1971

Arquivos do Museu de História Natural - Vol. 1 - 1971

Arquivos do Museu de História Natural - Vol. 1 - 1971

Arquivos do Museu de História Natural - Vol. 1 - 1971

Arquivos do Museu de História Natural - Vol. 1 - 1971

Arquivos do Museu de História Natural - Vol. 1 - 1971

Arquivos do Museu de História Natural - Vol. 1 - 1971

Arquivos do Museu de História Natural - Vol. 1 - 1971

Arquivos do Museu de História Natural - Vol. 1 - 1971

ICTIOFAUNA DE MINAS GERAIS. VII - UM NOVO SERRASALMÍDEO DO ESTADO DE MINAS GE -
RAIS, BRASIL (ACTINOPTERYGII, CYPRINIFORMES)
(com 1 figura)

VITÓRIA BRANT *

Depto. de Zoologia e Parasitologia
Instituto de Ciências Biológicas, UFMG

Encontramos no acervo da coleção ictiológica do Museu de História Natural, UFMG exemplares da família Serrasalminidae, coletados no Rio São Francisco, no local denominado Barra do Pimenta, situado na Fazenda Buriti do Meio. Não senão possível inclui-los nos gêneros assinalados na literatura consultada e após ' rigoroso exame, fomos levados à criação de um gênero , cujo nome derivou-se da fazenda onde foi coletado o material. O nome específico dedicamos ao microbiolo- gista Prof. Eduardo Osório Cisalpino, atual diretor do Instituto de Ciências Bio- lógicas e do Museu de História Natural, UFMG, a quem devemos, em grande parte o apoio material para o andamento de nossas pesquisas.

Contamos com a colaboração do estagiário desta seção Dirceu Marzulo ' Ribeiro, na parte que se refere à tomada de medidas biométricas.

*Em regime de dedicação exclusiva (COPERTIDE)

Buritia gen. nov.

DIAGNOSE GENÉRICA

Corpo bastante comprimido, recoberto de escamas cicloides relativamente bem desenvolvidas, cabeça nua, olhos grandes, aproximadamente 2 1/2 vezes no comprimento da cabeça. Um par de narinas com válvulas. Nadadeiras peitorais e ventrais pouco desenvolvidas. Anal prolongada. Um espinho retrovertido no início da dorsal. Os rastros são filamentosos e bastante longos, contamos 9 no ramo ascendente, 1 no ângulo e 13 no ramo descendente.

Espécie-tipo - Buritia cisalpinoi sp. nov.

DIAGNOSE DIFERENCIAL

Como gênero mais próximo citamos Stethaprion Cope, 1870, dêste se diferenciando pela presença de dentes bem desenvolvidos nos maxilares, dorsal bastante longa e anal com os primeiros raios muito prolongados.

Buritia cisalpinoi sp. nov.

D.I + 10, A. IV + 37, P. 10; V. 7; C. 21

Localidade-tipo: Barra do Pimenta, Faz. Buriti do Meio, Rio São Francisco, Pompeu, MG.

Corpo muito comprimido, de forma romboide, recoberto de escamas do tipo cicloide bem desenvolvidas. A cabeça é pequena e sem escamas, contida aproximadamente cinco vezes no comprimento total. Os olhos são grandes, iguais a 2 e 1/3 do comprimento da cabeça e igual ao espaço interorbital, neste último acha-se a única parte do corpo que é deprimida, tornando o perfil côncavo nesta região. As narinas são simples divididas ao meio por uma valva dando impressão de duplicidade. A boca é pequena e horizontal, os lábios recobrem os dentes que são robustos e todos tricúspides com a cúspide mediana muito maior do que as laterais e estão distribuídos em fileiras simples na mandíbula e no osso maxi-

lar e em fileiras duplas nas maxilas.

O opercular é inerte e transparente deixando vislumbrar as lamellae, e o preopercular é bem mais compacto. O osso maxilar, na sua extremidade distal ultrapassa o bordo anterior da órbita atingindo quase sua metade.

As nadadeiras peitorais e ventrais são pouco desenvolvidas e de formato aproximadamente triangular. A dorsal apresenta seu único acúleo pequeno e retrovertido e os primeiros raios flexíveis bem desenvolvidos. A anal é extensa e com os primeiros raios moles muito alongados, os acúleos acham-se deitados numa calha formada de escamas da região ventral. A caudal é bem desenvolvida e falcada. A adiposa possui a margem livre franjada. Tanto a nadadeira dorsal quanto a anal possuem a base muito escamosa e carnuda.

A linha lateral está localizada aproximadamente na metade da altura do corpo e vai desde o ângulo superior da fenda opercular até um pouco antes da base da caudal.

Os arcos branquiais são delgados, sendo o ramo descendente aproximadamente igual ao dobro do ascendente. Os rastros são longos e delgados quase se confundindo com as lamellae e diminuem ligeiramente de tamanho à medida que se aproxima das extremidades do arco.

COLORAÇÃO (em álcool)

Amarelo-palha com uma faixa escura acima da linha lateral a partir da metade do comprimento standard. O dorso e a extremidade de todas as nadadeiras ímpares, inclusive a adiposa, apresentam-se pigmentadas. As nadadeiras pares são totalmente imaculadas.

MATERIAL ESTUDADO - NHNI 042 - Rio São Francisco, Barra do Pimenta, Faz. Buriti do Meio, Pompêu, MG / Júlio Martins col. 17-22/1/1969 / Vitória Brant det. 1972. NHNI 142 a 146 - Rio São Francisco, Barra do Pimenta, Faz. Buriti do Meio, Pompêu, MG / Júlio Martins col. 17-22/1/1969 / Vitória Brant det. 1972.

O holótipo encontra-se marcado com contas vermelhas e depositado na estante de tipos do Museu de História Natural da UFMG, Belo Horizonte, MG e re-

gistrado sob o número MHNI 141.

SUMMARY

Among the specimens of the ichthyologic collection of the Museum of Natural History - UFMG, we have found some material of Serrasalminae family, collected in Barra do Pimenta, São Francisco River in a farm called Buriti do Meio. It was impossible to include them in any of the genera known in the literature and, after a rigorous examination, we were forced to create a new one with a name derived from the farm where the material was collected. The specific name honors Prof. Eduardo Osório Cisalpino, Director of the Biological Sciences Institute to whom we owe the material help to our researches.

BIBLIOGRAFIA

BOHLKE, J. E.

1956 - Studies on fishes of family Characidae Nr. 16 - A new Hyphessobrycon from Costa Rica. Bull. Florida State Mus. Biol. Sci. 3 (4): 173-174 ilustr.

COPE, E. D.

1870 - Contribution to the Ichthyology of Marañon. Proc. Amer. Philos. Soc. 11: 559 - 570 ilustr.

EIGENHANN, C. H.

1917 - The American Characidae. Mem. Mus. Comp. Zool. 43 (1): 1 - 102 ilustr.

EIGENHANN, C. H. & Myers, G. S.

1929 - The American Characidae. Mem. Mus. Comp. Zool. 43 (5): 429 - 574 ilustr.

FOWLER, H. W.

1950 - Os peixes de água doce do Brasil. Arq. Zool. São Paulo VI: 205 - 404 ilustr.

Buritia cisalpinoi Brant, 1 972
(medidas em milímetros)

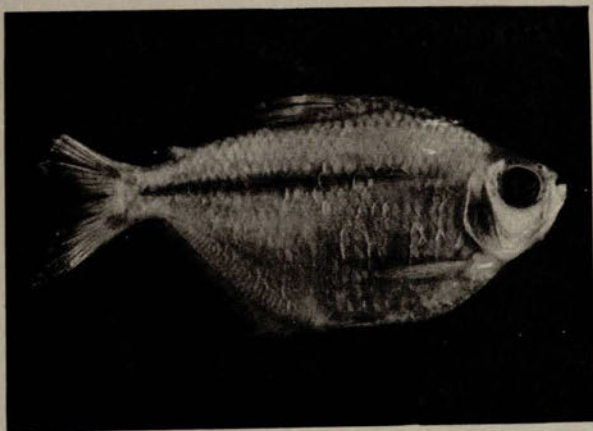
Número.....	141	142	143	144	145	146
Comprimento						
Total.....	86	85	85	85	83	84
Standard.....	71	65	67	65	69	66
Cabeça.....	18	17	17	17	18	17
Lábio-ocipital.....	20	18	20	18	20	20
Lábio-olhos.....	5	4	5	5	5	4
Lábio-dorsal.....	35	33	35	33	33	33
Lábio-adiposa.....	58	55	55	54	57	55
Lábio-anal.....	43	42	40	42	42	42
Lábio-orifícios.....	41	40	40	40	40	40
Base da dorsal.....	12	10	10	10	11	10
Base da anal.....	30	26	26	26	28	26
Espaço interocular.....	6	6	6	6	6	6
Espaço interdorso-adiposa..	17	16	15	16	17	17
Diâmetro dos olhos.....	6	6	6	6	6	6
Altura						
Máxima.....	36	34	33	34	35	33
Do pedúnculo.....	8	7	8	8	7	7
Dorsal.....	21	22	22	22	21	23
Anal.....	22	25	23	25	26	22
Peitoral.....	16	16	16	16	16	15
Ventral.....	11	10	10	10	10	10
Largura						
Máxima.....	9	9	9	9	9	9
Do pedúnculo.....	3	3	3	3	3	3
Escamas						
Pré-dorsais.....	10	12	12	10	10	8
Pré-adiposas.....	11	10	11	10	11	11
Pós-adiposas.....	6	9	9	9	7	7
Pré-ventrais.....	14	15	16	17	12	16
Pré-orifícios.....	4	5	4	5	4	4
Pós-orifícios.....	4	5	4	4	4	3
Pós-anal.....	5	6	8	5	6	5
Linha lateral.....	34	34	34	37	32	34
Linha transversal.....	16	17	18	18	16	17
Cinta do pedúnculo.....	7	7	7	7	7	7

Raios

Dorsal.....	I+10	I+10	I+11	I+11	I+11	I+10
Anal.....	IV+30	IV+31	IV+32	IV+33	IV+33	IV+31
Peitoral.....	I+11	I+11	I+12	I+11	I+11	I+10
Ventral.....	8	8	8	8	8	8
Caudal.....	4+20+4	4-19-4	4+19+4	4+19+4	-	4-19-4

Relações

Cabeça/corpo.....	4,78	5,00	5,00	5,00	4,60	4,93
Altura/corpo.....	2,38	2,50	2,57	2,50	2,37	2,54
Olhos/cabeça.....	3,00	2,83	2,83	2,83	3,00	2,83
Olhos/interorbital.....	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00
Olhos/focinho.....	0,83	0,67	0,83	0,83	0,83	0,67
Focinho/cabeça.....	3,60	4,25	3,40	3,40	3,60	4,25
Interorbital/cabeça.....	3,00	2,83	2,83	2,83	3,00	2,83



Buritia cisalpinoi gen. nov. sp. nov. - Aspecto geral. (Holótipo n^o MHNI 141 .

Comp. total: 87 mm)



IMPrensa UNIVERSITARIA

Caixa Postal, 1621 — 30.000 Belo Horizonte — Minas Gerais — Brasil